REVISTA DA SEMANA

.I. 16 16-4-55 Cr$ 5,00 em todo o Brasil



NO BANCO DOS RÉUS OS CRONISTAS SOCIAIS

VERDADES SÔBRE O PAN-AMERICANO



UM SAMBA FANTÁSTICO DE PONTA A PONTA DO BRASIL

JEAN MANZON — HOSPEDADO NO PALÁCIO DE ALI-KHAN — LEVOU PARA CANNES O SEU GRANDE DOCUMENTÁRIO E NA VOLTA PRODUZIRÁ APENAS "LONGA METRAGEM", MAS FILMES DE FICÇÃO. — PETRÓLEO, CAFÉ, FERRO E AÇO, BELEZAS FEMININAS E TAMBÉM PANORÂMICAS.

Fotos de JEAN MANZON

AQUÊLE fotógrafo europeu que um dia começou a bater chapas para a imprensa ilustrada brasileira, e ensinar muita gente a obter novos efeitos de luz e sombra, um dia cansou de trabalhar em imagens paradas. Decidiu experimentar as que se movimentam, pôs-se em campo com novos equipamentos, fêz o primeiro documentário, deu certo, fêz o segundo, o terceiro — e acabou encorajado. Mandou vir outros técnicos, reuniu algum capital (não muito) instalou um pequeno estúdio nas Laranjeiras, e depois de levar a sua equipe a correr mundo, sempre em frente, por êsse Brasil

A colheita do café, numa fazenda de S. Paulo e a expansão do produto no norte do Paraná, oferecem belos tipos femininos.



A predileção de Manzon pelos encantos da mulher indígena é antiga. Êste é um flagrante da sua recente «colheita».



Parece aspecto europeu e no entanto foi batido em uma terra de café, no interior paulista: Uma prece ao Senhor em rápido intervalo da tarefa...

UM SAMBA FANTÁSTICO

todo, para o norte e para o sul, mediu o que trouxe, cortou, acrescentou, e daí saiu um documentário maior. Documentário oitenta por cento, porque o restante tem o seu quê de história, tem uma idéia: Zezinho (José Toledo), é um sambista resolvido a compôr uma melodia em que se refletissem algumas das maiores belezas do país. Algumas, sim, porque tôdas, demandariam a produção inteira de um ano. O filme começa por apresentar o compositor, pianista, procurando inspiração nas seduções irresistíveis de uma certa noite carioca. Depois, senta-se ao piano, e vai dedilhando as teclas, procurando o motivo, enquanto as câmeras acompanham o pensamento do rapaz e saltam de campo em campo, de região em região, escancarando aos olhos atônitos do espectador, tanta coisa bonita que êle ignorava mesmo dentro do Brasil, imaginem lá fora! Logo de entrada, o filme de Jean Manzon retifica o conceito desmoralizador que, via de regra, os pequenos documentários fazem do Rio. E prova que êle continua sendo a Cidade Maravilhosa, com todos os seus problemas em curso, mero fruto do desenvolvimento fantástico da capital da República.

Vem, depois, panoramas de Volta Redonda, da Bahia, do Recife com suas miragens e pontes venezianas, do Amazonas (e lá estão as perfurações de Nova Olinda, iniciadas há vários anos, não de hoje); feita a jornada ao Norte, há outro percurso, do extremo Sul até São Paulo: as churrascadas nos pampas, os trigais do Paraná, o café de São Paulo, e o crescimento ciclópico da metrópole bandeirante, tudo isso dá ao público, em noventa minutos, o ensejo de uma viagem de sonho, pelo espaço, pelos rios, pelas estradas, pelos caminhos de roça.

★

Quando o leitor pousar os olhos nestas linhas, «O Samba Fantástico» deve estar sendo exibido ao mundo cinematográfico, no Festival de Cannes. Entusiasmado com o filme, o Príncipe Ali Khan, quando em visita recente ao Rio, convidou Jean Manzon para ser seu hóspede no palácio de sua propriedade, daquela cidade-praia francesa.

No Brasil, o filme corre o risco de não ser exibido para o público que passa pela bilheteria. Só o foi para alguns privilegiados, na «cabine» particular do estúdio Manzon.

É provável, contudo, que o produtor mude de opinião, principalmente se o filme marcar a sua presença — e a do Brasil — em Cannes. — C. S.

Côco de babassu, em região nordestina. Estudo de caboclo e um fundo panorâmico.



Antes de ficar em evidência com o petróleo de Nova Olinda, o Amazonas era famoso: primeiro pela borracha, que os ventos levaram. Depois, pela beleza incomparável das garças.

REVISTA DA SEMANA

ANO 55 — Nº 16 — Rio de Janeiro — 16-4-55

REDATOR-CHEFE .... Celestino Silveira
ASSISTENTE .... Wilson Barbosa
PAGINAÇÃO .... Victor Tapajós
COLABORADORES — Adalgisa Nery, Vinicius Lima, Lúcio Cardoso, Pedro Müller, Grande Otelo, Paulo de Andrade Lima, Hélio Abreu, Sérgio Silveira, Milton Salles, Aôr Ribeiro, Aldney Peixoto, Demóstenes Varela e Samuel Averbach.
ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón, Fortuna, Darel e Maria Tereza.
FOTÓGRAFOS — Arnaldo Vieira, Alberto Ferreira Lima, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

● REPORTAGENS

Um samba fantástico de ponta a ponta do Brasil 2/4
A Primeira Semana após o Dois de Abril 6/8
João Carlos Vital afasta-se da vida pública 11/14
No banco dos réus os cronistas sociais 20/23
Carmem Miranda... e a doença acabou 34/35
Êles não estão sós 38/40
Os humildes do Catete 42/44
Coca-Cola faz bem ou mal? 46/47
Tristes verdades sôbre os Jogos Panamericanos 49/52

● SECÇÕES

Champanhota 9
Puxe pelo cérebro 10
Canção do Asfalto 15
Astrológica 16
Ping-Pong 18/19
Figurinos 26/27
Femininas 32/33
Palavras Cruzadas 36
Flash Paulista 45
A Revista há 50 anos 48
A figura em foco 53

● LITERATURA

Choque na região das estrêlas (Adalgisa Nery) 5
Noite Grande (Conto de Wilson Barbosa) 24/25
Fátima — Revelação dos Três Pastôres 30/31

● HUMORISMO

Fortuna 54/55

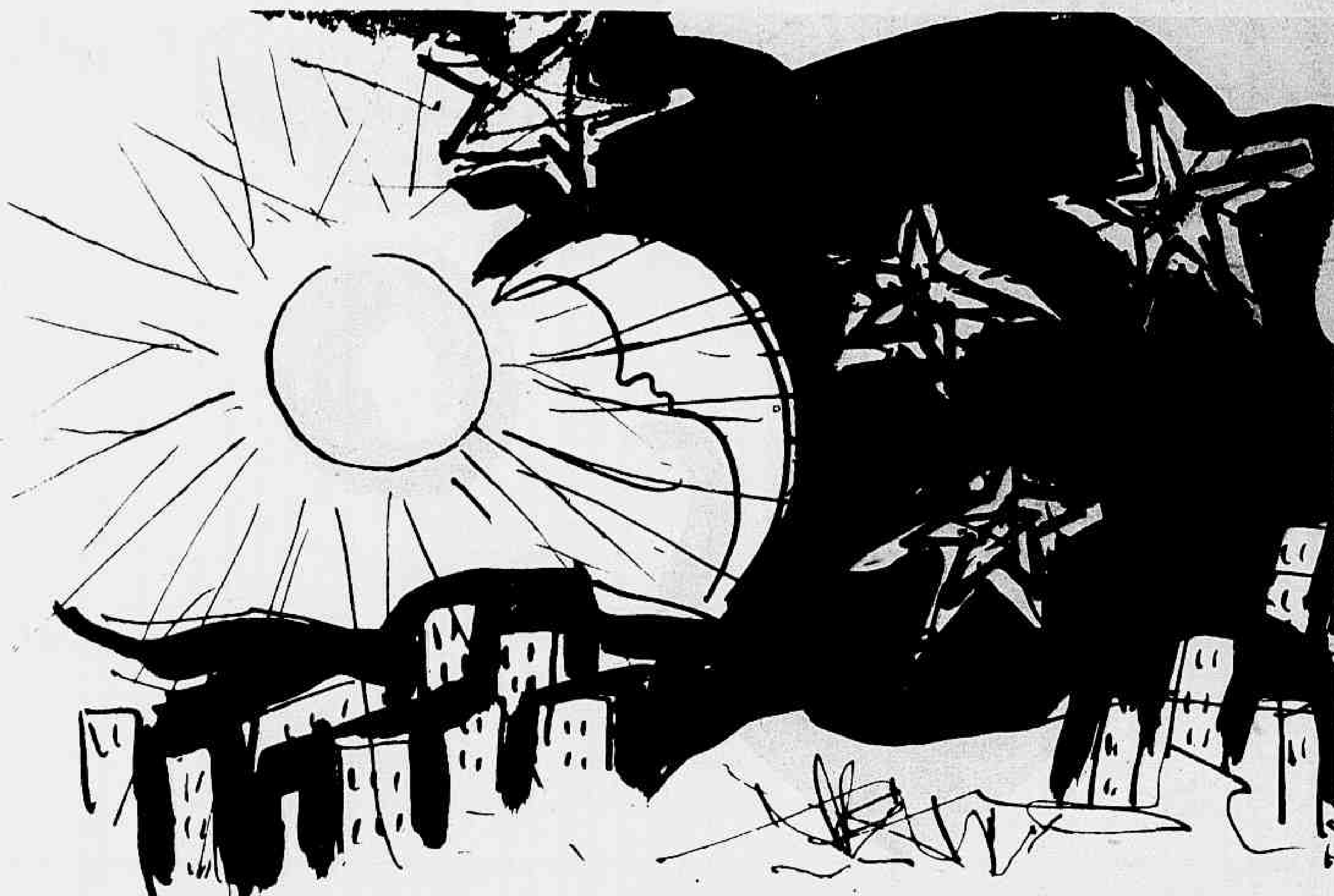
● CAPA

Colheita de Cana (Foto Jean Mazon)

● CONTRA-CAPA

Carmem Miranda (Foto Arnaldo Vieira)

Êste número consta de 56 páginas



Desenho de MARIA TEREZA

Choque na região das estrêlas

NESTE mundo de bombas de hidrogênio, de urros e gritos de ódio e promessas de vingança sangrenta, ainda há quem se preocupe com as estrêlas: E não é um poeta no sentido exato da palavra. Sim, porque poetas somos todos. A poesia não é propriedade de ninguém. Ela anda no ar e envolve desde os sêres mais simples aos mais sábios. Os homens, com essa mentalidade separatista resolveram que poeta é só aquêle que escreve versos. Justamente muitos que escrevem versos fariam melhor poesia colocando meia sola num sapato fino, macio e delicado de mulher! Há cem bilhões de anos, as estrêlas brigaram. Não sabemos as razões. Ciúmes, intrigas, invejas, ambição de brilhar mais, enfim coisas que acontecem nesse universo criado por Deus.

COM a tremenda incompatibilidade, as estrêlas chegaram às vias de fato e chocaram-se num pavoroso estrondo. Isso há cem bilhões de anos. Um homem na Inglaterra ouviu barulhos estranhos no infinito e armou-se de uma aparelhagem esquisita para captar os ruídos celestes. Nessa curiosa sindicância esqueceu-se da vida, não fêz caso do alimento nem dos essenciais princípios de higiene. Êle queria saber o que se passara lá por cima, pois que, por aqui não há mais segredos para a humanidade.

Averiguou, então, êsse detetive do astral que o som da briga sòmente agora, há poucos dias, havia chegado à terra e o som da terrível explosão entre as estrêlas estava reduzido a um chiado, depois de uma viagem de cem bilhões de anos, através do espaço interplanetário numa velocidade de trezentos quilômetros por minuto. Promoveu uma reunião da Sociedade de Arte e exibiu a sua «Sinfonia de Sons» que era nada mais nada menos que a gravação da briga das constelações, refletida num disco de electrola. A sua aparelhagem esquisita é sensível às ondas ultracurtas que captam sinais representando a energia das estrêlas, desprendida no espaço em forma de pranto hertziano.

TUDO isso pode não ser prático de saber, pode não ter a menor repercussão para o nosso mundo materialista. É possível que êsse digno inglês nos queira fazer de tolos e incapazes diante de tanta ciência e tanta técnica mas, que para mim êle é um grande poeta, isso é! Eu não quero saber como ficaram os Membros da Real Sociedade de Arte de Londres ouvindo um disco chiando monòtonamente!

Verdade ou não, eu aceito a briga das estrêlas num choque estrondoso há cem bilhões de anos. A descoberta dêsse homem contém um grande fundo poético e para mim a verdade está onde houver poesia.

ADALGISA NERY

APÓS O 2 DE ABRIL

A MARCHA DOS ACONTECIMENTOS. SER OU NÃO SER, O DRAMA DO SENHOR JÂNIO QUADROS. JUSCELINO DEIXA O GOVÊRNO. DEBATE RELÂMPAGO JÂNIO-JUAREZ TÁVORA. AFINAL, O CANDIDATO DOS DISSIDENTES.

Reportagem de JOÃO ALVARENGA

A data das desincompatibilizações — 2 de abril — era aguardada pelas fôrças políticas nacionais com grande expectativa. Tôdas as atenções voltavam-se para o governador de São Paulo. Da atitude que viesse a adotar o sr. Jânio Quadros dependeria o desenvolvimento dos planos prèviamente traçados. E, por isso, o «ser ou não ser» candidato do governador bandeirante deixou em «suspense», até aquêle dia, tôda a Nação. Os políticos iam e vinham a São Paulo e nenhum conseguiu quebrar o mutismo a que se propôs o sr. Jânio Quadros. Chegou o dia 31. O sr. Juscelino Kubitschek, cumprindo o seu programa, passou o govêrno de Minas ao sr. Clóvis Salgado, seu substituto legal, antes mesmo do prazo fatal. O detalhe não chegou a preocupar os líderes governistas uma vez que já era aguardada a decisão de Juscelino. A seguir, registrou-se outro fato político, êste de maior sensação: a desincompatibilização do sr. Munhoz da Rocha, governador do Estado do Paraná que, assim, deixou clara a sua intenção de concorrer ao pleito presidencial como vice. Restavam, ainda, algumas horas para que o sr. Jânio Quadros se definisse. Foi dêsse momento em diante que tôda a Nação viveu horas, minutos e segundos de intensa expectativa.

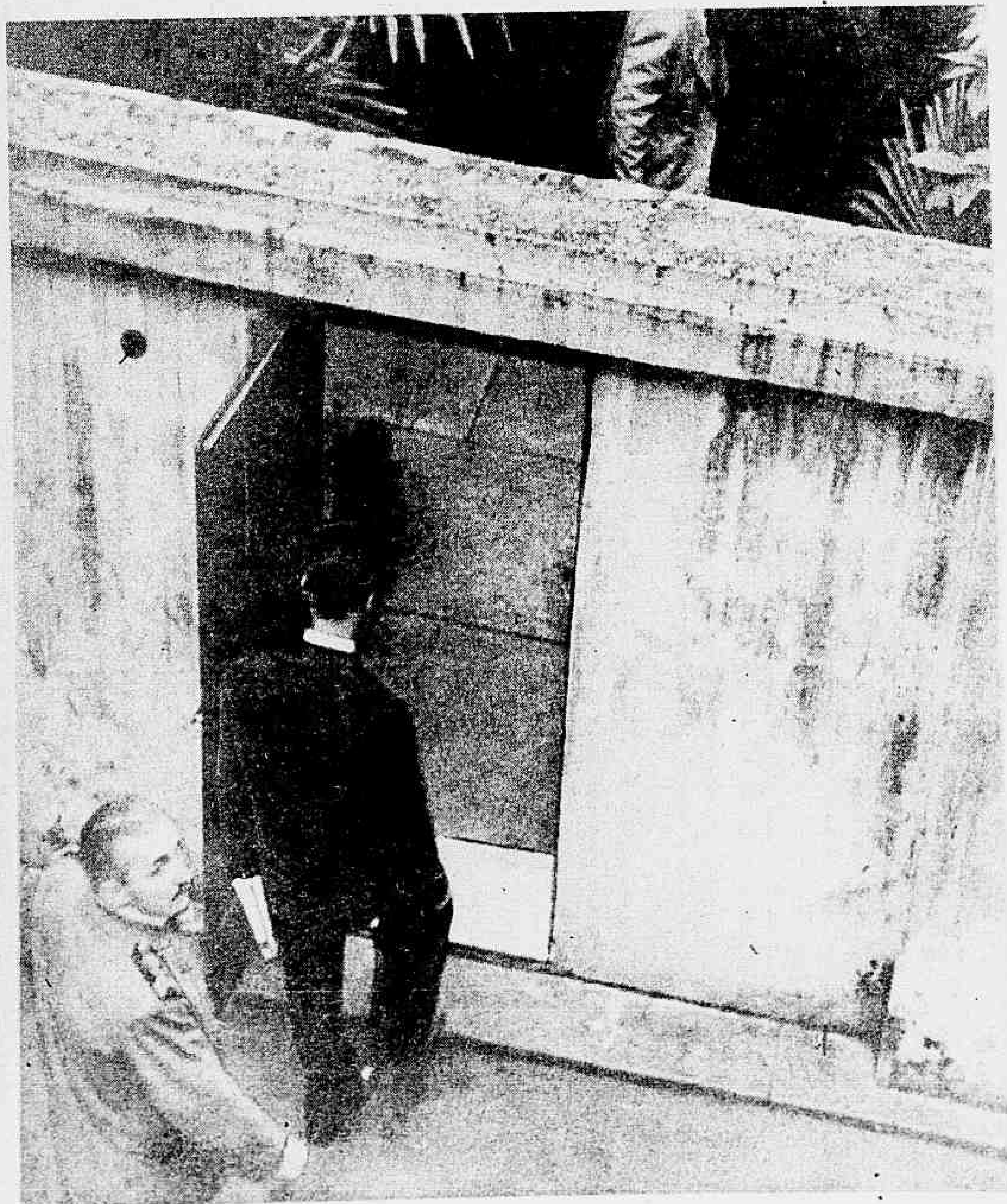
— Jânio deixará ou não o govêrno de São Paulo?

CRISE POLÍTICA NO SEIO DO GOVÊRNO

Pouco antes da meia-noite de 2 de abril o país veio a tomar conhecimento da decisão do sr. Jânio Quadros. Em manifesto que dirigiu à Nação, o governador da paulicéia explicou as razões que o levaram a permanecer à frente de São Paulo. Não se definiu, entretanto, quanto ao seu apoio à candidatura do general Juarez Távora, como se esperava. Foi a segunda grande sensação que se registrou.

COMPLICA-SE O PANORAMA

O dia 3 foi dos mais movimentados no Palácio do Catete. Líderes políticos entraram a conferenciar com o Chefe do Govêrno e o próprio general Juarez com êle prolongadas conferências. No dia 4 tinha-se conhecimento de reuniões verificadas entre chefes militares. O general Eurico Dutra, em entrevista concedida à imprensa, declarava-se contrário ao general Juarez, sendo-lhe atribuída uma declaração pouco delicada em relação ao seu ilustre colega de farda. Concomitantemente, tomou-se conhecimento dos têrmos da proposta formulada pelo sr. Jânio Qua-



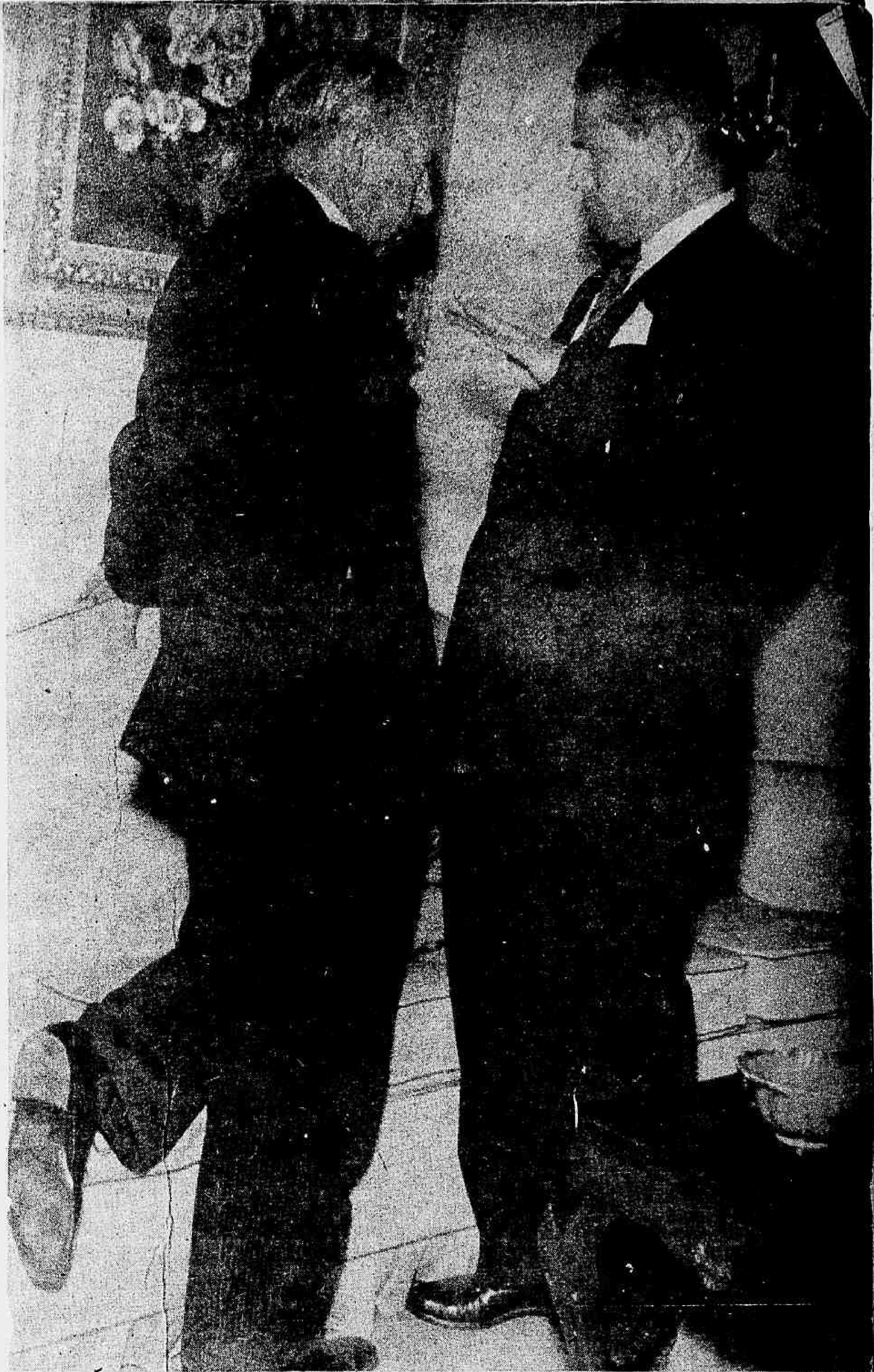
O governador Jânio Quadros permaneceu, seguidamente, mais de 12 horas no Palácio dos Campos Elíseos. Só saiu para almoçar em casa, ocasião em que foi feito o flagrante, nos fundos do Palácio.



Depois de provocar o tremendo «suspense» em tôda a Nação, Jânio veio conferenciar com o Presidente da República. Entrou pelos fundos do Palácio do Catete, mas foi surpreendido.



A reunião se prolongou por três horas. Ao final, os políticos mostravam-se satisfeitos. O sr. João Neves da Fontoura chegou a saudar o fotógrafo que o abordou. «Tudo bem».



As confabulações se sucediam. A cada canto do apartamento do governador Cordeiro de Farias viam-se grupos como êste, formado por Nereu Ramos e coronel Perachi Barcelos.

dros ao Presidente Café Filho. Em troca do seu apoio ao candidato oficial reivindicava para S. Paulo nada menos de três pastas: Fazenda, Viação e Trabalho e, ainda, o Banco do Brasil. Interpretou-se tal proposta como verdadeira barganha. Ao invés de se encontrar uma solução para a grave crise política, propunha-se uma verdadeira negociata. Sentindo-se constrangido com tal espécie de negócio, sobretudo a maneira como foi feito, o general Juarez Távora decidiu, no dia 5, não mais aceitar a indicação de seu nome. Agitaram-se ainda mais, os meios políticos e muito particularmente os líderes anti-juscelinistas. E a confusão agravou-se. Era a segunda crise do govêrno Café Filho. No meio dessa balbúrdia, procuramos falar ao general Juarez (dia 5) e fomos informados de que passaria a tarde a presidir uma reunião que tratava do problema do cimento no Brasil. Mas seu nome estava por êle realmente afastado. Não vimos o general.

PROCURA-SE UM CANDIDATO

À noite, no dia 5, reuniam-se os líderes políticos dissidentes do PSD, UDN, PDC e PL na residência do governador de Pernambuco, general Cordeiro de Farias, a fim de tratar da situação. Conhecida a atitude irrevogável do general Juarez Távora, urgia procurar um candidato. Ficaram três nomes para ser estudados. Carlos Luz, Etelvino Lins e Nereu Ramos. Pelo que observamos, o que maior dose de simpatias reunia era o do presidente da Câmara dos Deputados. Nessa mesmo reunião tratou-se das demissões dos ministros Eugênio Gudin e Rodrigo Octavio, da Fazenda e da Viação e, ainda, do presidente do Banco do Brasil, sr. Clemente Mariani, atitudes que tiveram profunda repercussão na economia do país, provocando acentuada baixa na balança cambial do Brasil.

OS BENEFICIADOS COM A SITUAÇÃO

Forçoso é reconhecer que a confusão vem beneficiar muito aos srs. Juscelino Kubitschek e Plínio Salgado, na devida proporção, candidatos que estão em plena campanha eleitoral. E se estendemos o benefício ao chefe do P.R.P. no Brasil é porque, diante da indecisão que se apossará de certo eleitorado, alguma soma de votos será desviada para a sua candidatura.

FATOR ECONÔMICO, UMA DAS CAUSAS DA CONFUSÃO

No fundo, uma das grandes causas da indecisão tremenda dos políticos é, sem dúvida, o fator econômico. Como se sabe, na maioria dos Estados, a 3 de outubro próximo, sòmente ha-



A crise começou em São Paulo com a indecisão de Jânio Quadros. Nem os Secretários de Estado tiveram livre ingresso nos Campos Elíseos. Marrey Júnior e Carvalho Pinto foram «barrados».



Fisionomia carregada, o sr. Afonso Arinos, antes, da reunião, põe o cérebro a funcionar. Como vamos sair dessa situação? — parece perguntar ao senhor Perachi Barcelos.



Os senhores Carlos Lacerda e Lopo Coelho (UDN e PSD), se consultam. O dissidente pessedista manifesta-se favorável ao nome do sr. Carlos Luz. Lacerda está de acôrdo. Quer a solução.



verá eleições para Presidente da República. Apenas no Maranhão, Mato Grosso, Pará, Alagoas, Paraíba, Paraná, Minas Gerais e Rio Grande do Norte o pleito será também para Governador e Prefeito. Nestes, haverá interêsse direto da política regional. Os votos que serão dados ao candidato a governador nesses Estados serão acompanhados forçosamente, dos que indicarão o futuro Presidente da República, enquanto que na maioria o pleito se ferirá sem êsse interêsse. Sendo a obrigatoriedade do voto em nosso país um mito, certamente a abstenção será enorme. Será que os políticos locais nessa situação se disporão a empregar suas economias e meios de propaganda para a campanha presidencial?

No dia em que redigimos estas notas, tendo os Srs. Nereu Ramos e Carlos Luz desistido da indicação de seus nomes, foi aconselhada afinal, a candidatura do Sr. Etelvino Lins pelos dissidentes do PSD. Ouvidos os udenistas, que estavam reunidos em outro local aguardando o resultado das demarches, ao serem informados da decisão tomada, com ela concordaram.

As demais correntes políticas que formam o conjunto das fôrças contrárias ao nome do governador mineiro — PDC e PL — ficaram de pronunciar-se dias após. O Sr. Jânio Quadros contestou o general Juarez Távora e termina declarando que cumprirá o que prometeu mas se afasta das negociações políticas. Sente-se que o gen.Cordeiro de Farias, Governador de Pernambuco é um dos centros mais importantes dos entendimentos; a seguir o Sr. Perachi Barcelos, do Rio Grande do Sul, tem tido posição de grande relêvo nas demarches.

Que semana confusa!

O sr. Raul Pila estêve sempre ao lado do sr. Otávio Mangabeira na reunião dos líderes antijuscelinistas. Protegido pela copa de uma árvore, abre a porta do carro para Mangabeira.

Quando a noite ainda é uma criança

PETER

★ Foi grande o sucesso da peixada no Clube dos Marimbás, que teve como finalidade angariar fundos para a Igrejinha de Copacabana. As organizadoras estão de parabéns.

★ No dia 15 de abril, na Catedral de Petrópolis, terá lugar o casamento da Srta. Helena Prazeres com o Sr. Murilo Gondim, filhos do Sr. e Sra. Rubens Prazeres e Sr. e Sra. Rafael Guedes Correa.

★ Na semana que passou, o «Lagoinha Country Club» ofereceu um jantar (25 pessoas) ao Sr. e Sra. Horácio Klabin.

★ Quando esta edição da REVISTA DA SEMANA estiver nas bancas, já deverá ter passado pelo Rio a grande atriz norte-americana Mary Martin, que está fazendo uma viagem de repouso.

★ Em Paris, o Embaixador Caio de Melo Franco presidiu a conferência proferida pelo Conde Robert de Billy sôbre o Almirante Villegaignon e seus feitos na América do Sul.

★ Está provocando grande movimentação em Sociedade a presença dos Marqueses Negra e Longo de Vichiaturo, que se encontram hospedados na residência do Sr. e Sra. Waldemir Sallem. Todos querem abraçar o casal, que vem sendo homenageado com constância.

★ Está programada para breve, no Museu de Arte Moderna, uma exposição do pintor Pancetti. Farão o sucesso de sempre as suas preciosas marinhas.

★ O já tradicional «Chá das Rosas» prepara-se para o seu desfile anual. Um estabelecimento comercial patrocinará esta apresentação de bom gôsto. Caridade.

★ Infelizmente, não pude comparecer ao «cock-tail» da revista social «Chuvisco». Mais gorda e melhor apresentada, mostra que lhe fêz muito bem a direção social da cronista Marina, orientação que já se faz sentir no segundo número.

★ Está se organizando um grande plano urbanístico e de turismo interno para Cabo Frio. É uma beleza de idéia e de iniciativa completamente particular. Três ou quatro pioneiros. Por favor, Govêrno do Estado, contribua mandando asfaltar a estrada.

● *Depois de uma renovação e respiração funda para novas iniciativas, as casas noturnas cariocas parece que se esforçam para melhorar, atrair e prender o freguês. É o resultado salutar da concorrência. Num rápido giro, vemos o Barão Stuckart criar a "Casa Grande", Zilco Ribeiro, no Casablanca, prestes a lançar "Nós, os gatos", peça que terá o mesmo nome do programa de Jacinto de Thormes, Carlos Machado quebrando a "caveira de burro" do "Nyght and Day" da mesma forma que fêz com a da Praia Vermelha, Copacabana, ameaçando com o ressuscitador do bolero e o "Drink", mais forte, com mudanças totais e um órgão que custou mais de duzentos mil cruzeiros. Pode-se ver que só o público ganhou e continuará ganhando com tôdas estas providências. Ao contrário do que diziam os pessimistas (e êstes há em todos os setores), a noite carioca suporta bem diversas casas noturnas. Tenho conhecido pessoas dos Estados que, em visita ao Rio, depois do quinto dia, não têm mais nada para ver. A resposta prática para quem ainda duvida é mostrar que tanto o "Vogue" como o "Sancha's" têm tido noites de casa cheia. Casal de Sociedade, recentemente chegado de viagem, numa noite de maior movimento, não encontrou lugar em nenhuma das duas boites e foi obrigado a ir tomar seu "drink" no bar de casa. E assim vai a noite carioca, beneficiando-se com essa luta pelos fregueses de depois das dez, isto é, quando todos os gatos são pardos.*



★ Com o Municipal completamente lotado, «um homem magro (alto e de bigode) entrou em cena». A comédia realizada num ambiente grãfino, teve a sua noite de estréia prejudicada por dessaranjos no jôgo de luzes. Até a cortina emperrou. Silveira Sampaio fêz o bom desempenho de sempre e o grupo apresentou-se homogêneo.

★ Na semana que passou, fizeram grande sucesso no «Night and Day», as cantoras negras «The Peter Sisters». Elas já experimentaram palmas em Paris, Londres, nova Iorque, Uruguai, São Paulo e Rio de Janeiro. Pode-se dizer: valem quanto pesam.

★ Existe uma inflação de pés engessados. Depois do Sr. Sylvio Schiller (que tem as mais valiosas dedicatórias no gêsso do pé), coube a vez à Sra. Fritz Alencastro Guimarães que distendeu os tendões. Breve, os dois estarão em grande forma novamente.

★ Confirma-se a notícia dada por esta coluna da próxima ida do Sr. Betti Proença de Faria ao Pacífico para uma pescaria do Merlin. O senhor citado sente muito que a única forma de atravessar os Andes seja de avião; no fundo, preferia ir mesmo a pé.

★ Contaram-me que o Sr. Bento Luiz Soares Sampaio já salvou, numa pescaria de mergulho, o Sr. Fred Chateaubriand, cujo tímpano estourara com a pressão, fazendo-o perder a noção de direção. Teria se afogado, na certa.

★ A Sra. Patrícia Lacerda, que aniversaria na Sexta-feira Santa, continua a defender e elogiar, com paixão, a sua bem amada Itacoatiara. «É uma beleza — diz ela — só tem casas residenciais. Cabo Frio é café pequeno.» Dizem que a bonita senhora vai-se naturalizar itacoatiariana.

★ Comenta-se que foi tal o sucesso, na TV, da entrevista que o Sr. Scassa fêz com o cronista Jacinto de Thormes que, na manhã seguinte, êste recebeu três telefonemas, convidando-o para fazer programa de televisão. Acontece, porém, que o Sr. de Thorme já está prêso...

★ O senador Gilberto Marinho atende pessoas, no Monroe, toma parte nos trabalhos do plenário e oferece pareceres, sempre naquela elegância que já o colocou na lista de um dos dez mais.

★ Além dos brasileiros Sr. e Sra. Embaixador Walter Moreira Salles, foram convidados para tomar parte na «tournée» pelo Mediterrâneo, no iate do milionário Onassis, a convite da colunista Elza Maxwell, o casal ministro Hugo Gauthier. Notícias outras dizem também que êle viria ao Brasil. Esperemos para ver quem está certo. **(Fotos gentileza «Sombra»)**



A sra. Ivonne Monteiro, que se encontra neste momento em São Paulo, aparece na foto, conversando com o sr. e sra. João Pacheco Chaves.



A sra. Elizinha Moreira Salles encontra-se atualmente nos Estados Unidos, em companhia de seu marido, embaixador Moreira Salles.



O acadêmico Rodrigo Otávio conversa com o conde Bertrand Vogué, no coquetel «clicquet-Pensardin», no Hotel Glória.

Desânimo Abatimento



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dôres de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando êstes órgãos não funcionam normalmente, o génio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma bôa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sôbre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

Trate-se

Use *Regulador* Gesteira

Regulador **Gesteira** é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

Comece hoje mesmo

a usar *Regulador* Gesteira

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates

——//——

À Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

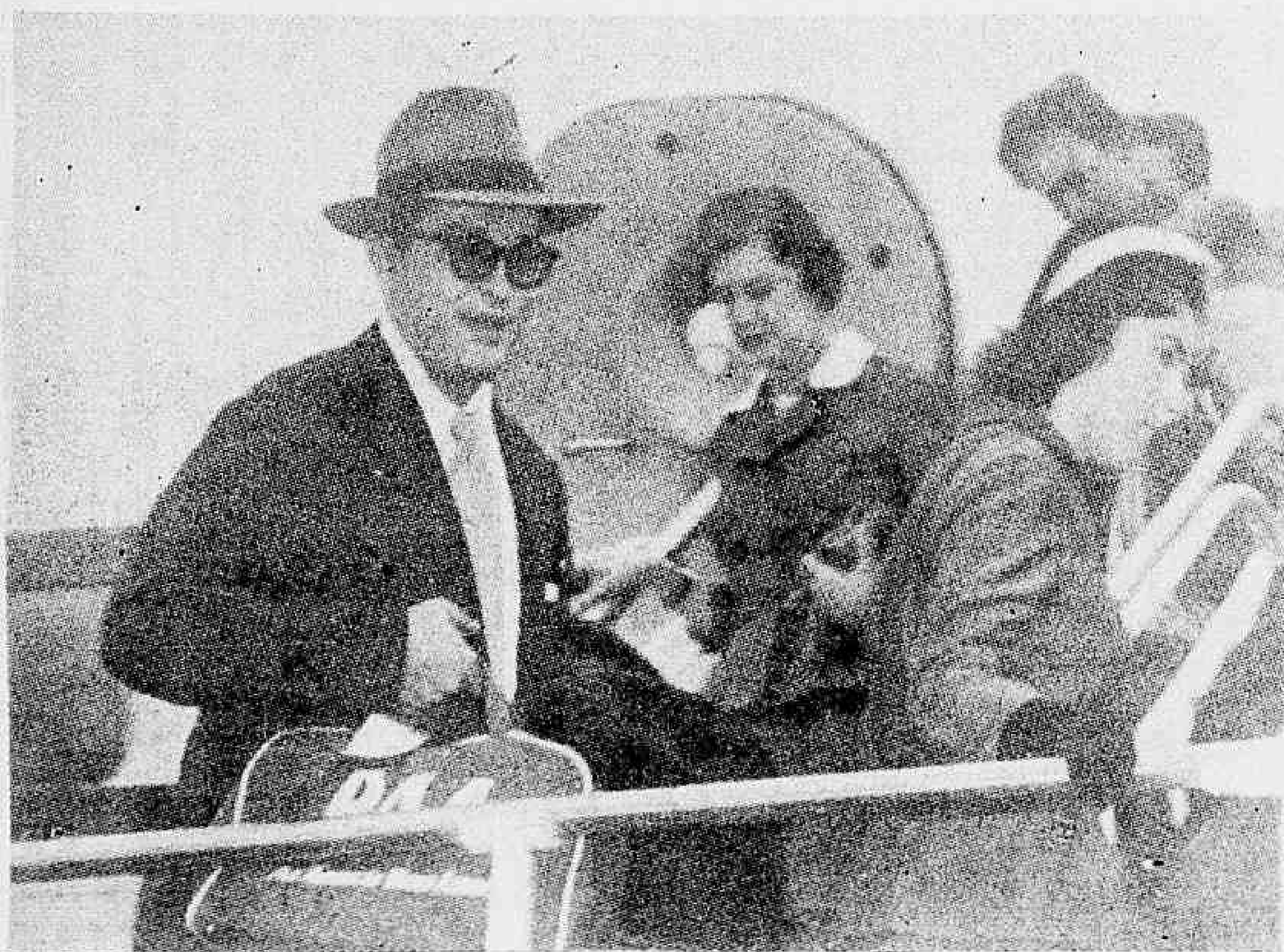
Rua José Vilagelím Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME ....

RUA .... **Nº** ....

CIDADE .... **ESTADO** ....



REGRESSOU O DR. MILTON CABRAL — Acompanhado de sua espôsa, regressou dos Estados Unidos o industrial Milton Bezerra Cabral, diretor-secretário da Confederação Nacional da Indústria e presidente da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba. O industrial patrício participou juntamente com o Dr. Francisco Vera, da Conferência Inter-americana de Investimentos em Nova Orleans, como delegado da entidade máxima dos empregadores da indústria. A fotografia acima é um aspecto do seu desembarque.

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—O têrmo adansônia significa:
— **Uma árvore?**
— **Arma de fogo?**
— **Pessoa triste?**

2—O nome Adda lembra:
— **Um rio da Itália?**
— **Da França?**
— **Ou da Inglaterra?**

3—Alfred Adler foi o fundador:
— **De uma cidade?**
— **Da psicologia individual?**
— **De um pequeno jornal?**

4—Giovani Agostini foi um famoso:
— **Músico?**
— **Pintor?**
— **Geógrafo?**

5—Allah representa:
— **O adorado?**
— **Deus-sol?**
— **O que há de vir?**

6—Alberto I, Rei da Bélgica, morreu em:
— **1802?**
— **1901?**
— **1934?**

7—As Ilhas Almirantes foram descobertas por:
— **Colombo?**
— **Vasco da Gama?**
— **Álvares Cabral?**

8—Ana de Bolena foi espôsa de:
— **Luís XV?**
— **Henrique VIII?**
— **Ivan IV?**

9—A peça francesa «Andromauque» foi escrita por:
— **Molière?**
— **Racine?**
— **La Fontainè?**

10—D. Maria I, Rainha de Portugal, morreu em:
— **Lisboa?**
— **Rio de Janeiro?**
— **Estados Unidos?**

11—A Batalha da Maratona foi vencida por:
— **Brasileiros?**
— **Persas?**
— **Atenienses?**

12—Pinheiro Machado, político brasileiro, morreu:
— **Assassinado?**
— **Suicidou-se?**
— **Vítima de desastre de automóvel?**

13—Em que ano nasceu o general Mac Arthur:
— **1879?**
— **1882?**
— **1880?**

14—O fundador da Escola Falansteriana foi:
— **Fourrier?**
— **Alfred Fouillce?**
— **Joseph Fouché?**

15—Fleming, descobridor da penicilina, era:
— **Alemão?**
— **Norte-americano?**
— **Inglês?**

(Respostas na página 36)

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.



João Carlos Vital pode ser chamado o homem do detalhe. Gosta de tudo certinho, limpo e bem feito. A sua própria vida é um exemplo disso. Tem tudo arquivado e muito bem encadernado.

DEPOIS DE TRINTA E OITO ANOS DE BONS SERVIÇOS PRESTADOS À NAÇÃO

JOÃO CARLOS VITAL AFASTA-SE DA VIDA PÚBLICA

AOS 20 ANOS INICIOU A SUA CARREIRA NO MINISTÉRIO DO TRABALHO ★ DESILUDIDO DOS HOMENS DE GOVÊRNO, REVELA À «REVISTA DA SEMANA» QUE SE SENTE TRISTE E MAGOADO COM OS SEUS PATRÍCIOS ★ VITAL: O HOMEM DO DETALHE E VERSADO EM PREVIDÊNCIA SOCIAL, FALA SÔBRE OS PLANOS DE ASSISTÊNCIA AOS TRABALHADORES ★ UM POUCO DE SUA AGITADA VIDA

Reportagem de JOSÉ MARIA NEVES

Fotos de ARNALDO VIEIRA

"A PREVIDÊNCIA SOCIAL NÃO ESTÁ FALIDA. O GOVÊRNO É SEU CREDOR."

SAÍMOS da redação com um objetivo: entrevistar o sr. João Carlos Vital sôbre o problema da Previdência Social no Brasil, assunto, aliás, da especialidade do ex-prefeito do Distrito Federal. Procuramos dêle nos aproximar e conseguimos. Não foi tarefa fácil, diga-se. O homem desenvolve atividade febril, apesar dos 56 anos bem vividos. Recebeu-nos em seu escritório de trabalho, muito cordialmente. Quando dissemos do nosso objetivo, escusou-se delicadamente.

— Não posso atendê-lo porque prefiro não falar dêsse assunto. Foi, aliás, por causa dêle que decidi abandonar a vida pública.

A notícia que acabávamos de receber, como é natural, deixou-nos surpresos. Quisemos conhecer detalhes e êle explicou:

— Só quando tiver em meu poder o decreto presidencial concedendo-me aposentadoria é que poderei dar detalhes. Por enquanto considero falta de ética um funcionário do govêrno criticar problemas dêsse mesmo govêrno.

38 ANOS DE ATIVIDADE PÚBLICA

— Gostaríamos, então, de conhecer alguma coisa a respeito de sua vida pública, uma vez que sabemos ser o autor de muitos planos de previdência social hoje adotados pelo govêrno.

— Bem. Eu tinha 20 anos quando ingressei na administração pública. Comecei com os vencimentos de 250 mil réis. Talvez pelo fato de ter, a partir dessa idade, lidado quase que exclusivamente com problemas sociais, é que tomei interêsse pelo assunto. Daí para cá exerci cargos inerentes à minha especialidade, se é que assim posso expressar-me. Fui até Coordenador da Mobilização Econômica, em 1942. Agora, retiro-me depois de 38 anos de serviços prestados à Nação. Acho que ninguém poderá negar essa minha pretensão, não é?

João Carlos Vital, ao fazer a blague, teceu algumas considerações a respeito de sua atribulada vida pública. E, como não podia deixar de ser, veio à baila o famoso projeto 1.000

— Como é que foi mesmo aquela história?

— E' simples. Tudo o que se fizer nesta terra com honestidade, forçosamente não vingará. Foi o que aconteceu com o projeto 1.000. Êle resolveria inúmeros dos problemas que afligem o carioca e que ainda não tiveram a devida solução.

— Mas, afinal de contas, o prefeito é pessoa da confiança do Presidente da República. E por que o sr. Getúlio Vargas não o amparou?

Vital reflete um pouco e responde:

— Quando vi que o Presidente estava por demais amolado com a tremenda campanha que moviam contra mim, resolvi deixá-lo à vontade. Pedi a minha demissão. Êle negou. Insisti mais duas vêzes e o sr. Getúlio Vargas, irritado, disse-me:

— Deixa que êles falem, Vital. Afinal isto é para o benefício do povo.

— E', Presidente — disse-lhe — mas o sr. não poderá suportar por mais tempo essa campanha. E' melhor aceitar a minha demissão.

Acrescentou que, um dia, não se conteve mais. Foi ao Catete e depositou o cargo em mãos do Presidente, dizendo-lhe:

— O caso assumiu proporções e, por isso, peço a V. Excia. que não me force a permanecer à frente da Prefeitura. Continuarei a ser amigo do Presidente e à sua inteira disposição.

— E o Presidente resolveu, afinal, aceitar o meu pedido. O segundo, aliás, que lhe fiz em tôda a vida.

UM HOMEM DESILUDIDO

O sr. João Carlos Vital é o que se poderá chamar de o homem do detalhe. Gosta de tudo certinho, limpo e coordenado. E' rígido com êle próprio, segundo nos disseram seus familiares. Não descuida do físico. Diàriamente, por volta das 7 horas, quem quiser poderá vê-lo pedalando uma bicicleta em companhia de uma neta, de um lado para outro da praia do Arpoador. Diz êle que o segrêdo de sua resistência reside nesse detalhe.

— A ginástica, o exercício, seja qual fôr, faz bem à saúde. E' por isso que não me sinto cansado. O meu exercício diário é como uma religião. Pratico-o com fervor.

Talvez por isso haja decidido aposentar-se. Não encontrando apoio para desenvolver os seus planos, preferiu abandonar tudo e dedicar-se inteiramente à vida particular, que, aliás, é intensíssima. Ainda assim, sente-se que êle assumiu a atitude contrafeito.

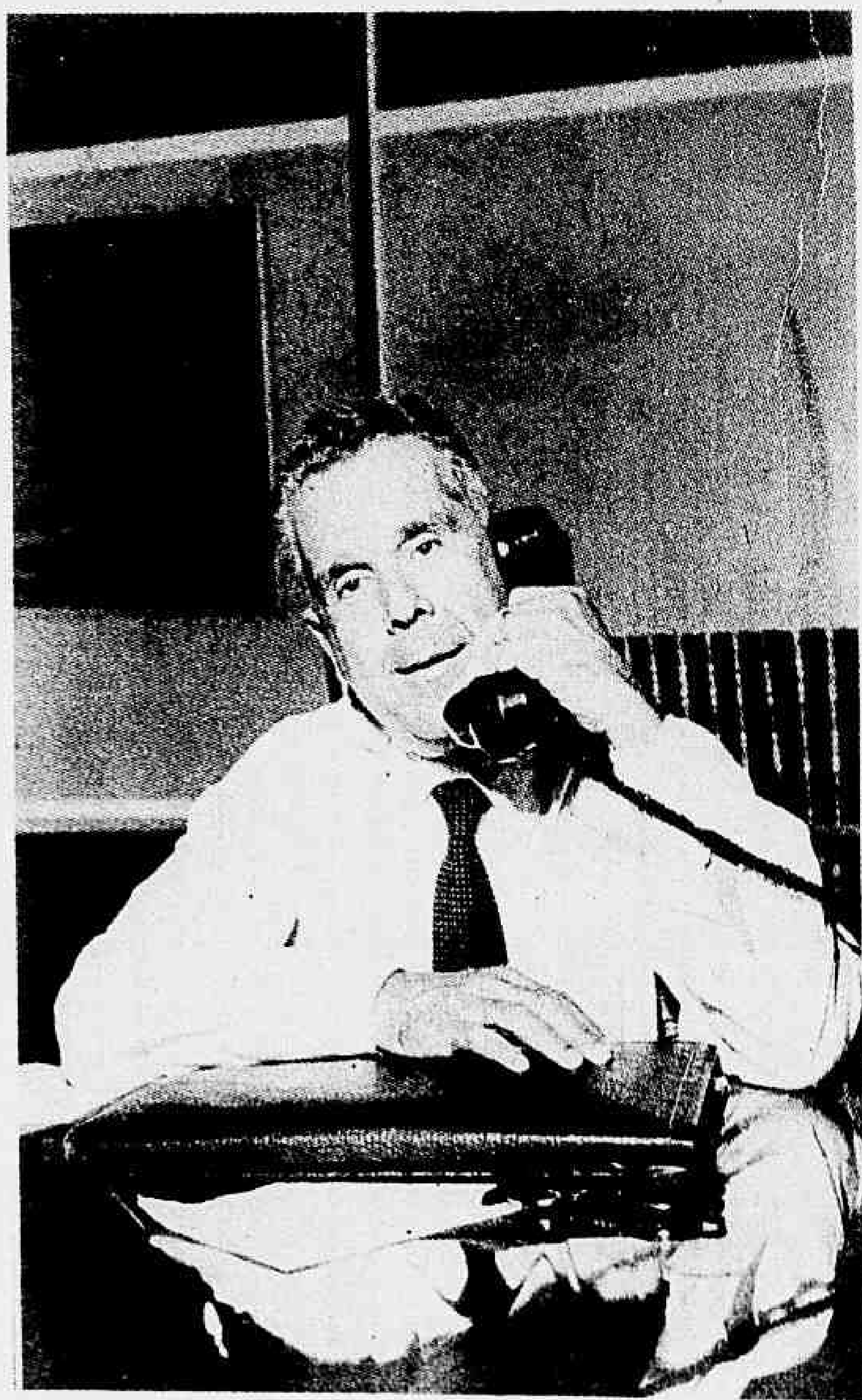
— Eu sempre gostei de dar um pouco da minha modesta colaboração à coisa pública. Talvez seja fôrça do hábito, quem sabe? Afinal, comecei muito cedo.

— Quer dizer, então, que desistiu da comissão que lhe confiou o govêrno porque não encontrou apoio?

— Apoio talvez não seja bem o têrmo. Boa vontade expressaria melhor.

— E o que pediu para resolver o problema da Previdência?

— Sugeri que o único meio de salvar da falência os Institutos seria o govêrno saldar a sua dívida para com êles, dívida que se eleva a 20 bilhões de cruzeiros. Aí é que a coisa pegou. Não quiseram e nem prometeram remediar a crise com outra fórmula. Assim sendo, retirei-me.



Os afazeres, a vida atribulada que leva, não chegam a quebrar o bom humor do ex-prefeito. Êle próprio atende o telefone de seu escritório. Recebe, indistintamente, chefes e operários.

Houve uma pausa prolongada. Aproveitamos para observar o nosso entrevistado. Sente-se que êle está descrente, desiludido, mesmo, dos homens públicos. Em dado momento, num gesto largo e muito natural, quebrou o mutismo passageiro e declarou esfregando com fôrça o rosto com a mão:

— E'... pensei de morrer trabalhando para o meu país. Enfim, é a vida...

«A PREVIDÊNCIA NÃO ESTÁ FALIDA...»

A secretária entrou no gabinete e perguntou ao patrão se podia trazer à sua presença um operário. Desejava falar-lhe sôbre um assunto urgente. Vital aquiesceu. O homem entrou. Não era velho, mas apresentava muito mais idade. Tinha 42 anos. Meio encabulado, por ver-nos começou tìmidamente explicando o que o havia levado à presença do chefe. Era um problema de ordem social, aliás muito sério. Encontrava-se com a espôsa e dois dos 8 filhos enfermos. Não tinha recursos. Recorrera ao IAPI e nada conseguira. Disseram-lhe que voltasse um mês depois, quando o caso era de urgência. Ponderou tudo isso e nada conseguiu.

— E' o regulamento, — disse-lhe uma funcionária burocratizada e sem o mínimo sentimento de humanidade.

Fatos como êste repetem-se centenas de vêzes por dia. João Carlos Vital chamou a secretária e mandou que o seu empregado fôsse atendido. A moça, conhecedora profunda dos métodos de trabalho do ex-prefeito, não discutiu. Chamou o oprário e saiu com êle. Só depois é que soubemos. Recebeu um auxílio financeiro. Aproveitamos o detalhe e indagamos de surprêsa:

— Como pode ser isso, dr. Vital?

— E' a Previdência no Brasil, rapaz. Não estranhe.

— Mas está errado, evidentemente — ponderamos.

— Que está errado todos nós sabemos, mas o que é que se pode fazer? Burocratizaram o serviço dos Institutos!...

— Acredita, então, que todos os Institutos estão em regime de falência, motivo por que não podem atender aos seus contribuintes?

— Não. A Previdência não está falida. O que há é uma desorganização generalizada. Além da dívida que a União tem para com os Institutos, conforme já declarei, a política está intervindo diretamente, acabando, por assim dizer, por completar a obra de desorganização.

— Qual o remédio para se remediar a situação?

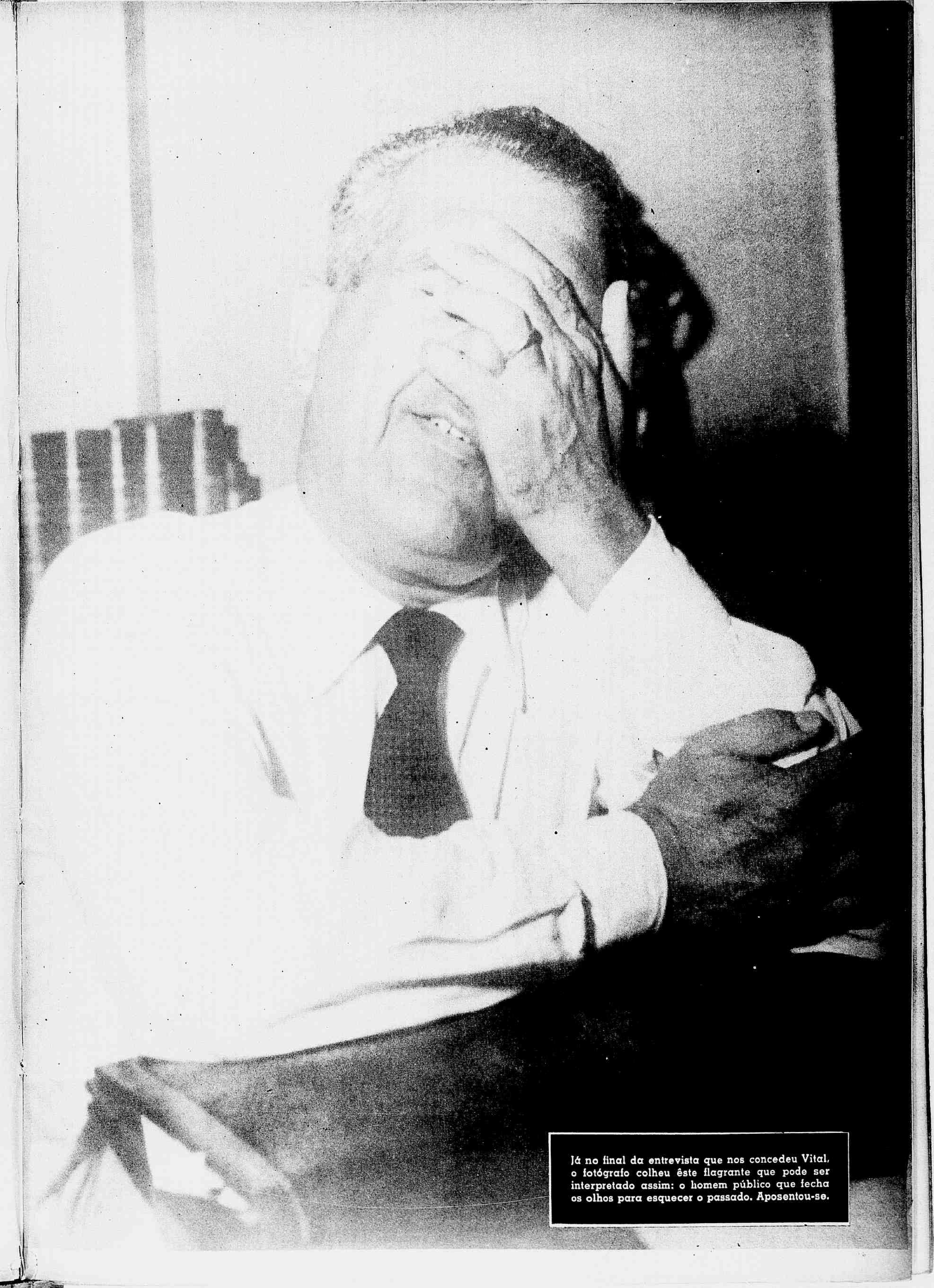
— A fusão dos Institutos. Não só simplificará o programa de assistência social como, por outro lado, serão economizadas somas fabulosas gastas com o pagamento de 9 presidentes e uma centena de milhar de funcionários.

— Não será possível se concretizar êsse plano?

— Eu estava justamente tratando disso, a pedido do govêrno. Creio, entretanto, não ser possível. O govêrno utiliza os Institutos como arma eleitoral, distribuindo empregos de acôrdo com as suas conveniências. Assim sendo, a coisa terá de correr como está até ver-se onde estacionará.

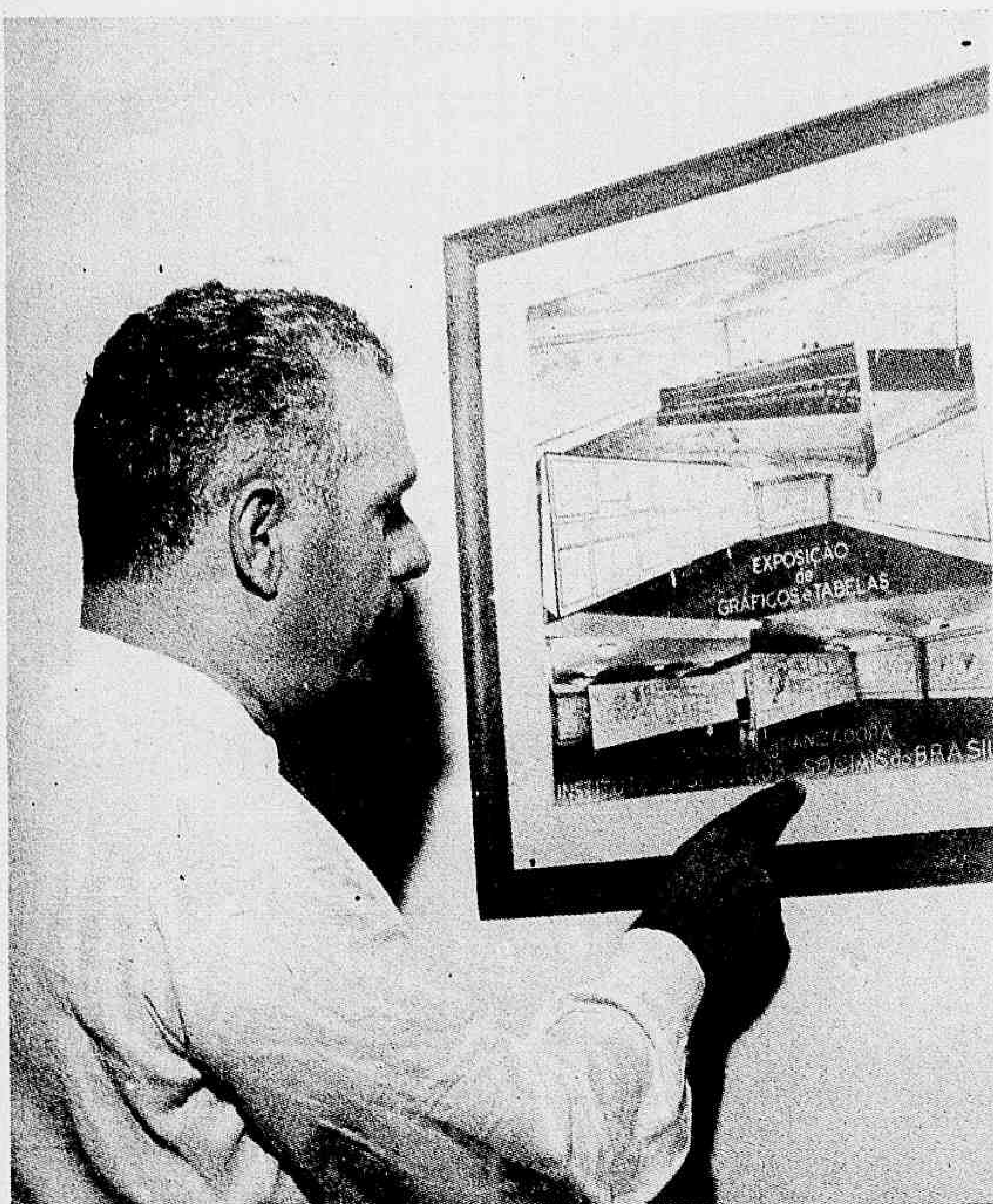
O EXEMPLO DO SAPS

Sentíamos, nessa altura, que João Carlos Vital estava entusiasmado com o problema Previdência Social. Deixamos que êle falasse, por-



Já no final da entrevista que nos concedeu Vital, o fotógrafo colheu êste flagrante que pode ser interpretado assim: o homem público que fecha os olhos para esquecer o passado. Aposentou-se.

UMA PROMESSA NÃO CUMPRIDA CAUSOU O AFASTAMENTO DE VITAL DA VIDA PÚBLICA





João Carlos Vital falou à REVISTA DA SEMANA cêrca de três horas. Ficamos sabendo muita coisa a respeito de sua vida e de sua obra. Inegàvelmente prestou relevantes serviços à Nação. Saiu cansado.

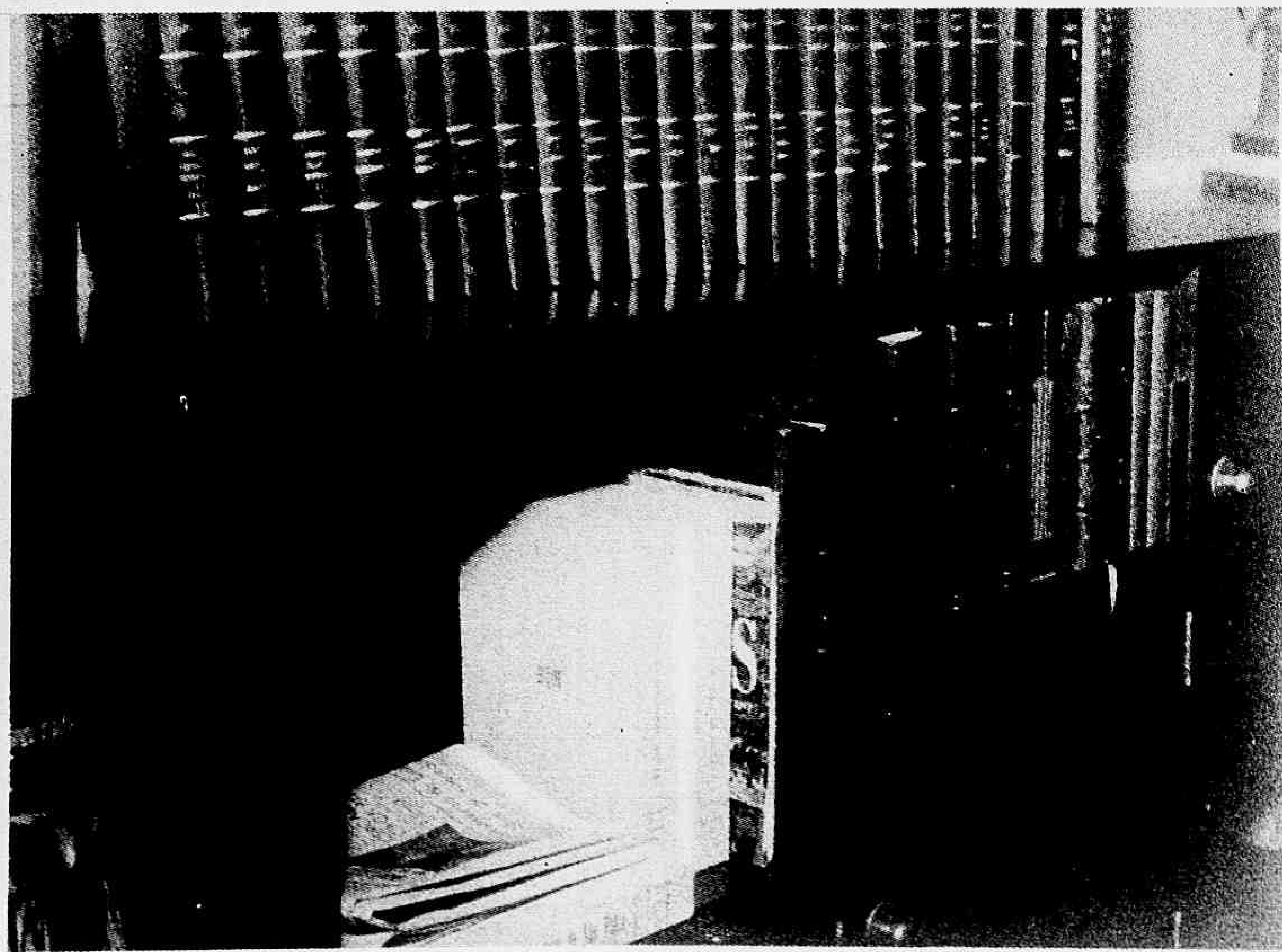
O ex-prefeito do Distrito Federal, apesar dos seus inúmeros afazeres, ainda assim encontrou tempo para viajar ao exterior. Não foi a passeio, mas para conhecer o progresso existente em outros países.

tanto. Íamos apenas concordando. Foi quando êle, também percebendo o nosso interêsse em suas informações, acrescentou:

— Quer um exemplo da burocratização das repartições de Previdência, além do que já citei?

Sem aguardar a resposta, aduziu:

— O SAPS. Quando o idealizamos foi com o único objetivo de fornecer refeições higiênicas e baratas ao trabalhador. Hoje, o que é que se vê. Um mundo de funcionários, atrapalhando o bom andamento do serviço, chefiando seções que absolutamente não têm qualquer finalidade e, o essencial, a «bóia» para o operário, cada vez mais se empobrece. Haja vista as reclamações que se sucedem.



O senhor João Carlos Vital tem encadernado todo o expediente (ofícios, cartas, projetos de lei, etc.), referente à sua passagem pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Lá está o famoso projeto mil.

O PAPEL DOS INSTITUTOS

Voltando a falar sôbre o seu empregado que necessitara dos serviços da Previdência Social e não conseguira amparo, João Carlos Vital observou:

— Veja-se, por exemplo, êsse pobre homem que acabou de sair daqui. Se a Previdência Social o assistisse desde que êle começou a contribuir, isto é, oferecendo-lhe a necessária assistência, para que não chegasse ao ponto de adoecer e, assim, ter que abandonar o seu trabalho, êle seria um homem forte. Sendo forte, não seriam fracos os seus filhos e a espôsa. Ainda que o fôssem os familiares pelo menos êle não seria. Continuaria na sua tenda de trabalho, ganhando os proventos para sustentar os filhos e a espôsa, não permitindo, portanto, que aquêles contraíssem moléstias. Não encontrando êsse apoio, cedeu. Parou a sua atividade e não teve dinheiro para alimentar convenientemente a família. Conclusão: o Instituto mais cedo do que devia, começará a gastar com êsse homem, quando a prática aconselha que, se o problema fôsse visto da forma por que o estudamos, êsse trabalhador produziria até envelhecer, isto é, até atingir a idade provecta, quando, então, seria aposentado. Viveria mais alguns anos e deixaria de dar despesa à repartição.

Quando esta revista estiver circulando, certamente o sr. João Carlos Vital já terá conseguido aposentar-se. Então, conforme prometeu, voltaremos à sua presença para que nos fale francamente sôbre os vários problemas do país e, particularmente, sôbre a Previdência Social.

Palavra salvadora

● *O homem possuía longas barbas brancas, basta cabeleira, uns olhos febris, lábios finos em bôca ansiosamente entreaberta num giocondesco sorriso, rosto comprido de cavalo, nariz bem feito e queixo quadrado.*

Caminhou em passos lentos para o guichê do bureau do Grande Conselho das Nações. Soube-se. Queria falar com o Grande Conselheiro. *Foi atendido na 14ª lua e falou:*

— *Grande Conselheiro eu sou o* Enviado. *Trago a palavra salvadora. É preciso que as nações façam a grande pausa e ouçam a* Palavra Salvadora.

Ela vem do Quicé, foi fruto das meditações do Dakai.

Caso não seja ouvido o Grande Kamma *não há de rezar pela felicidade* ***humana*** *e na oitava lua do sexto quadrante* ***aparecerá*** *o* Grande Círculo *e então a raça* ***humana*** *perecerá...*

E de tal forma falou o Enviado, *tanto fixou os olhos e sacudiu a cabeleira que o* Grande Conselheiro *reuniu o* Grande Conselho *e após 4 luas ficou resolvido que se ouviria a* Palavra Salvadora *no quinto solstício...*

E foram expedidos televisiogramas onde os conselheiros falaram conclamando o povo para ouvir a Palavra Salvadora. *E no solstício determinado no quadrante certo lá estava o* Enviado.

Lá estava Êle, olhos chispeantes, cabeleira danada, barba e bigode eriçados feito gato, soberano, bem no centro do mundo..

Êle trazia a Palavra Salvadora.

Todos os contrôles de som ligados às grandes telas de teleterceiravisão iluminadas...

O Grande Conselho *mais o* Universo *expectante...*

Êle o Enviado *levantou os braços, fitou o* Universo *em cujo centro estava, sacudiu a cabeleira e falou assim:*

— *Irmãos ouvi, venham todos, fitem-me* ***bem. Eu trago a*** **Palavra Salvadora,** *dir-la-vos-ei?*

Foi quando o Grande Conselheiro *cismou. Dir-la-vos-ei? Não. Tava errado. Porém continuou expectando...*

Ei-la irmãos a Palavra Salvadora. *Daqui* ***do centro do*** **Universo** ***no*** **Primeiro Quadrante** *eu o* Enviado *vô-la mando.*

O Grande Conselheiro *desligou a tempo. Aquêle homem era a reincarnação de Cambrone e Bocage...*

(Recolhido por Bastião Prata na seara do poeta Miguel Gustavo).

BASTIÃO PRATA

NOTICIÁRIO



Moacyr Neves

★ Macedo Netto não é galã de novelas, mas é na vida real o galã da moça Dolores Duran. Aquela que a morte não quis...

★ Canhoto no comando e a rapaziada atacando com TANGANIKA, um corridinho espetacular de ALTAMIRO CARRILHO. O moço de Pádua veio com a cachorra.

★ Foi a estréia do homem magro SILVEIRA SAMPAIO no Teatro Municipal. O homem magro entrou em cena e não fêz bonito... De vez em quando é preciso isso p'ra gente viver de verdade...

★ Diabo êste negócio do Stud do Téo, que já foi Ranchinho do Alvarenga e que agora é do Téo, de passagem pela Celeste Aida com clube da ferradura e tudo já tá virando «Direito de Nascer»... Não acaba mais esta novela.

★ Vocês vão ver. Quem vai apresentar é o papai aqui. Chama-se YARA JATY, pesa mais do que as «Pitta sista» lá do NAITEANDEI, canta folclore e dança de ponta. Um verdadeiro «show». Vocês vão ver...

★ Foi um estouro na praça a moça LENY EVERSONG. Abafou no MUSICAL ANTÔNIO MARIA, lá na MAYRINK VEIGA, acabou com o baile na RÁDIO MUNDIAL e foi embora p'ra São Paulo. Mas a moça vai voltar. Aí vocês vão ouvir a última composição do papai aqui, de parceria com o BLECAUTE. Chama-se BATUQUE DO SALVADOR e é uma homenagem diferente à boa terra do SENHOR DO BONFIM.

★ Sob o beneplácito do CHICO BARBOSA continuará sua trajetória ainda êste ano o CENTRO CÍVICO LIMA BARRETO agora talvez com o nome de «GRÊMIO LÍTERO-MUSICAL DANÇANTE LIMA BARRETO». Se Deus não mandar ao contrário...

★ Raul Brunini tá com tudo. O programa dêle «Cartas ao Repórter» entra antes do Celestino Silveira. A gente de teatro se quiser ter a certeza de ouvir o Celestino tem que ouvir o Brunini. Tá bão, não tá?

★ Alô, Alô, Deo Maia. O Victor Costa manda dizer que conta com você na SOCIPRAL. Está na hora de gravar e meter os peitos na cadeia de emissoras do moço. Vamos p'ra reta final?

★ Diamantina Gomes, a dileta musa do Waldir de Azevedo, gravou do Átila Nunes o samba SI EU QUISESSE, em discos Copacabana. Acho que a moça abriu uma flor Deus queira, ela é da SOCIPRAL.

★ Betinho e seu conjunto apresentam neste princípio de temporada «Califa no Mambo». Ótimo número de orquestra «show». Alô, Carlos Machado. Remember Betinho?

★ O moço Chico Carlos, lá no corredor da Nacional, num dêstes sábados, me disse que o casamento com a Celeste Scarlet não foi ainda. Quando fôr avisa, Chico.

★ Janete Jane, a bomba de 54, vai estrear na organização Victor Costa e gravará em discos Columbia músicas do Chico Anísio. Dois brotos juntos... GRANDE OTHELO.

DE SÃO LUIZ DO MARANHÃO

Passei quatro dias em São Luiz do Maranhão.

Vi, ouvi e senti o MOACIR NEVES, artista-cantor empresário e propagandista, fazendo misérias, dominando o panorama artístico da cidade e o povo do Maranhão aplaudindo incondicionalmente o artista de cinema (modéstia à parte o papai aqui) o Zecão dono do Cine Teatro «Arthur de Azevedo» dizendo que não passa mais filmes da Atlântida porque esta companhia resolveu alugar muito caro os filmes. Vi também o coco babaçu de montão, na Camboa os operários trabalhando pra valer porque o seu Ernani Maía Pereira manda com o coração o «Grande Othelo» número 2 sorrindo feliz com o meu abraço sincero.

Ouvi que a ORLANDIRA MATOS é a melhor cantora de música popular e a Maria Emília de músicas internacionais, fazendo parte do elenco da RÁDIO TIMBIRAS onde a discotecária é a Dionete Farias.

Senti uma ternura imensa por aquela gente que sabe querer porque tem vida, senti o valor sincero da inteligência ágil do NONATO MACSON, do «Globo» maranhense, a boa vontade do Victor Gonçalves e senti uma vontade louca de ficar por lá trabalhando na reorganização da Rádio Ribamar do seu Gerson, na CAMPANHA DA PRODUÇÃO do Adhemar Aguiar ou tomando banho de mar no «ôlho D'água»...

Ficar por lá por conta do Cezar Abud cantando no Cassino, jogando futebol no Moto Club, morando na casa do Moacir Neves, brincando com a NIDOCA mais a GRACINHA e comendo doce de BURITY que a dona Maria gosta tanto.

Vou dizer como a Dilú Mello:

Maranhão de Viriato Correia, Apolônia Pinto, Arthur de Azevedo e Je-
Que saudades do Maranhão...
ronymo de Viveiros. Que saudade!...



Orlandira Mattos

RECADO

● Meu Caro Jurandir Chamusca.

Não tinha lido ainda a sua muito bem feita seção na revista «A Cigarra». Ótimos e esclarecedores os seus comentários de discos. Você deve é dar duro nos gravadores que se apressam às vêzes em oferecer discos aos cronistas, mas não os mandam com a presteza necessária para as casas vendedoras.

Muito boa sua reportagem «As melhores cantoras do Brasil». Incentivadora e por isto mesmo construtiva. Rara numa época em que a preocupação é destruir tudo...

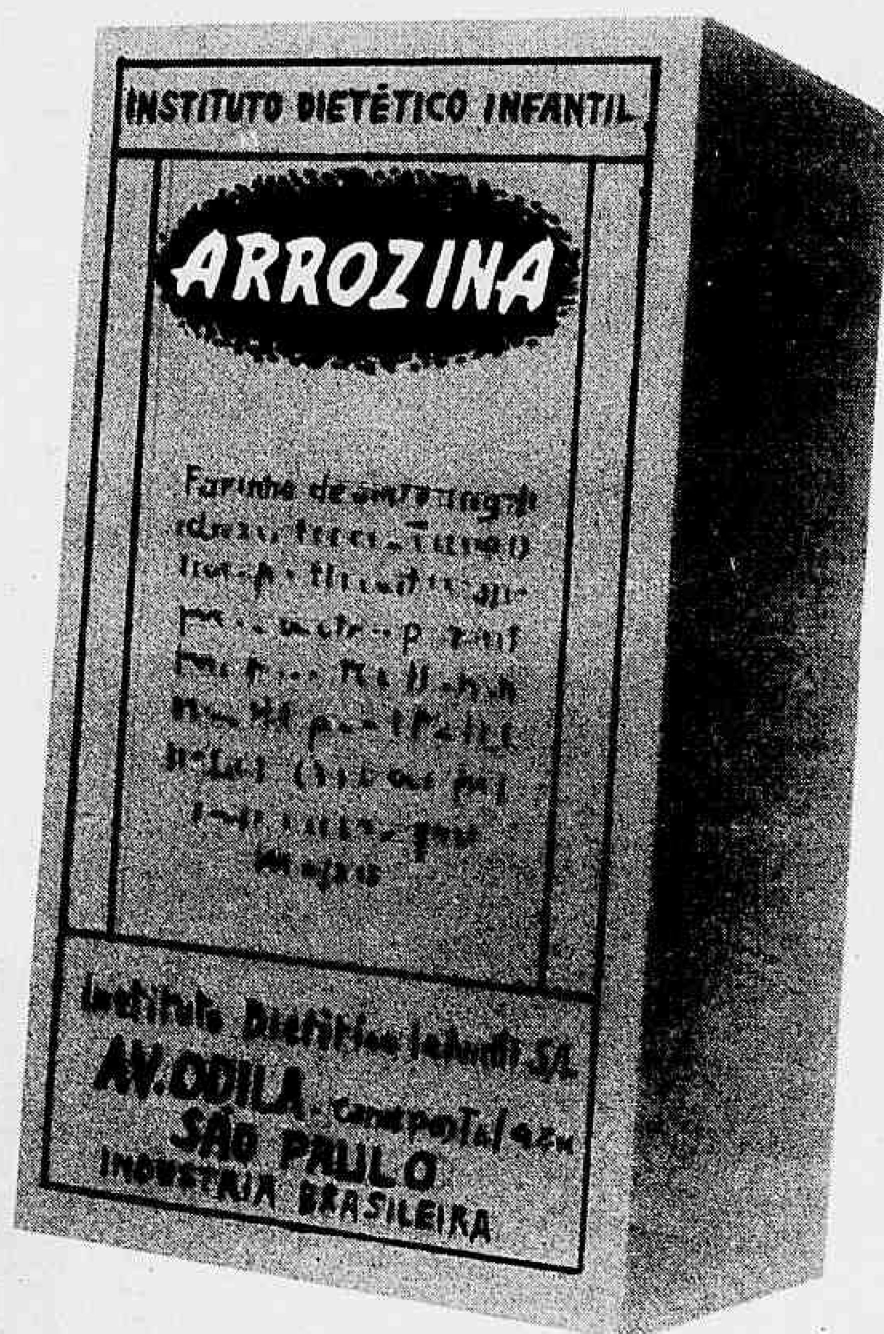
Quero dentro dêste espírito lembrar o nome e a personalidade de Alaíde Costa, atualmente cantora sem contrato da Rádio Mundial... Esta moça vem de longe, ela era a «chuvisca» da Rádio Tupy, estêve na Rádio Nacional em pé de igualdade com a Ellen de Lima. As duas defendiam nas PARADAS DE SUCESSO o samba VIDA DE BAILARINA da Ângela Maria, que andava viajando. No fim da história a Ellen foi contratada e a moça Alaíde continua penando. É justo? Não.

Dá um jeitinho, Jura, e conta com o Othelo às ordens aqui na CANÇÃO DO ASFALTO...

É hora do "RANCHO"



seu filho cresce com



O alimento que levanta o pêso do bebê

A venda em armazéns, mercearias e farmácias

Experimente Arrozina em mingaus, cremes, recheios e bolos

UM PRODUTC

IDISA



Instituto Dietético Infantil S.L.

CAIXA POSTAL 4334 — SÃO PAULO

Representantes em Todo o País

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 16 E 22 DE ABRIL DE 1955 — (HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO — (21/9 — 20/10) — As vantagens e as desvantagens da semana quase se equiparam. No final não haverá saldo apreciável, bom ou mau. Em tais condições, nenhum esfôrço extraordinário se justificará. O melhor é deixar correr o barco.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Suas condições astrais na vigência da semana em pauta, será totalmente diversa da anterior. Não haverá cooperação possível no caso do leitor. Conte apenas consigo mesmo e com os recursos de que puder dispor.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Suspenda, pelo menos até o dia 20, qualquer projeto de viagem ou de mudança. Os influxos reinantes são terrivelmente contrários a tais coisas. No que diz respeito à profissão e aos assuntos domésticos, tudo irá a contento.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — A chance continuará nas suas atividades sentimentais e nos seus negócios. Evite discussões de matéria política e maiores intimidades com seus chefes, com as autoridades e com os militares, de um modo geral.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — Sua semana, desta vez, será de realização. Os três setores de finalidade do seu horóscopo estão cheios de bons influxos. Não fique nos projetos, vá à prática, à realização das idéias e verá como lhe sairão as coisas.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Não solicite a ajuda de ninguém no encaminhamento dos seus negócios. Na semana em foco o leitor não terá chance para receber o valioso concurso de que tiver necessidade. O ambiente está cheio de advogados do diabo.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Seus negócios serão realizados com facilidade e lhe darão lucros compensadores, no curso da semana. Os melhores dias para qualquer atuação extra serão 17 e 19. O dia 20 não lhe favorecerá as aspirações.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — Seja discreto tanto quanto puder. Não revele seus planos nem dê conta, a ninguém, das suas intenções, dos seus propósitos. Está projetada nas suas costas a figura negra da traição. Não confie, durante a semana, nem nos amigos.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Os dias 18, 20 e 22 serão altamente desfavoráveis aos seus negócios e demais interêsses. Haverá uma ambiência doméstica propícia a desentendimentos. O setor da profissão receberá, igualmente, os influxos da semana.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Não solicite empréstimos nem peça favores de qualquer espécie. Sua posição é falsa nesse particular. Os casos íntimos estarão resguardados e não haverá o perigo de delações. Pode confiar.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Os parentes, os íntimos, os amigos de presença mais frequente, todos os que lhe formam a «entourage», estão preparando um golpe. Prepare-se para o previsto aborrecimento e não ceda, pois será enganado.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Suas tendências, durante a semana, serão para a boemia. Reaja, pois estará a pique de um escândalo e do consequente descrédito. A semana favorecerá novas e boas relações conseguidas em meios mais ou menos seletos.

OS NOMES DA SEMANA

Abril, 16	—	Edgar	—	Faustina
" 17	—	Eurico	—	Eudália
" 18	—	Mário	—	Márcia
" 19	—	Joaquim	—	Januária
" 20	—	Ranulfo	—	Marli
" 21	—	Trifino	—	Esmeralda
" 22	—	José	—	Julita

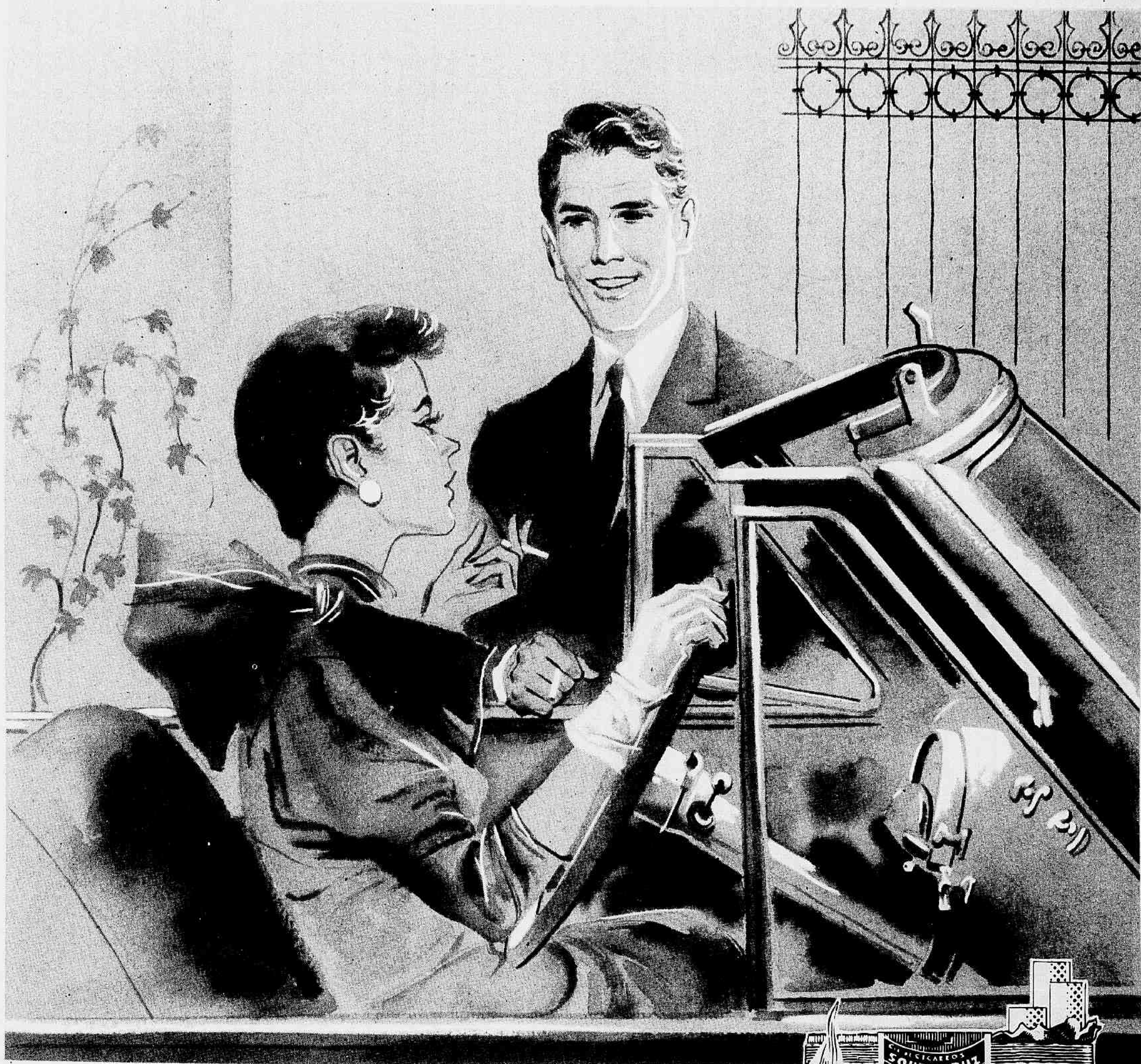
EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Abril, 16	—	25º - 43' - 30"	(Signo do Carneiro)
" 17	—	26º - 42' - 12"	(" " ")
" 18	—	27º - 40' - 52"	(" " ")
" 19	—	28º - 39' - 30"	(" " ")
" 20	—	29º - 38' - 06"	(" " ")
" 21	—	00º - 36' - 41"	(Signo do Touro)
" 22	—	1º - 35' - 14"	(" " ")

● **AOS LEITORES** — Os signos zodiacais simbolizam as estações do ano. O signo do Carneiro, por exemplo, simboliza a Primavera, o do Câncer o Verão, o da Libra o Outono e o do Capricórnio o Inverno. Tôda notação astrológica foi preparada para o hemisfério norte. Nós que vivemos no hemisfério sul, temos que invertê-la para ajustá-la às nossas realidades.

Quando se inicia a Primavera entre nós? Em Setembro. Então é em Setembro que, para nós, chega o Sol, ao signo do Carneiro. Eis a razão que nos leva a considerar natos do Carneiro, os indivíduos nascidos entre 21 de Setembro e 20 de Outubro de cada ano. O que se dá com o signo do Carneiro, acontece, também, com os demais do Zodíaco. As nossas indicações pois, traduzem a realidade do fato astrológico no nosso hemisfério.

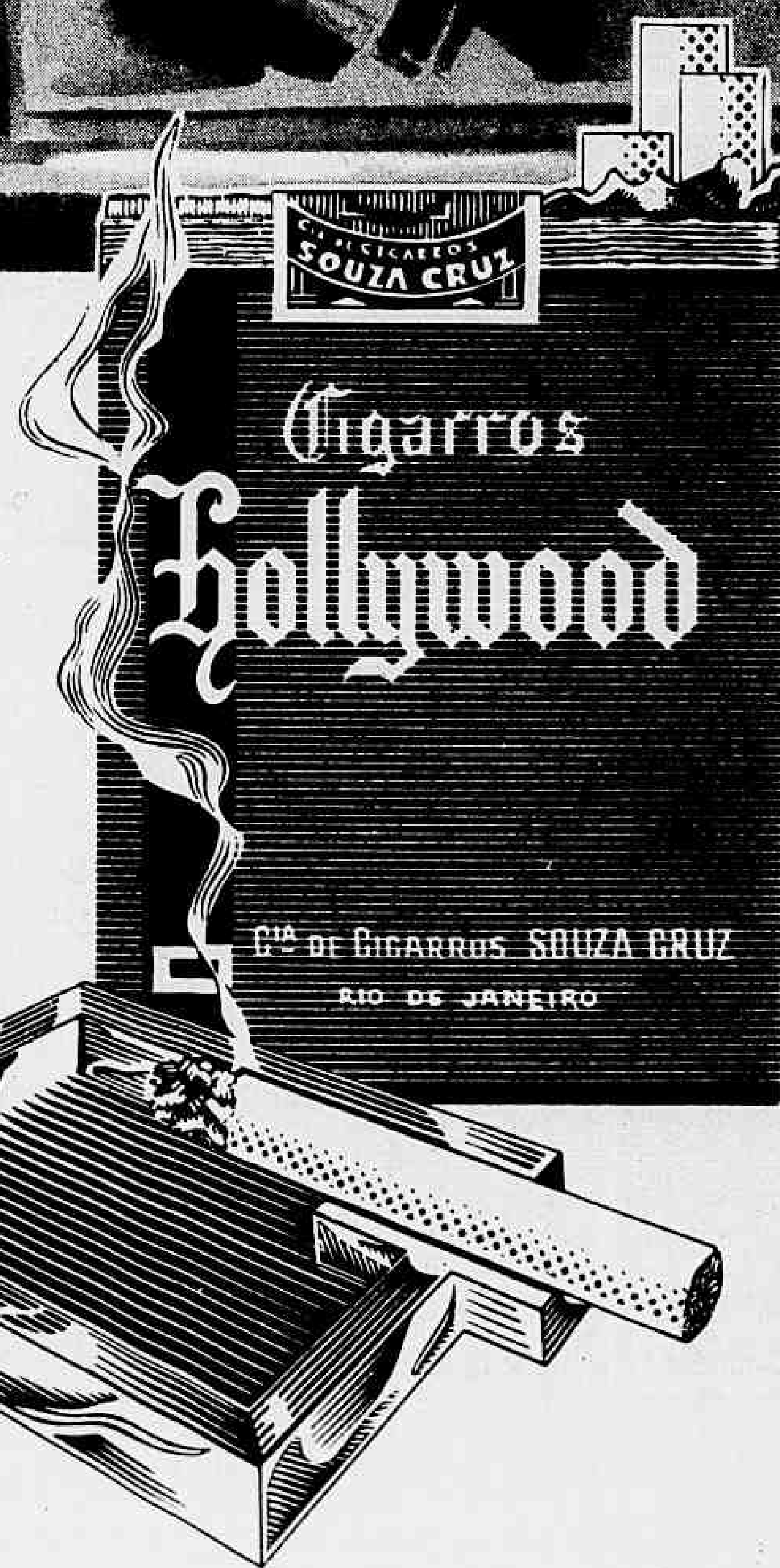


Agora Sim!

você fuma um bom cigarro!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood



uma tradição de bom gôsto

H-88.288

UM PRODUTO SOUZA CRUZ



PING-PONG

Ping — Que mais aprecia no homem?
Pong — O conhecimento que êle tem de que é superior à mulher.
Ping — Que mais detesta?
Pong — Quando exagera o supra dito conhecimento.
Ping — E' a favor da pena de morte?
Pong — Contra. Não resolve problema nenhum e cria outros.
Ping — Que pensa da mulher na política?
Pong — Indispensável. Há problemas que só as mulheres podem resolver com acêrto.
Ping — Que acha dos cronistas sociais?
Pong — Antigamente sabia-se que os tubarões existiam; não, porém, como viviam. Os cronistas sociais exibem tudo.
Ping — Se tem inimigos, que pensa dêles?
Pong — Foram todos abençoados pelo Papa.
Ping — Contra ou a favor do divórcio?
Pong — Em algumas circunstâncias, contra. Em outras, a favor. Exemplo de contra: incompatibilidade de gênios. Isto é, falta de educação mútua. Aí sou contra. Exemplo, a favor: cônjuge desonesto. Educação se concerta. Caráter, não.
Ping — Se fôsse Presidente da República, qual o seu primeiro gesto?
Pong — O mesmo de todos os outros. Ir ao espelho ver se a faixa me assentava bem.
Ping — Gosta de cinema?
Pong — Gosto muito do cinema italiano. Vez por outra o cinema francês acerta. O cinema americano é que murchou.
Ping — Cite três escritores estrangeiros modernos que admira?
Pong — Christopher Fry, Henry Troyat, Betty Smith.
Ping — Tem mêdo do inferno?
Pong — Lógico.
Ping — Pensa muito no dia de amanhã?
Pong — Não. Acho esfôrço bastante razoável pensar no dia de hoje.
Ping — E no dia de ontem?
Pong — Ajuda a pensar no dia de hoje.
Ping — Que pensa do dinheiro?
Pong — Penso muito nêle, mas não sou correspondida.
Ping — Gosta de criança precoce?

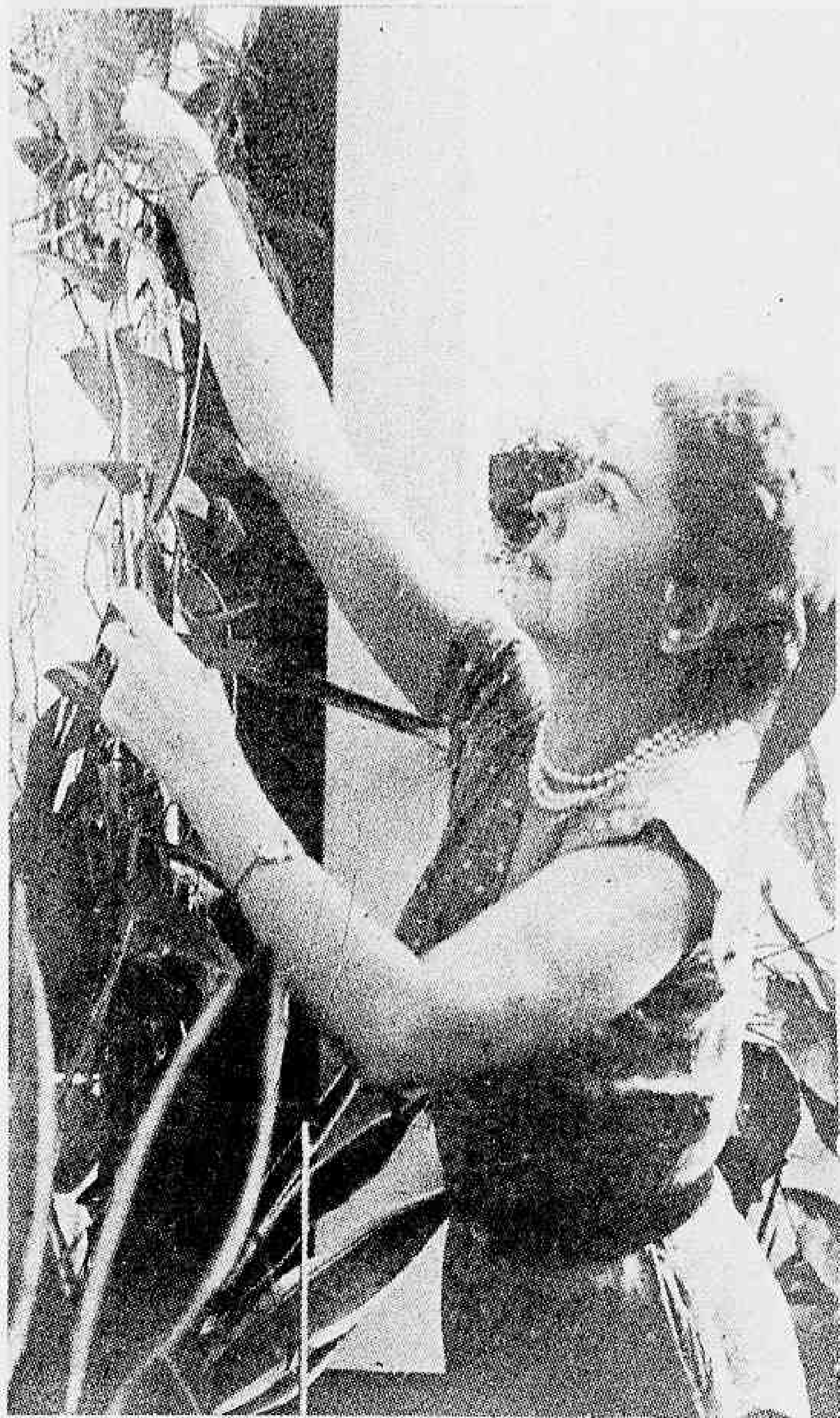
LÚCIA BENEDETTI:

VINTE "SUICÍDIOS" POR DIA

SEUS INIMIGOS FORAM ABENÇOADOS PELO PAPA — CRONISTAS SOCIAIS, EXIBIDORES DE «TUBARÕES» — CONTRA A PENA DE MORTE E A FAVOR DO DIVÓRCIO EM CERTOS CASOS

Texto de BEATRIZ S. ARAÚJO

Fotos de ALBERTO FERREIRA







Pong — Gosto tanto de crianças que não me importo que sejam precoces.

Ping — Se encontrasse na rua Luís Carlos Prestes, qual seria sua primeira reação?

Pong — Diria comigo: Será êle mesmo?

Ping — Diga três superstições suas:

Pong — Lenços, lenços, lenços.

Ping — Gosta de cantar?

Pong — Gosto. Os outros é que não gostam que eu cante.

Ping — Acha esta vida um vale de lágrimas?

Pong — Mas, não! Há tanto em que achar graça!

Ping — Tem mêdo de andar de avião?

Pong — Tenho. Antes de minha filha nascer, era o meu meio de transporte favorito.

Ping — Depois que me tornei mãe, acho que avião não combina mais comigo.

Ping — Aprecia o fumo?

Pong — Fumo bastante. Mas, agora que os cientistas culpam o fumo de tôdas as desgraças, acendo o cigarro como quem se mata. Fumo uns vinte «suicídios» por dia.

Ping — Acha que o mundo como está, está bem?

Pong — Acho que nunca estêve, nem estará bem. Será sempre mundo.

Ping — Que faria para modificar a humanidade se isso dependesse de você?

Pong — Modificar a humanidade não entra no meu programa.

Ping — Conta escrever mais para crianças?

Pong — Deus ajudando, sim. O teatro infantil há de contar comigo até que eu me acabe...

Ping — E fora do teatro infantil?

Pong — Agora mesmo estou escrevendo histórias que serão gravadas em disco. Uma gravadora tem grandes planos nesse setor e eu também. Afinal de contas, quem sabe? — talvez o disco venha a ser o livro do futuro...

Ping — Quais os cronistas brasileiros que gosta de ler?

Pong — Leio todos. Estamos muito bem servidos de cronistas.

Ping — Que acha do teatro nacional?

Pong — Quando chegamos do estrangeiro, depois de uma revista em regra em todos os palcos famosos é que podemos avaliar o quanto o nosso teatro avançou. E como temos gente boa escrevendo e interpretando!

Ping — Quais, dentre os novos, que mais admira?

Pong — Acho que Milôr Fernandes («Diálogo da Perfeita Compreensão Conjugal» e «Do Tamanho de um Defunto») — é de importância inestimável para a literatura teatral. E Antônio Calado («Frankel») outra exibição de fôrça.

Ping — Quais seus projetos futuros?

Pong — Trabalhar e viver, como naquele velho hino escolar.

★ Paulista de Mococa, pêso-leve 47 quilos, com 1,54 de altura, de olhos e cabelos castanhos. Lúcia Benedetti deseja apenas trabalhar e viver. Continuará escrevendo teatro infantil e está produzindo histórias que serão gravadas em disco. Numa rápida conversa com Lúcia foi jogada esta partida de ping-pong, em que a escritora rebateu boas «bolas».



Com champanhota e tudo:

NO BANCO DOS RÉUS OS CRONISTAS SOCIAIS

JULGADOS POR UM «TRIBUNAL» DE BOA GENTE, COMPOSTA DE R. MAGALHÃES JÚNIOR, ADALGISA NERY, LÚCIA BENEDETTI, JOÃO E JOSÉ CONDÉ, ANTONIO CALLADO, CACILDA BECKER E MOACYR FELIX — DUELO SEM CAPA NEM ESPADA ENTRE JACINTO DE THORMES E IBRAHIM SUED — JULGAMENTO SENSATO DE «JUÍZES» CULTOS E INTELIGENTES

Reportagem de VINICIUS LIMA

DIZEM que "o hábito do cachimbo põe a bôca torta", e no presente caso, o velho adágio se adapta perfeitamente, agravado ainda com o fato do cachimbo usado por uma pessoa, ter entortado a bôca de muita gente...

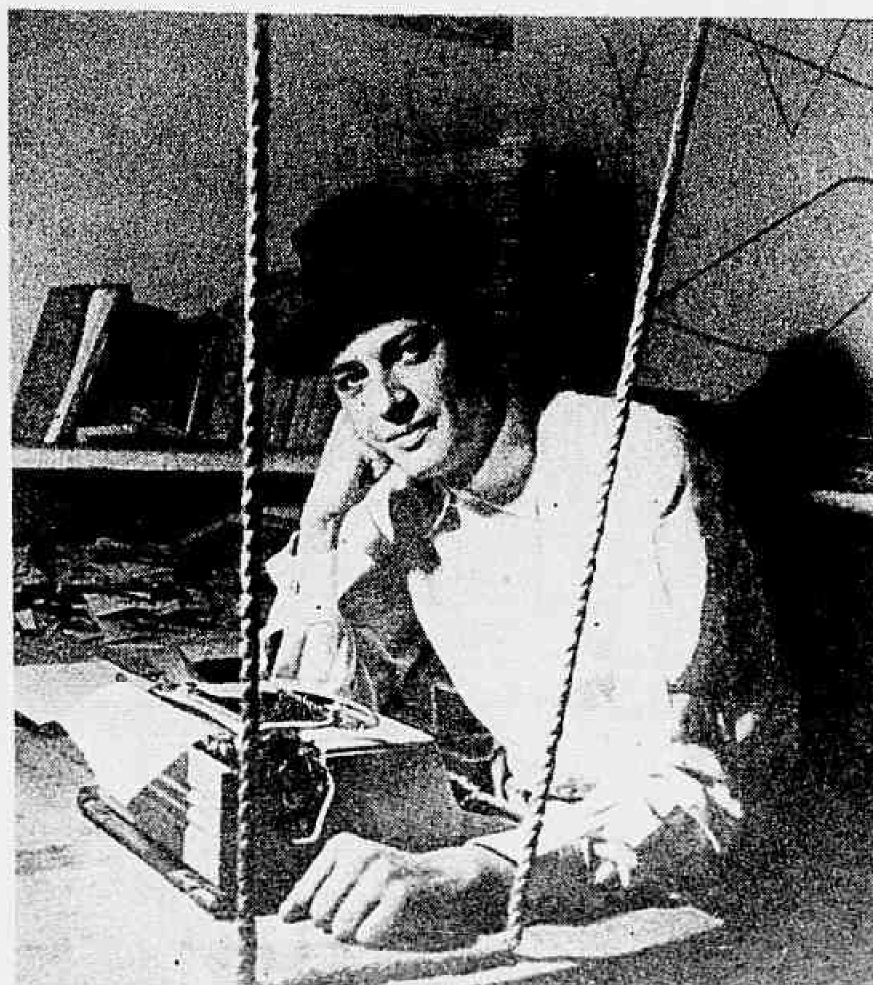
Refiro-me ao cronista social Jacinto de Thormes; ao qual se atribui, no Brasil, a paternidade dêsse discutido gênero de jornalismo e também das gírias do "bem bom", havendo, por isso mesmo, atualmente, uma luta cerrada entre o dito Jacinto e seu colega Ibrahim Sued, que reivindicam pùblicamente a "grande descoberta". Por isso mesmo o autor da presente reportagem foi investigar o caso, chegando à seguinte conclusão: assim como Fleming descobriu a penicilina e Einstein criou a Lei da Relatividade, foi Jacinto de Thormes que em nosso país "inventou" a moderna crônica social, amem.

● *UM BEM OU UM MAL?*

Na opinião do repórter, a crônica social pode não ser um mal, porém, um bem, não pode ser. E, não há dúvida, um sinal dos tempos, um retrato fiel da época em que vivemos, de nossa sociedade e, finalmente, do desequilíbrio econômico que atravessamos. Mas, a simples opinião de um jornalista não basta. Eis por que procuramos ouvir artistas, escritores e poetas de diversas tendências, os quais deram as mais desencontradas opiniões. R. Magalhães Júnior, por exemplo, depois de bem pensar, afirmou: "Os cronistas são instrumentos dos patrões. Retratam a nossa sociedade e suas mazelas. O mais, minha espôsa Lúcia Benedetti já disse em seu depoimento. E faço minhas as palavras de Lúcia". O depoimento de Lúcia Benedetti vai publicado linhas adiante. É um depoimento generoso apenas. Enquanto isso, Henrique Pongetti, com aquêle seu jeito delicioso, faz, a seu modo, uma critica repassada de ironia. José Condé, não: é incisivo, forte e exato. E o representante dos novos nesta "enquete", o poeta Moacyr Felix, é o mais prolixo. Mas, em compensação, Cacilda Becker, em poucas linhas, limita-se a fazer trocadilhos, rindo da coisa. Mas, Antonio Calado, escritor e jornalista de grandes méritos, dá-nos um esclarecimento precioso do problema que, segundo êle, é quase universal. E por aí vai. Sempre com boa dose de ironia, as pessoas por nós entrevistadas não chegaram a apoiar os cronistas, que afinal de contas terão oportunidade de defesa.

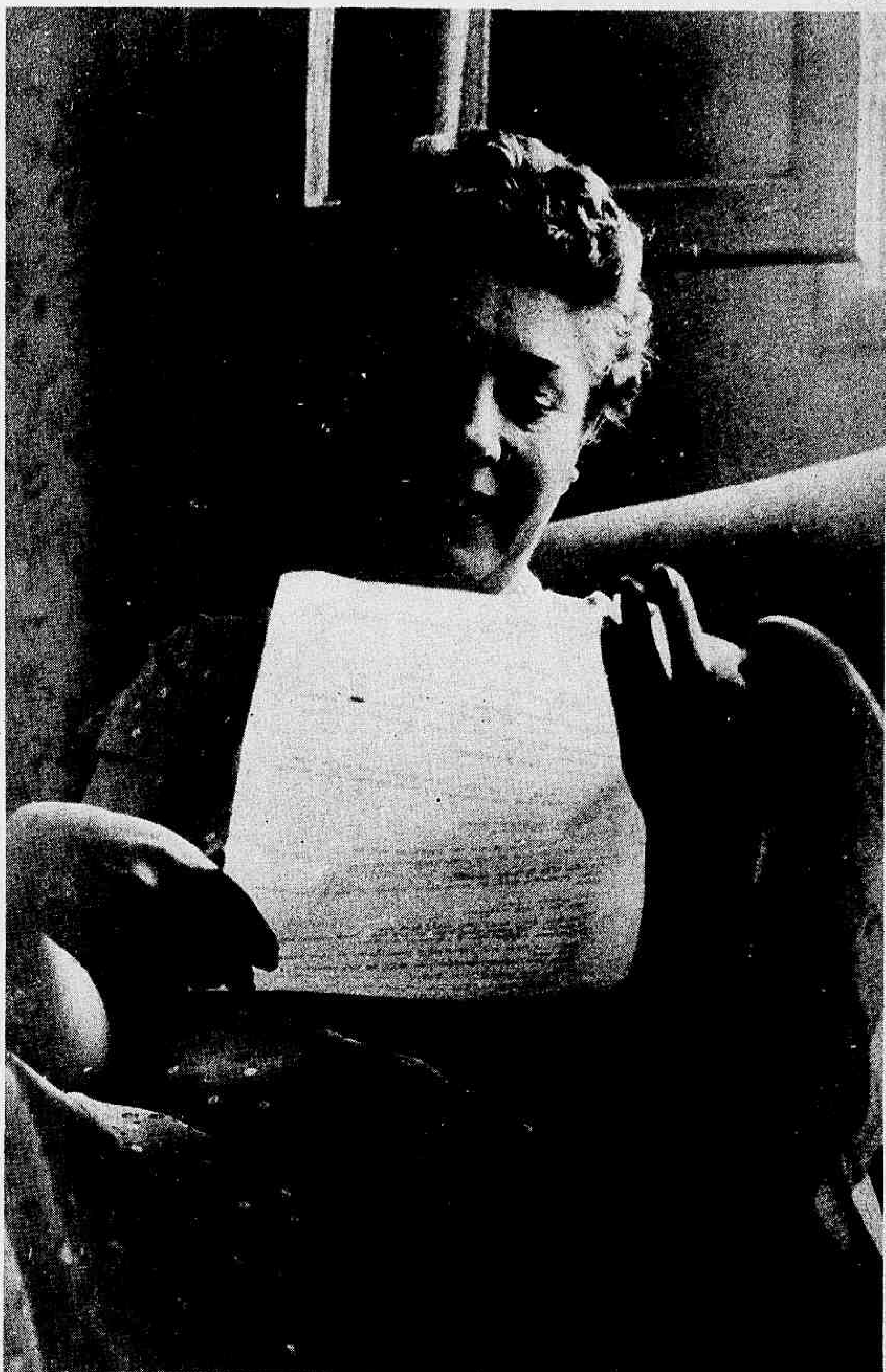
OS MAIS CONHECIDOS CRONISTAS SOCIAIS

● **Eis os mais conhecidos rapazes da crônica mundana: Ibrahim Sued, de «O Globo»; Peter, da «REVISTA DA SEMANA»; João da Ega, de «Última Hora»; Jacinto de Thormes, do «Diário Carioca» e Roberto Vasconcelos, do «Correio da Manhã». Existem outros, porém, sem grande projeção. Do grupo acima, João da Ega é dos mais antigos. Ibrahim, o mais lido e também o mais rico, tendo predileção por automóveis de tôda e qualquer procedência...**









JOSÉ CONDÉ

Diretor de "Jornal de Letras". Contista e novelista

● «Pessoalmente, não tenho nada contra os cronistas sociais. Sou contra (isto sim) essa frívola sociedade que os gerou e que passeia impunemente sua irresponsável ociosidade neste tempo duro em que vivemos — tempo trágico em que os ricos ficam cada vez mais ricos e os pobres se vão tornando ainda mais pobres. Penso assim como cristão e como criatura humana. Aliás, êsse é o ponto de vista de «Jornal de Letras», que foi o primeiro a chamar a atenção para o sintoma alarmante que representa a crônica social nos moldes em que está sendo feita atualmente. Nosso editorial, publicado em fevereiro último, teve a maior repercussão. Provocou artigos, crônicas, tópicos, etc. E tudo isso nos convenceu ainda mais do acêrto de nossa posição. A princípio pode parecer estranho que um jornal literário tenha entrado nesse assunto dos cronistas. Mas, foi uma atitude acertada. Os escritores e os artistas não podem ficar indiferentes à vida que os rodeia e aos problemas do seu tempo. E a atual crônica social é, infelizmente, o reflexo de um grave problema dos dias de hoje!».

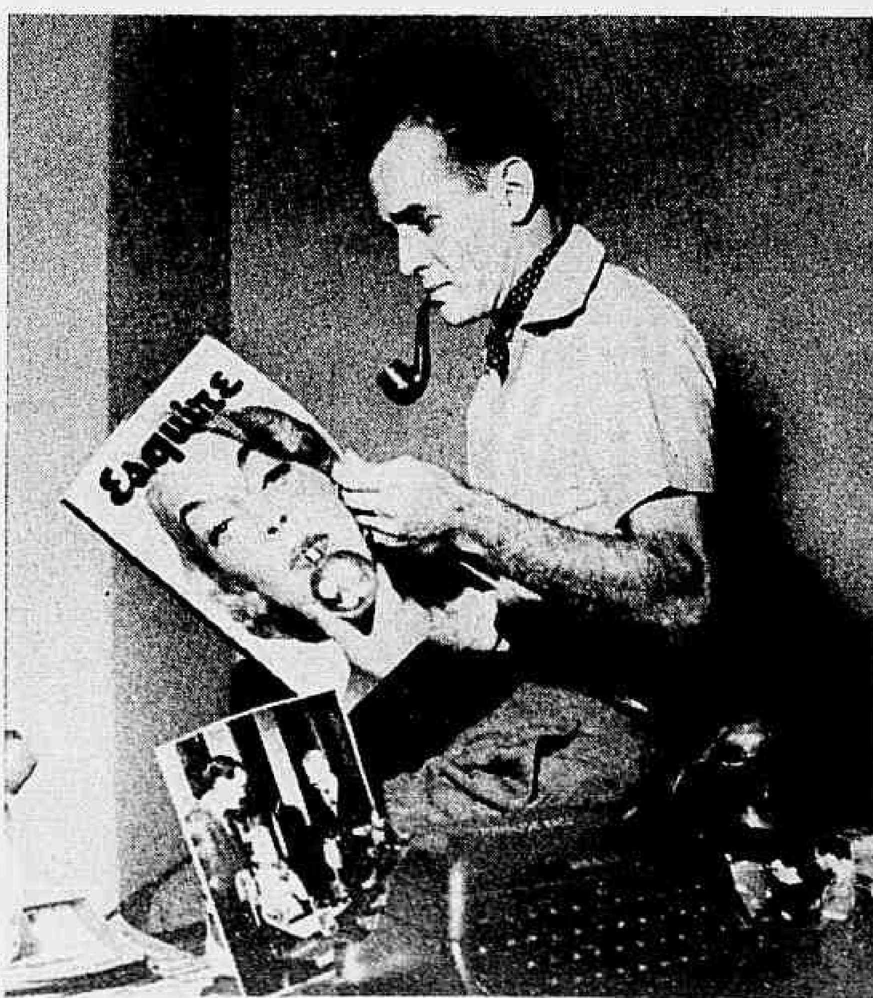
LÚCIA BENEDETTI:

Escritora, cronista e poetisa

● «Acho que os cronistas sociais são o retrato da época em que vivemos: época de ostentação de uma sociedade em plena decadência moral. Os rapazes da crônica mundana apenas escrevem o que vêem, e por isso mesmo, não devemos culpá-los. Não posso fazer carga sôbre êles, que são criados e sustentados por tubarões megalomaníacos. O que se torna necessário, é alfabetizar alguns dos rapazes que escrevem sôbre o desquite de uma fulana e os calos de dona cicrana.»











COM CHAMPANHOTA E TUDO:



JOÃO CONDÉ

Diretor do "Jornal de Letras" crítico literário e escritor.

● Sou homem de gerência por excelência, aqui no «Jornal de Letras». Minha função, como você já deveria ter percebido, é a de arquivar as «obras primas» que estão sendo publicadas pela maioria dos grandes jornais. Eu sabia que estava faltando alguma coisa em meus «Arquivos Implacáveis».

ADALGISA NERY

Poetisa, cronista e escritora

● **A pergunta não foi bem posta. Indagar se sou contra ou a favor do cronista social é o mesmo que desejar saber se sou contra ou a favor do repórter policial. Quanto mais roubos, crimes e assassinatos se derem mais farta será a página dos jornais dedicada a êsse setor. O cronista social não tem culpa que a sociedade se exiba em vaidades alarmantes, que mostre a sua irresponsabilidade praticando gastos afrontosos e impiedosos contra uma classe muito maior de miseráveis, famintos e revoltados econômicamente. O cronista apenas registra o que se processa no seu setor profissional. Se êle vê, como todos os frequentadores de «boite», que a senhora X, casada com o senhor H. está em colóquio amoroso com o senhor Y, pùblicamente, êle não faz mais do que anunciar o que aquela mesma senhora deseja: o seu nome e o escândalo que mostrou capaz de provocar com a sua desagregação moral em letra de fôrma. Ela foi a causa da notícia. O cronista** social não tem culpa de ser procurado por maridos inescrupulosos que tentam suborná-lo com favores, atenções desmedidas e inoportunas e até com dinheiro, apenas para o nome da sua espôsa sair nas suas colunas! Hoje em dia quem casa, quem divorcia, quem sabe se a cegonha vai visitar dona Fulana, não é o padre, nem o juiz, nem o médico. É o cronista social. A culpa é dêle? Não. Antigamente ao lado da Igreja a sociedade vigiava-se colocando altos muros para resguardar o seu lar da desagregação da família. A Igreja continua na sua missão, porém, a sociedade derrubou fronteiras e não faz distinção nem escolhe os elementos que devem ser introduzidos no seu lar, nem seleciona a companhia que deve dar aos seus filhos. Há um perigoso «slogan» que vai afundar todos os princípios morais e cristãos: modernismo, como argumento de desmandos. Por que ser contra os cronistas sociais? Por acaso alguém se lembrou de ser contra os repórteres policiais, que passam os seus dias nas delegacias à procura de detalhes inéditos sôbre um crime de sensação ou pormenores da vida de um tarado? Sou a favor dos cronistas sociais. Talvez êles sejam o instrumento de aniquilação total dessa ignóbil. sociedade para que, outra mais previdente e recatada, surja das cinzas. O cronista social é um produto exclusivo dessa sociedade tão rica em maus exemplos e tão criminosamente egoísta.



R. MAGALHÃES JÚNIOR

Vereador, cronista dos melhores, crítico e teatrólogo.

● O que eu tinha a dizer já foi publicado pelo «Diário de Notícias». Os cronistas são instrumento dos patrões. Retratam a nossa sociedade e suas mazelas. O mais minha espôsa Lúcia Benedetti já disse em seu depoimento. E faço minhas as palavras de Lúcia.

NO BANCO DOS RÉUS OS CRONISTAS SOCIAIS



MOACYR FELIX

Poeta, autor de "Lenda e areia" e "Itinerário de uma tarde"

● De há muito existe a crônica, ou seja, uma espécie de relatório, sumário e cotidiano, das coisas e dos fatos de uma determinada sociedade num determinado tempo. Considerada em si mesma, portanto, a crônica não é boa nem má. Se ela reflete as danças, os amôres, e as festas de uma sociedade de homens que recolhem dos frutos de um justo trabalho as alegrias, a música, e a beleza da vida, se ela reflete uma sociedade de homens que não comemoram imensos lucros obtidos à custa da miséria e da exploração dos seus semelhantes, de homens que dão um verdadeiro sentido à vida, poderá vir a ser um bem considerável. Se aquêles que a escrevem sabem escrever, sabem participar dos acontecimentos sob um ângulo construtivo, e não possuem uma alma feita para viver agachada nos tapêtes dos poderosos, então, a crônica freqüentemente encontrará uma ocasião de se ver transformada numa peça de boa literatura. Mas o que acontece atualmente não me parece ser assim. E não é. O que eu vejo é uma vazia ostentação de possuir, possuir muito, e apenas possuir. O que eu vejo são bebidas caríssimas, chás em taças de não sei o quê, vestidos de milhares de cruzeiros, peles e casacos com preços que dariam para comprar uma casa, vaidades doentias refesteladas em luxuosos sofás e uma corrompida ociosidade no lusco-fusco das «boites», jogadas como uma zombeteira bofetada sôbre um povo que atravessa a maior e a mais dura crise econômica de sua história. Revolta a qualquer leitor de bom senso ver essa minoria noturna e coquiteliana se divertindo às pamparras, enquanto nas várias outras páginas de qualquer jornal se acumulam fotos e mais fotos de favelas e de «paus de araras»; declarações de que a vida, já tão difícil e áspera, vai se tornar ainda mais áspera e mais difícil, longas reportagens sôbre as condições miseráveis e deficientes dos hospitais, dos hospícios, das maternidades, das penitenciárias, das casas de correção para menores abandonados, das escolas públicas, dos meios de transporte etc. Tudo isto na capital da República. E ficamos a pensar no interior, no vasto, e desgraçado, e esquecido interior do nosso país... Veja bem, eu não desejo que terminem com a crônica mundana tal como ela está, e que ISTO continui às escondidas de todo um povo. Não, eu até acho que devemos agradecer aos cronistas... Pois assim nos fornecem mais alguns elementos para uma pergunta que se impõe: será essa a famosa civilização ocidental cristã, (que a meu ver, do Cristo não tem nada), e sob cuja rubrica corre o sangue de tantas lutas e se justifica o processamento de tantos crimes?!



CACILDA BECKER

Atriz dramática do teatro e cinema nacionais.

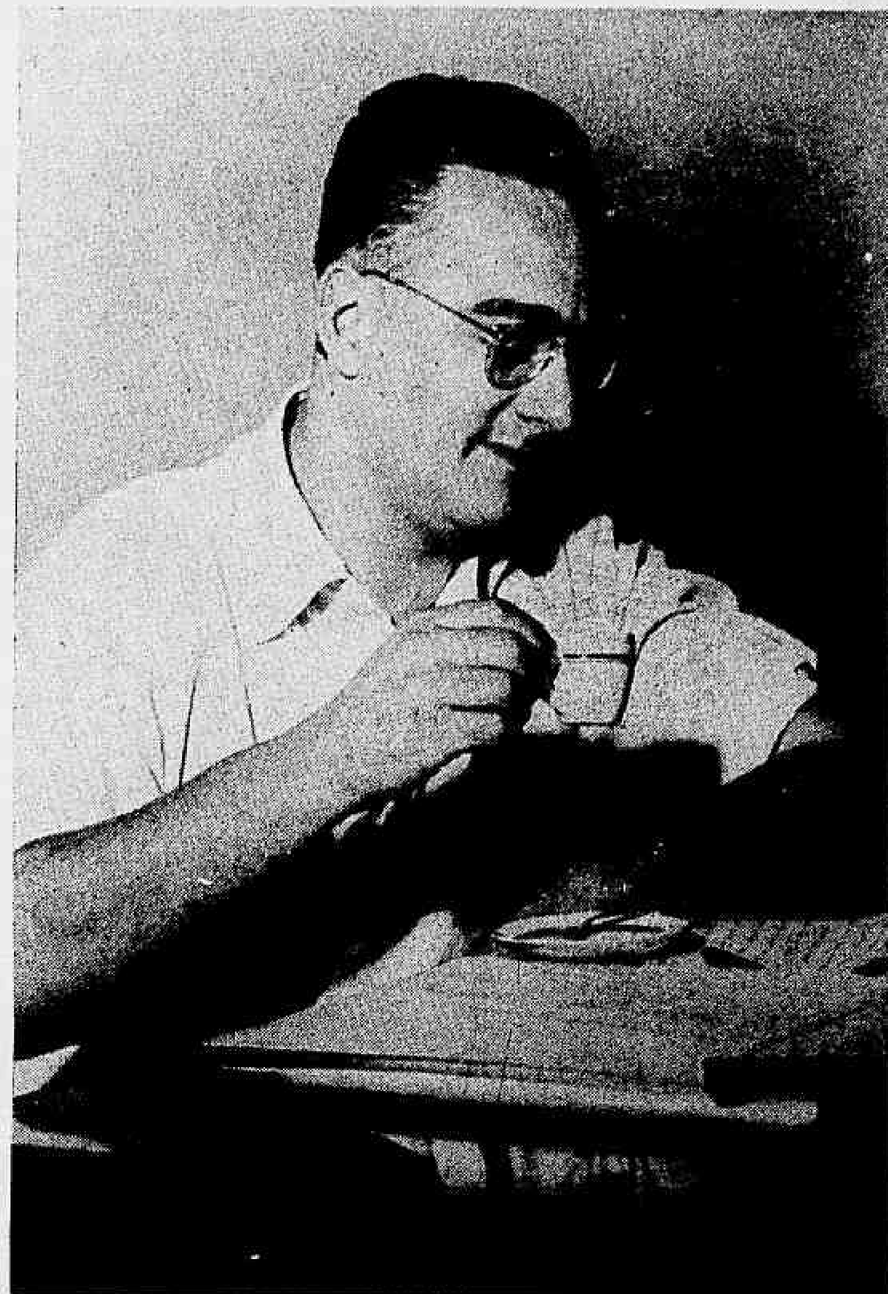
● Meu caro Vinicius. Se você é contra êles, já sinto que você é de champanhotas. Não vou contra ninguém nem contra damas, nem contra pretas. Sou contra alguns poucos senhores... Mas isso é outra história.
Depois eu conto...

HENRIQUE PONGETTI

Escritor, crítico e cronista.

● Conforme eu já disse, o Rio anda vivendo um momento maravilhoso. Os cronistas sociais estão descobrindo a sociedade e a sociedade está descobrindo os cronistas sociais. E todos juntos, de mãos dadas, ficam vendo o sol nascer. Por sua vez, o grande público se delicia com a oportunidade de receber, pelo mesmo preço de um jornal ou de uma revista, as rôlhas que saltaram das garrafas de champanhe esvasiadas pelos outros. Realmente, o melhor da festa não é mais esperar por ela: é esperar pelos cronistas sociais depois das festas acabadas. Êles são mil vêzes mais divertidos do que o mais alegre anfitrião. E mil vêzes melhor informados do que o mais bisbilhoteiro dos convivas. Hoje, quando volto de um «party», espero ler as colunas do meu cronista preferido para saber se me diverti ou se me chateei com champanhota e tudo. Resumindo: a crônica social DEVE SER RECONHECIDA DE UTILIDADE PÚBLICA E A UNIVERSIDADE DEVE CRIAR UMA CADEIRA DESSA IMPORTANTÍSSIMA MATÉRIA.

Quem se resignaria agora a voltar aos bárbaros tempos antigos, àquela Idade Média do Rio quando se insinuava que os filhos vinham ao mundo pelas mãos do médico parteiro, e não no bico das cegonhas?



ANTONIO CALLADO

Escritor, jornalista, redator-chefe do "Correio da Manhã".

● Li há pouco tempo uma notícia na revista «Time», sôbre o espaço que as colunas de mexericos ocupam nos jornais americanos. Portanto, não há nada de extraordinário que os jornais brasileiros estejam também desenvolvendo as suas colunas sociais. A diferença no caso, é que os Estados Unidos da América atravessam uma fase de grande prosperidade real. Lá, realmente, os dinheiros das «champanhotas» não escandalizam. O Brasil, ao contrário, atravessa uma das maiores crises econômicas de sua história. Isto não é coisa de se brindar com «champanhotas». Os cronistas sociais não têm culpa dêsse estado de coisas. A mim, o que admira, é que êles tenham tempo e paciência para ir a tantas festas.



NOITE GRANDE

Conto de WILSON BARBOSA

Desenho de DARCI

NUMA fuga instintiva saíram do salão agitado para a deliciosa solidão noturna da praça deserta. Caminharam de um lado para outro, trocaram algumas palavras reticentes, pararam, de súbito, e fitaram-se em silêncio, deixando que suas bôcas se unissem para falar a linguagem muda da revelação suprema.

— Louco! Você é um louco... — balbuciou, nervosa, lábios machucados pelo beijo violento.

Segurando-lhe a mãozinha trêmula, Júlio olhou para o alto e sentiu-se maior do que aquela noite grandiosa, sentiu-se dono daquele céu azul, daquelas estrêlas côr de ouro, que pareciam refletir-se tôdas nos cabelos louros de Maria.

— Louco... louco — repetia, emocionada, enquanto procurava recuperar a naturalidade perdida. Ofereceu-lhe o lencinho perfumado e ordenou, sorrindo:

— Tire o baton da bôca, antes que alguém o veja marcado.

Júlio obedeceu, pensando que seria inútil. Limparia o baton dos lábios, mas continuaria marcado por aquêle beijo, cujos vestígios deixados em sua vida acabariam mais tarde descobertos por olhares profanos. Guardou para si o pensamento mau e tentou outro beijo que não aconteceu. O mêdo de serem vistos fê-los conter-se.

Sentaram-se na calçada, sorrindo medrosos, como crianças que acabassem de cometer falta grave. As vozes conhecidas vinham lá de dentro, o homem da portaria dormitava numa cadeira, indiferente a tudo.

Separaram-se ali mesmo, sem mais palavras. Para Júlio, o resto daquela grande noite foi longo e penoso, o sono não chegava para repouso do corpo exausto. Cerrava as pálpebras e continuava vendo Maria, repetindo a recriminação que era uma carícia: «louco, você é um louco...» Abria os olhos e diante da cama só encontrava o retângulo da janela, com aquêle pedaço de céu imutável, cheio de estrêlas louras da côr dos cabelos de Maria.

As conjecturas desabavam-lhe sôbre a cabeça, massacrando-lhe o cérebro cansado. «Será que ela me ama? Ou aquêle beijo foi apenas entusiasmo do momento? Assanhada, gata ruiva, bandida, me fêz de palhaço...»

Baniu da cabeça as idéias desagradáveis e refletiu com mais ponderação. «Não, não, o beijo fôra mais sério, saíra espontâneo, no momento inevitável». Lembrou-me de outras oportunidades em que haviam estado a sós, como no passeio matinal pelo parque. Os olhares de Maria, suas frases terminadas em reticências, os seus gestos, tudo denunciava algo que êle fingia não entender porque não podia acreditar em tanta felicidade.

Seria mesmo felicidade? Ou aquêle amor poderia arrastá-los a um grande sofrimento, envolvendo outras pessoas inocentes? Reagiu diante da dúvida cruel. Isso não aconteceria, saberia conservar tal sentimento num plano bem elevado, sem o egoísmo de posse absoluta.

Tentou falar com Maria, pelo telefone, mas não conseguiu. Continuou pensando nela, olhos mansos, pernas roliças, camisola de náilon côr de rosa, seios pequenos, desafiantes... Pensou nas flores do parque, no quiosque de sapé, com seus bancos acolhedores, recordou-se dos dois jumentos que viram de manhã (seria um casal) riu-se da lembrança idiota...



Em meio ao turbilhão de pensamentos, foi vencido pelo cansaço. Adormeceu com a alma bem marcada, ouvindo ainda um sussurro: «louco... louco... tire o baton da bôca... tire, depressa...»

★

No dia seguinte almoçaram juntos. Abraçou-a, beijou-lhe as faces repetidas vêzes, mas ela soube limitar as expansões com mêdo que alguém os surpreendesse. Êle, ao contrário, justificou as restrições com uma observação canalha:

— Cuidado, pode fazer mal depois do almôço...

Riram e procuraram sair daquela situação perigosa. Só à noite puderam estar novamente juntos, trocar algumas palavras, subtraídas a custo, de ouvidos indiscretos.

— Vai ser hoje, meu amor?

— Não, ainda é cedo. Qualquer coisa entre nós tem que ser muito bem feita, muito pensada antes.

—Você quis apenas divertir-se comigo, brincar com os meus sentimentos?

— Nada disso. Quem chegou até aqui será capaz de ir ao fim, mas cautelosamente. Lembre-se que entre nós há muita coisa.

— De fato. Mas você nunca traiu o seu marido?

— Nunca. Já estive quase...

— Jura, pelo seu filho?

— Juro, mas por que duvida de mim?

— Sei lá. Tenho o direito de duvidar...

Ficaram nessas palavras, mas da parte dêle o romance continuou. Sente que a ama, vive com o desejo constante de estreitá-la nos braços e repetir um milhão de vêzes aquêle beijo inesperado, que explodiu dentro da maior noite de sua vida.

Todos os momentos em que olha para o alto procura o pedaço de céu daquela noite, com aquelas mesmas estrêlas côr de ouro, que se refletiam nos cabelos de Maria. Procura sentir-se grande e feliz como naquele momento raro, mas a noite, o céu e as estrêlas lhe são indiferentes como o homem da portaria, que dormitava na cadeira, envolto no capote surrado, doido que o deixassem repousar em paz a sua velhice trabalhosa.

★

Debruçou-se sôbre a máquina de escrever e falou-lhe ao ouvido.

— Sonhei com você, que você estava me car-



regando no colo. Tenho um mêdo danado de dizer o seu nome dormindo.

— Também sonhei com você, cada coisa maravilhosa...

Fitou-a bem nos olhos, mordeu os próprios lábios num gesto de volúpia disfarçada, e falou baixinho, marcando as sílabas.

— Estou apaixonado. E agora?

Maria repetiu a pergunta.

— E agora?

A interrogação ficou no ar, à espera que a resposta certa venha um dia, ou talvez nunca.

O olhar vagando através da janela, que recortava um pedaço da cidade, Júlio indagou:

— Quando me darás outro beijo?

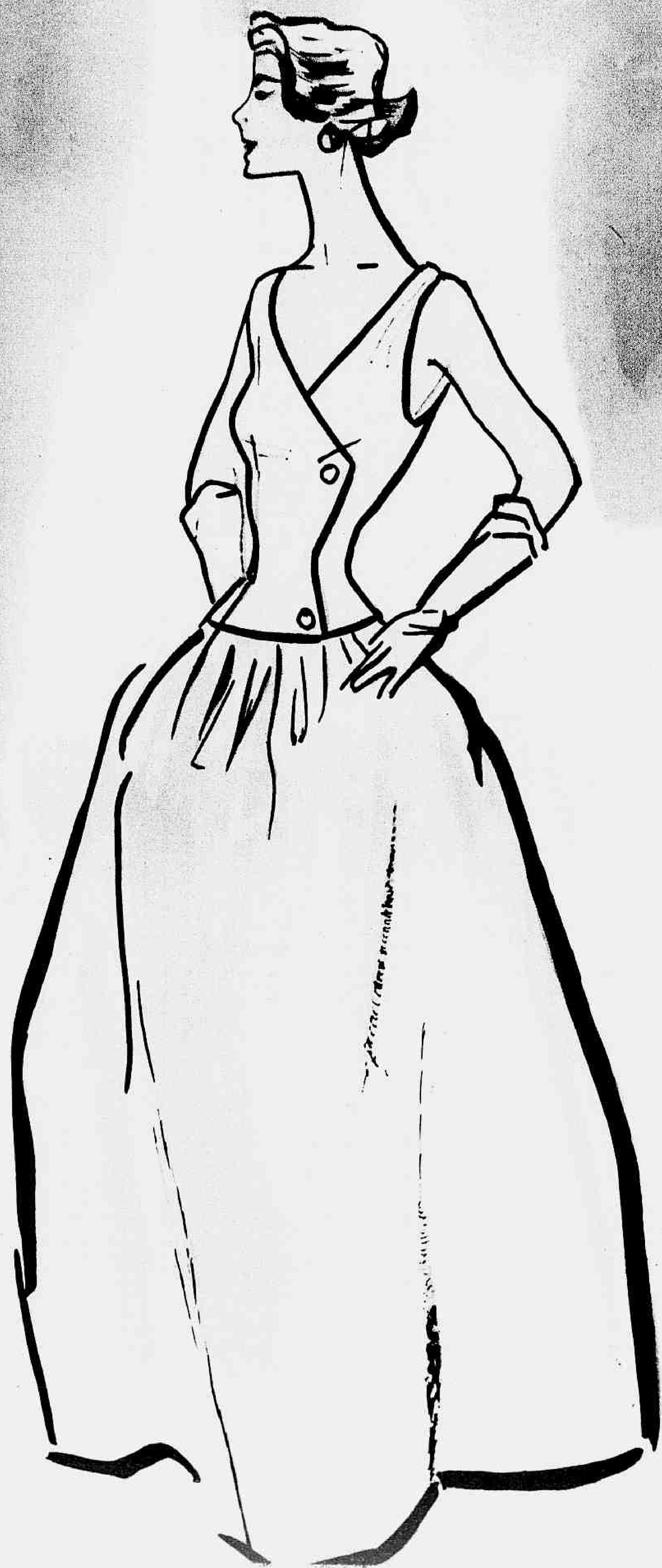
— Não sei. Quando houver oportunidade.

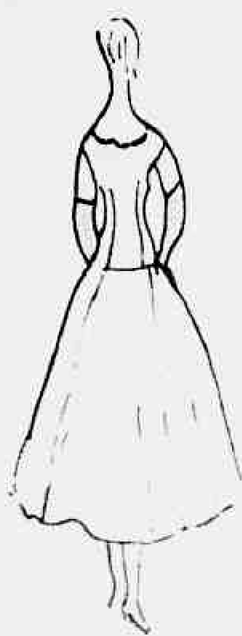
— Se eu preparar a oportunidade, você dá?

— Talvez...

Diante da perspectiva da espera incerta, Júlio sentiu uma tristeza enorme invadir-lhe a alma, fazendo-o refletir com resignação. Sentir-se-ia feliz mesmo esperando incertamente. Não é egoísta para pretender possuí-la integralmente. Sabe que ela pertence a outro, como êle também não se pertence. Por isso deseja apenas que o seu amor seja correspondido, mesmo em silêncio, sem as grandes expansões da posse definitiva. A felicidade é sempre assim, o melhor pedaço de um desejo. E Maria é a sua felicidade, é o pedaço definitivo de sua vida, está quase ao seu alcance, com a tentação plena do fruto proibido, mas é perigoso tocá-la... Para poder viver menos infeliz, faz questão sòmente do seu amor, que precisa resistir ao tempo e às maldades humanas. Resistirá? Sim, se ela de fato o ama, outros beijos virão iguais àquele que o fêz sentir-se maior que a noite tão grande, que lhe deu a sensação de ser senhor do céu e das estrêlas louras, da côr dos cabelos de Maria, anjo ou demônio, que lhe deu um beijo por amor ou maldade, entrando em sua vida para sempre.

SAIA RODADA







*A*LGUMAS *bonitas criações de Lauritzen Bern, (Exclusivas para a "REVISTA"), de silhueta bem ampla. São modelos apropriados para tecido de algodão e, portanto, para o nosso verão. Todos êles exigem uma anágua muito rodada e bem engomada, pois na forma da saia está tôda sua graciosidade e elegância.*

● *O MODÊLO EM VERMELHO ficará lindo em tafetá de algodão — um novo tecido, lançado êste ano para a temporada de verão.*

● *SAIA AMARELA E BLUSA BRANCA, tudo em cetim de algodão, uma outra novidade para êste ano. Êste conjunto foi idealizado para os coquetéis e festinhas estivais no Rio, ou na serra.*

● *ORGANZA DE ALGODÃO LISTADA para a saia e lisa para a blusa, que é debruada de negro. Êste é um modêlo encantador para mocinha.*

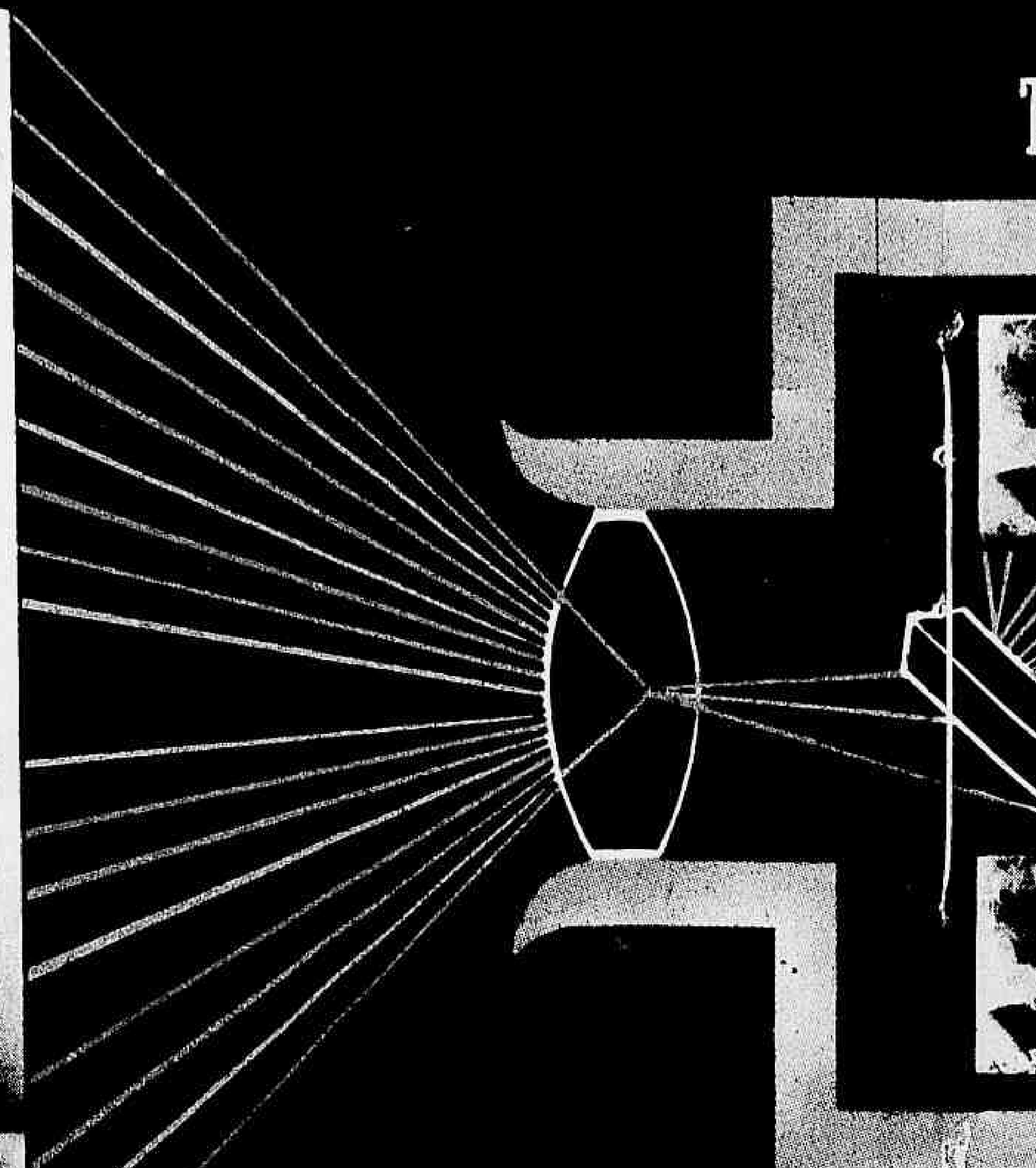
● *EM VERDE MUSGO é êste modêlo — que tanto pode ser executado em popeline, quanto em tafetá de algodão, ou mesmo em linho.*





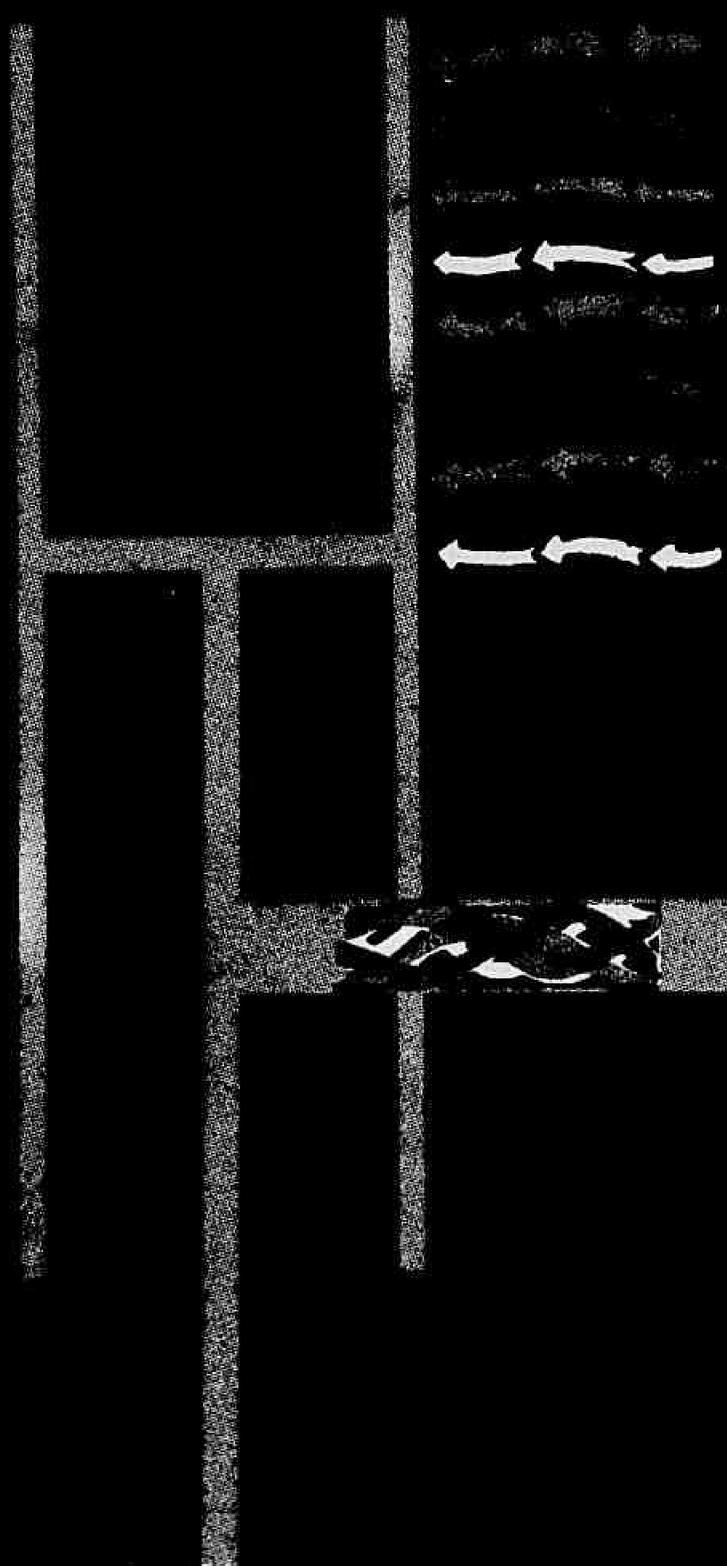
TRANSMISSÃO



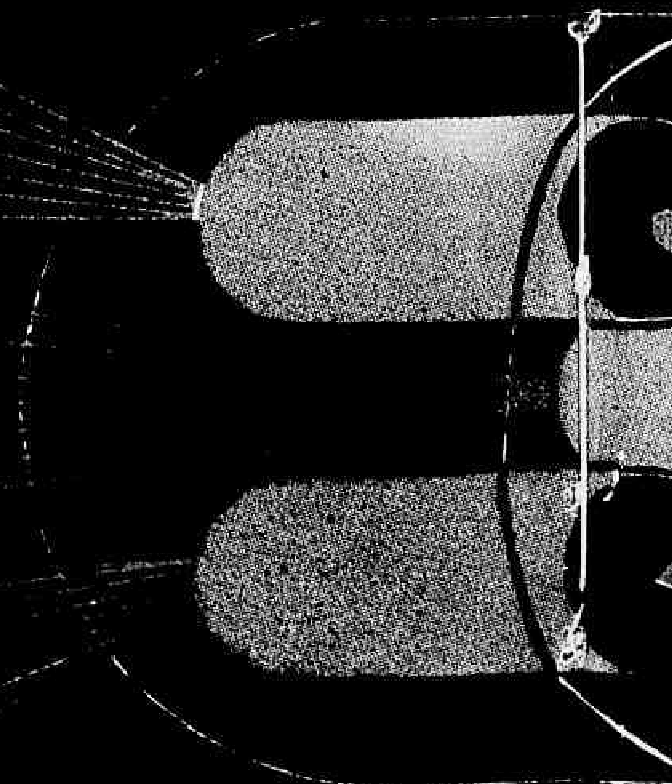


Marilyn Monroe, tal como apareceria na televisão em côres. A sua imagem seria a combinação de três imagens distintas: uma colorida em vermelho, outra em verde e outra em azul, que é a côr básica para uma transmissão em diversas côres.

Quando chegam à antena as três seleções primárias ainda não têm côres. Essas seleções passam através de três tubos eletrônicos, que projetam os raios luminosos através de uma placa metálica perfurada. Êsses raios luminosos são coloridos em vermelho, verde e azul e dispostos em forma triangular, formando assim uma fotografia em côres. A seleção em branco e prêto preenche as frações infinitesimais de espaço entre uma côr e outra.





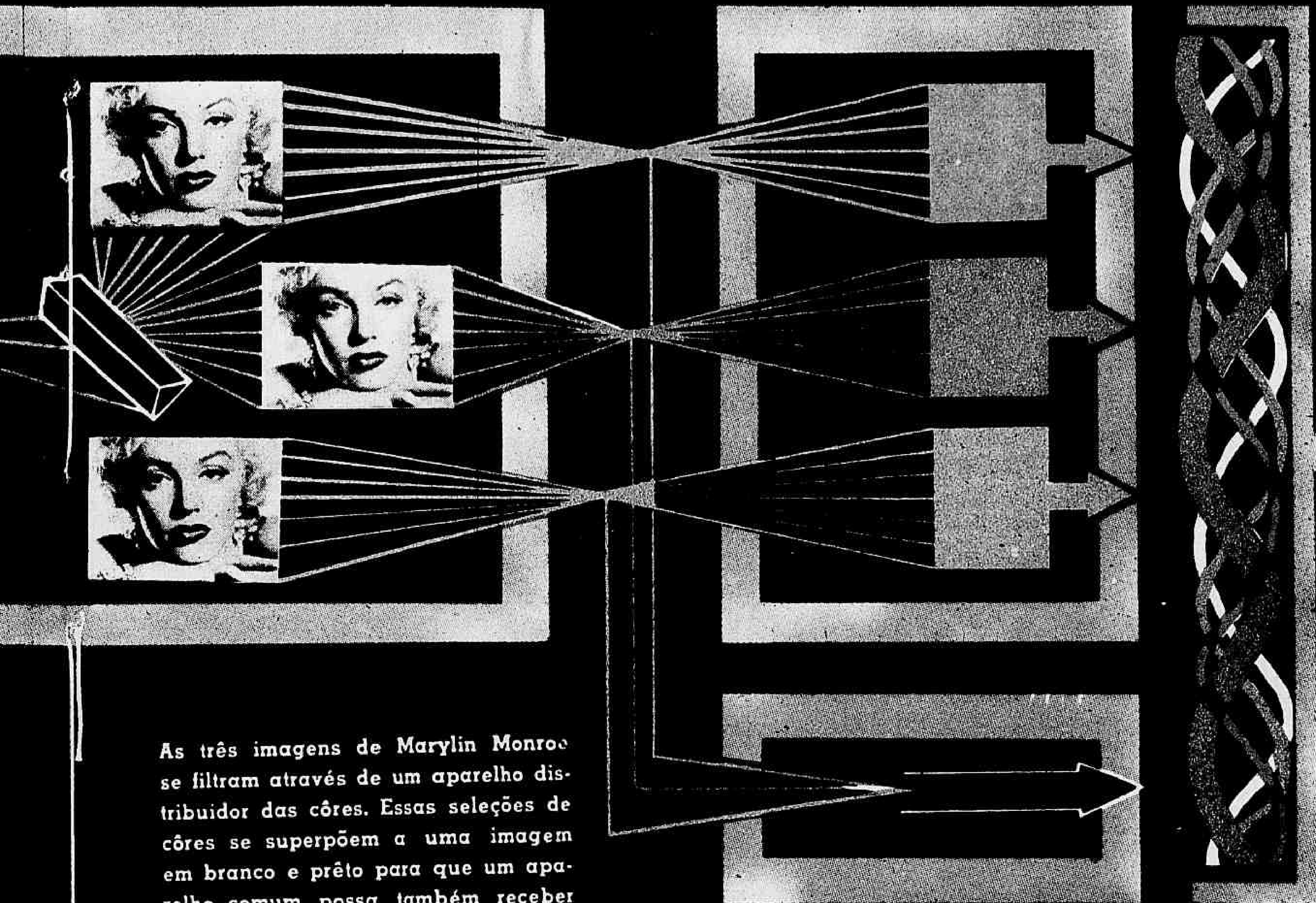


SELECIONADOR

TUBO ELETRÔNICO

TELEVISÃO EM CÔRES

SELECIONADOR



As três imagens de Marylin Monroe se filtram através de um aparelho distribuidor das côres. Essas seleções de côres se superpõem a uma imagem em branco e prêto para que um aparelho comum possa também receber a imagem definitiva sem colorido.

IMAGEM EM PRÊTO E BRANCO

As côres ocupam diferentes posições na onda, e saem da antena transmissora controladas por um conjunto eletrônico. A seleção verde absorve 59% do canal, o vermelho 30% e o azul 11%. As três côres são transmitidas em sequências oscilantes diversas.

RECEPÇÃO



FÁTIMA — Revelação dos três Pastôres

Por MARIO SALGUEIRO — **(CAPITULO XIII)** — **Desenho de RAMÓN**

(Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA. Reprodução interdita no todo, ou em parte)

— NÃO vê que isso não corre por aqui. É um caso passado na diocese de Leiria.

— Mas os Bispos não informam o sr. Cardeal?

— Nesses casos, não. O sr. Bispo de Leiria está procedendo a um inquérito. E êsse inquérito vai diretamente para Roma. Porque só Roma se pronuncia sôbre êstes delicados assuntos. (E muito interessado) Sabe lá!... Isto é muito sério. E a Igreja não se pronuncia assim de ânimo leve. Com Nossa Senhora de Lourdes, aconteceu o mesmo. Foram precisos muitos anos de estudo e observação.

— Mas haverá realmente o milagre de Fátima ou o caso não passará de um efeito telepático?

— Não sei, não sei. Nada podemos dizer.

— E a opinião pessoal de vossa reverência?

— A minha opinião pessoal é que existe realmente milagre.

O jornalista dá ainda mais umas voltas que não interessam para agora, e cai no assunto político:

— Que impressão tem o Sr. Cardeal Patriarca acêrca da atitude dos católicos no Parlamento?

A resposta é espontânea e até dita a rir. O reverendo padre Alberto, apesar da austeridade das suas vestes, é uma figura extremamente alegre e simpática:

— As melhores. Sua Eminência está muito contente.

— Concorda, então, com a atitude do Dr. Lino Neto?

— Creio que sim. Tenho certeza disso mesmo.

— Mas, «A Época»...

— Compreende-se. Há sempre descontentes...

— São muitos?

— Não. Uma pequena minoria.

E o redator de «O Mundo» desce a escadaria da Patriarcal, tirando duas conclusões: a primeira de que «se fizermos mais uma entrevista como esta e como a que fizemos no palácio da Nunciatura, tornamo-nos católicos», e a segunda era que «o Sr. Fernandes de Sousa, ali do nosso colega «A Época», está fora de ordem...

Termina assim Costa Brochado: «Não há dúvida de que a Cruz de Cristo se reerguia, vitoriosa e acolhedora, à face da Nação, como nos dias gloriosos de Ourique, guiando de novo o povo português pelos caminhos da fé que o embalou no berço».

● SITUAÇÃO POLÍTICA DE PORTUGAL EM 1926

Reinava em Portugal completa anarquia interior. Muitos portuguêses envergonhavam-se mesmo de dizer no exterior que eram filhos de Portugal, tal a situação lamentável em que se encontrava o país.

A 28 de maio eclodiu em Braga um movimento revolucionário que de início parecia ter por objetivo derrubar o govêrno de Antonio Maria da Silva, mas que na realidade trouxe para Portugal, depois do seu triunfo, uma era completamente nova.

No dia 27 de maio havia tido início na cidade de Braga um Congresso Mariano que reunia ali grande número de fiéis. Quando se iniciou o movimento revolucionário, o Núncio procurou Gomes da Costa, para saber se o Congresso deveria prosseguir, e êste declarou: «A questão religiosa é encarada por nós, livre de todos os preconceitos, procurando assegurar a personalidade jurídica da Igreja, a liberdade do ensino religioso nas escolas particulares, medidas que o próprio Sr. Antonio Maria da Silva reconhece como necessárias, não as pondo em prática por transigência para com certas opiniões anônimas, o que só demonstra fraqueza por parte do poder».

Depois dos acontecimentos que acabamos de relatar, o país foi governado durante alguns anos por uma ditadura militar. Ia se restabelecendo a ordem interior e com o Estado Novo, subiu ao poder Antonio de Oliveira Salazar.

Após haver resolvido problemas internos e quando o país já gozava de prestígio no exterior, em 1940, na Assembléia Nacional, assim falou Salazar, quando da celebração da Concordata e do Acôrdo Missionário com a Santa Sé: «Não tivemos intenção de reparar os últimos trinta anos da nossa história, mas de ir mais longe, e, no regresso, à melhor tradição, reintegrar, sob êste aspecto, Portugal na diretriz tradicional dos seus destinos, regressamos, com a fôrça e a pujança de um Estado renascido, a uma das grandes fontes da vida nacional, e, sem deixarmos de ser do nosso tempo por todo o progresso material e por tôdas as conquistas da civilização, somos nos altos domínios da espiritualidade os mesmos de há oito séculos».

Na mesma ocasião, assim falou o Patriarca de Lisboa: «É certamente o estatuto mais completo desde há séculos que regula as relações da Igreja e do Estado em Portugal. É forçoso é confessar que foi elaborado num alto espírito de justiça e de verdade. O Estado aceita a Igreja como ela é. Encontra o fato católico, não só como um fato nacional, mas ainda como o fato fundamental da vida histórica da Nação, e tradu-lo juridicamente».

● NOSSA SENHORA, RAINHA DE PORTUGAL

Em 1646, as Côrtes Gerais haviam proclamado Nossa Senhora Padroeira do Reino de Portugal e Rainha dos portuguêses: A 13 de maio de 1946, as Côrtes Espirituais, reunidas na Cova da



Iria, coroaram Nossa Senhora Rainha de Portugal.

O Cardeal Mazella, legado do Papa, estava em Fátima e reunia à sua volta todos os prelados portuguêses. Nesse dia, reuniu-se em Fátima uma multidão calculada em cêrca de 800.000 pessoas e formada por peregrinos vindos de todos os cantos do país. O Legado do Papa foi encarregado de coroar Nossa Senhora, com uma linda coroa adquirida por meio de subscrição pública.

Transcrevemos a seguir algumas partes do discurso dirigido por Pio XII, em português, aos fiéis que estavam reunidos na Cova da Iria, após a coroação: «— A Virgem fidelíssima não confundiu a esperança que n'Ela se depositou. Basta refletir, nestes três últimos decênios, pelas crises atravessadas e pelos benefícios recebidos, equivalentes a séculos; basta abrir os olhos e ver esta Cova da Iria transformada em fonte manancial de graças soberanas, de prodígios físicos e muito mais de milagres morais, que a torrentes daqui se derramam sôbre todo o Portugal, e de lá, rompendo pelas fronteiras, se vão espraiando por tôda a Igreja e por todo o mundo.» «Há trezentos anos o Monarca da Restauração, em sinal do amor e reconhecimento seu e do seu povo depôs a coroa real aos pés da Imaculada, proclamada Rainha e Padroeira. Hoje, vós todos, todo o povo da terra de Santa Maria, como os pastôres de suas almas, com o seu Govêrno, às preces ardentes, aos sacrifícios generosos, às solenidades eucarísticas, às mil homenagens que vos ditou o amor filial e reconhecido, juntastes aquela preciosa coroa, e com ela cingistes a fronte de Nossa Senhora de Fátima, aqui neste oásis bendito, impregnado de sobrenatural, onde mais sensível se experimenta o seu prodigioso patrocínio, onde todos sentis mais perto o seu coração Imaculado a pulsar de imensa ternura e solicitude maternal por vós e pelo mundo».

● CONSAGRAÇÃO FINAL EM LISBOA.

Lisboa tinha sido sempre o centro da impiedade portuguêsa. Ali era mais forte do que em qualquer outra parte de Portugal, o ódio contra a Igreja. Isto continuava a acontecer, quando já o país se encontrava em completa paz entre a Igreja e o Estado.

Mais uma vez nos utilizaremos das palavras do escritor Costa Brochado, para contar o que foi em Lisboa, na noite de 7 para 8 de dezembro de 1946, a procissão das velas, presente a imagem de Nossa Senhora de Fátima, venerada na Cova da Iria. Êste relato ainda se torna mais interessante uma vez que o autor acompanhou a procissão e êle mesmo nos diz que o fêz por motivos de fé e ao mesmo tempo com espírito de observação:

«Na noite de 7 para 8 de dezembro de 1946, a imagem de Nossa Senhora de Fátima, que se encontrava em Lisboa, após uma jornada triunfal desde a Cova da Iria, foi levada processionalmente, do Campo Pequeno à Sé Patriarcal, numa procissão de velas de que jamais alguém poderá fazer uma idéia aproximada, sem a ter visto. Nela nos encorporamos, de comêço a fim, tanto por motivos de fé como por espírito de observação. Como testemunho presencial, aqui deixamos, até onde estas páginas chegarem na roda dos tempos, a afirmação de que jamais nos fôra dado não dizemos assistir, mas nem siquer imaginar semelhante espetáculo de fé nas ruas de Lisboa.

A linda imagem de Nossa Senhora de Fátima, em cuja peanha coberta de rosas se tinham aninhado, no Bombarral, três pombas brancas que nunca mais dali sairiam até o fim da jornada; atravessou Lisboa de lés a lés, como um rastro de luz a purificar a capital conspurcada por longos anos de pecados sem conta e sem nome. E os próprios descrentes seguiram-na no caminho ou esperavam-na nas ruas com aquêle respeito e silenciosa curiosidade que caracteriza o homem civilizado diante dos símbolos divinos.

Não é possível, repetimos, descrever a procissão das velas que singularizou Lisboa durante a noite de 7 para 8 de dezembro de 1946. Mas o «Diário de Notícias» do dia seguinte, apesar de reconhecer isso mesmo, relatava-a numa crônica de raro brilho literário, de que extraímos êstes períodos significativos: «A procissão de Nossa Senhora de Fátima que ontem se fêz em Lisboa, e foi, sem dúvida, a maior, a mais bela, a mais asombrosa que jamais se viu em Portugal, foi a procissão que se formou, que se colocou a seu passo, ao longo de todo o longo caminho e se lhe associou de todo o coração. Foi o cenário indescritível que se desenrolou, aparatoso e imponente como nenhum. Foi o ambiente que, a todo o momento, a certou, não já de milhares e milhares de fulgores de luzes e côres, mas de brilho sem igual da Fé de ainda muitos mais milhares de almas, a formar-lhe côrte, sem número e sem fim. A procissão foi a procissão da multidão, não já a que a formava e a seguia, cantando e rezando, mas a que estacionava, apinhada, ao longo de quilômetros de avenidas, de praças, de largos e de ruas, por onde seu pequeno, simples, lindo e único andor e ao mesmo tempo andor tão alto, tão florido, tão grande e tão excelso — deslizava e irradiava uma claridade, que dominava e empalidecia tôdas as outras claridades. A procissão foi isso, que foi tudo. E tudo isso não é possível descrevê-lo e escrevê-lo. Porque há, neste mundo, coisas, e a procissão da Senhora de Fátima, ontem, à noite, em Lisboa, é delas exemplo, que se não sabem contar. Só vistas e sentidas. Vividas. Nada mais».

Termina Costa Brochado o seu precioso relato dos milagres de Fátima: «Depois de assim ter iluminado o país inteiro, desde as ruas da capital aos modestos caminhos das aldeias, acordando a alma nacional adormecida por longas décadas da mais fria impiedade e restaurando a fé dos nossos antepassados, Nossa Senhora de Fátima transpôs as fronteiras desta pequena casa lusitana e começou sua esperançosa peregrinação pelo mundo atormentado, mostrando-lhe o verdadeiro caminho da paz e da alegria de viver.

Desde o centro da Europa aos confins da Oceania já não há, a êste tempo, um único núcleo de cristãos onde o culto de Nossa Senhora de Fátima não constitua a melhor esperança de um futuro tranquilo para esta pobre humanidade tão cansada de sofrer nos ásperos caminhos da descrença que a cega há longos anos».

● EDUCAÇÃO DE LÚCIA

Quando Lúcia completou quatorze anos, acharam as autoridades eclesiásticas que já era tempo de educá-la em um colégio. Viram também a necessidade de transferi-la para um local que se tornasse ignorado por todos, para conseguir-se assim fazê-la fugir às inúmeras perguntas, por vêzes impertinentes, que lhe eram dirigidas.

Depois de interrogá-la, o Bispo e o Prior de Fátima capacitaram-se de que havia em Lúcia uma alma simples, que ansiava por se entregar ao Senhor. Tratou-se então de escolher o colégio que a acolheria e depois de afirmar que era por vontade própria que partia para um colégio de freiras, tiveram início os preparativos para a partida da vidente.

Nas vésperas em que deveria deixar Fátima, a pequena pastora foi chamada pelo Bispo que a fêz jurar três coisas

— Não dirá a ninguém para onde vai.

— Nunca mais falará sôbre o que se passou em Fátima.

(Continua na página 48)

RESUMO DA PARTE PUBLICADA

● Com a agitação provocada pela Federação do Livre Pensamento, esboçou-se uma reação contra a Igreja que culminou em 19 de outubro, quando houve a grangumas das maiores figuras do regime. Continuaram as manifestações ímpias contra a Igreja e na noite de 5 para 6 de de chacina em que perderam a vida almarço de 1922 foi arrazada por quatro bombas a humilde capelinha do local das aparições, realizando-se ali em desagravo a essa violência, em maio do mesmo ano, a maior de tôdas as peregrinações até então efetuadas. Nesse ano de 1922 recomeçaram as boas relações do Estado com a Igreja, procurando o govêrno republicano dar aos católicos garantias que os afastassem de lutas políticas.



LÍGIA JUNQUEIRA



WEEK-END NA COZINHA

● O sorvete feito em casa, no refrigerador, tem os seus encantos. Há, porém, alguns segredos para o seu sucesso: não encha a bandeja do refrigerador até a borda, pois ao gelar, o sorvete aumenta de volume; evite a formação de cristais de gêlo na superfície do sorvete, embrulhando a bandeja em plástico, assim que começar a congelar, e diminuindo a temperatura do refrigerador.

Agora, a receita do SORVETE DE CARAMELO, que é delicioso:

1 — Ferva 2 xícaras de leite.

2 — Faça uma calda meio queimada com um pouquinho dágua e ¾ de xícara de açúcar. Junte ao leite, misturando até que todo o açúcar se dissolva

3 — Num pouquinho de leite frio desmanche uma colher das de sopa de maizena, e misture uma pitadinha de sal. Junte ao leite com açúcar e deixe cozinhar 10 minutos, até engrossar ligeiramente. Tempere com essência de baunilha.

4 — Ponha na bandeja do congelador. Quando começar a endurecer retire, misture com uma xícara de creme de leite batido. Torne a levar ao congelador até adquirir uma boa consistência de sorvete.

Notinhas Úteis

★ **Manchas em porcelanas** — As estatuetas, xícaras, e outros objetos de porcelana, às vêzes ficam com certas manchas que serão fàcilmente removidas com um pano molhado, embebido em bicarbonato de sódio. Também o mesmo processo se usa para limpar completamente os aparelhos de fazer café.

★ **Cheiro de cebola** — Já demos aqui várias receitas para tirar das mãos o cheiro de cebola. Eis mais uma, muito prática. Ponha nas mãos um pouco de bicarbonato de sódio. Depois esfregue-as, uma na outra. Finalmente, lave com água e sabão.

★ **Manchas de perfumes** — Os bons produtos não deixam manchas... mas... aqui vai uma receita para tirar manchas de perfumes: molhe com álcool puro, depois lave a peça numa solução de água com amoníaco.

★ **Antes de tricotar** a roupinha para o bebê, mergulhe o novêlo de lã em água quente e deixe-o por alguns minutos. Depois, sem desfazer o novêlo, aperte-o numa toalha felpuda para tirar tôda a água. Deixe acabar de secar em local ventilado, à sombra. Com êsse tratamento a roupinha não encolherá quando fôr lavada.

★ **Limpam-se as Garrafas** de vidro ou de cristal sacudindo dentro das mesmas uma mistura de bôrra de café com vinagre. Depois de ter agitado bastante esvaziam-se e enxáguam-se muitas vêzes em água fria.



UM POUCO DE BELEZA

COMO PRENDER OS CABELOS

● Raros são os tipos de cabelos que não precisam ser presos de vez em quando para se obter um penteado jeitoso. O melhor processo é enrolá-lo em canudos de algodão, prendendo com grampos finos, invisíveis. Antes de enrolados, os cabelos precisam, porém, de serem umedecidos:

... com água, se puderem ficar presos por muito tempo até secarem;

... com água de Colônia ou loção, que secam mais depressa, se o tempo de que você dispuser fôr pouco.

... com cerveja, se quiser que fiquem um pouco armados.

... com leite, se forem tão finos que «escorreguem», teimando em não conservar a ondulação.

Depois dos cabelos secos, retire os «bigudis», de algodão, passe uma escôva e vaporize uma brilhantina líquida, muito sutil.

● POROS ABERTOS — Se sua pele apresenta os poros abertos, você precisa de usar na mesma muita água fria, e adistringentes de preferência gelados. Evite compressas ou água quente, que abrem mais ainda os poros. Pode usar água morna para retirar o sabão quando lavar o rosto, porém, aplique logo em seguida água fria para enxaguar. É de suma importância que a pele esteja sempre limpa, quando se tem os poros abertos, para evitar cravos e outras imperfeições.

● CURA DE CENOURAS — Você já ouviu falar na cura de cenouras? Pois é um tratamento muito eficiente para evitar espinhas, cravos, pele pálida, e outras imperfeições que ocultam tôda sua beleza. Consiste em tomar um cálice de «coquetel de cenouras» pela manhã, em jejum, e outro um pouco antes do jantar. O coquetel de cenouras se prepara assim: pique cenouras cruas, ponha no liquidificador com um pouco de suco de laranja ou de «grappe-fruit». É uma boa dose de vitamina concentrada, e, além do mais, muito saborosa.

Variedades

★ *COMO ANDAMOS*

Se você pudesse somar dia a dia o número de quilômetros que anda ao desempenhar suas tarefas de dona de casa, veria que em um ano — do dia primeiro de janeiro ao dia 31 de dezembro — haveria percorrido uma distância igual à dos pontos extremos do Brasil, isto é, do Cabo Orange ao arroio Chuí. Isso, mesmo você tendo uma vida muito caseira. Os nossos pés caminham muito mais do que imaginamos. Uma estenógrafa, que tem vida sedentária, no fim de uma semana já percorreu 70 quilômetros! Uma empregada de balcão percorre em média 13 quilômetros por dia. Uma criança brincando e jogando, com suas perninhas curtas faz de 16 a 24 quilômetros por dia.

Não é surpreendente?

★ *BASTAVA UMA... MAS CASOU-SE COM DUZENTAS*

Com sessenta anos de idade, Majid ud-Din Nassiri, de Teeran, acaba de se casar com sua espôsa número 200, é considerado o homem que bateu o recorde de casamentos na Pérsia. No entanto, Majid declarou, contrariando o que todos pensavam a seu respeito:

— Ter várias mulheres na mesma casa traz muitas contrariedades. Se um homem quer viver em paz deve se casar só uma vez."

Essa é uma opinião valiosa de um homem que fêz 200 experiências...

★ *BEIJO "ELÉTRICO"?*

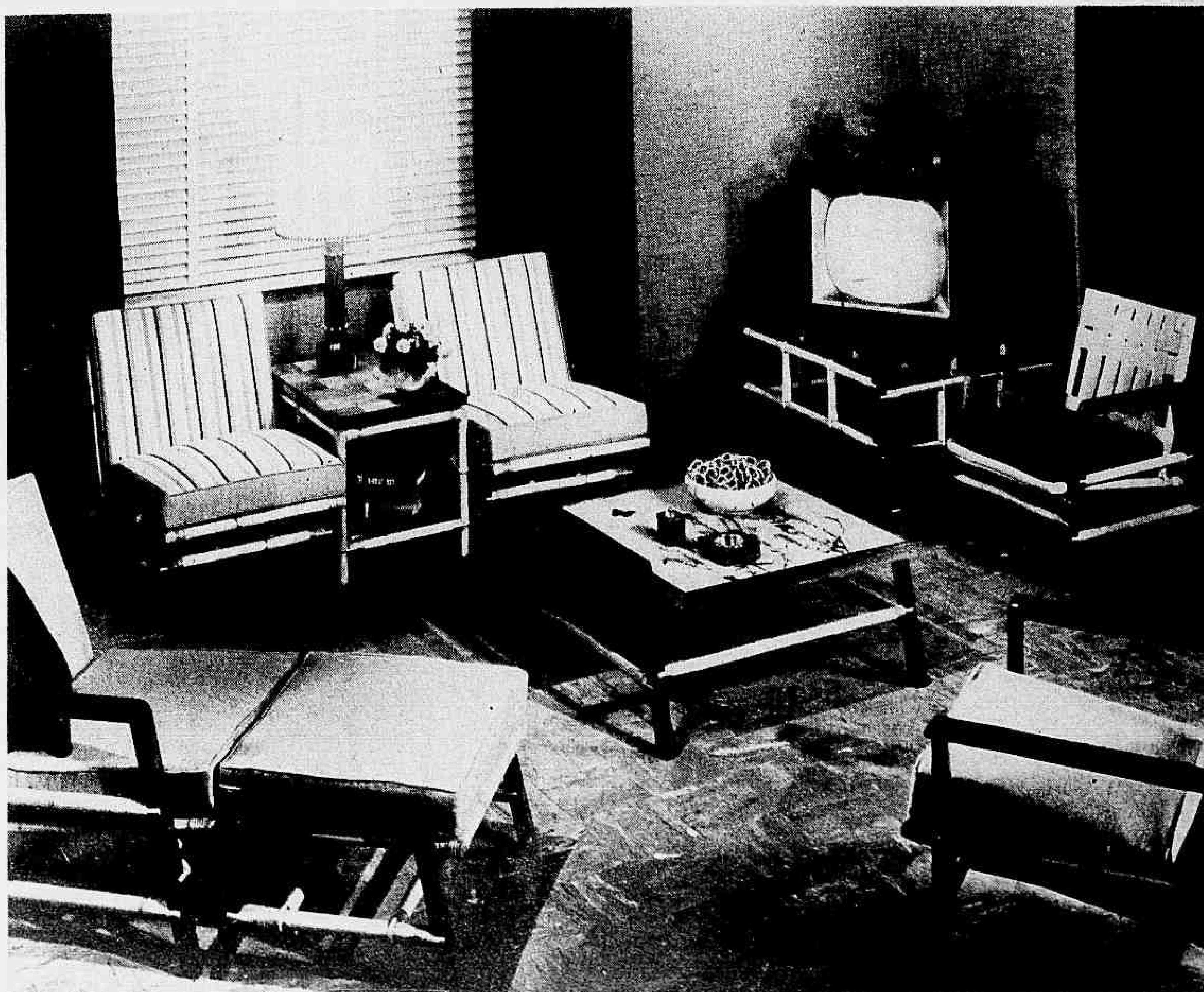
Algum tempo atrás, um médico inglês, falando em Londres ao microfone da BBC revelou conhecer um casal que, quando se beijava, produzia faíscas elétricas.

Ouvindo a transmissão, um especialista em eletricidade deu a seguinte explicação: "O caso é natural, e até comum. Verifica-se quando um dos dois tem os lábios muito ásperos. A energia produzida pode chegar a 500 volts... Porém, não é preciso temer pela carga do beijo elétrico, que é estática, e, portanto, inofensiva".

PARA O LAR

● Muitas idéias interessantes sugere esta fotografia de uma sala de estar com aparelho de TV, mobiliada simples mas essencialmente confortável, já que as poltronas são estofadas com espuma de borracha. Muito bem localizada foi a «televisão», sôbre a mesa quadrada no canto, possibilitando boa visibilidade de quase todos os assentos. Nota pitoresca é a folhagem sôbre o aparelho, do tipo rastejante, plantada num vaso largo de barro envernizado.

A mesinha com abajur é ladeada por duas poltronas de listras em côres vivas, iguais entre si, porém, diferentes de todo o resto do mobiliário. A espreguiçadeira é na realidade formada por uma poltrona e um banquinho, da mesma altura, e na mesma côr. A mesinha de centro tem o tampo em louça com motivos chineses em negro. (Decoração de Ficks Reed).





ALGUNS MESES DE RIO...

E A DOENÇA ACABOU!

Para curas nervosas e outras enfermidades:

REGRESSANDO AOS ESTADOS UNIDOS, A "ESTRÊLA" MANDA SUA MENSAGEM DE DESPEDIDA POR INTERMÉDIO DA "REVISTA DA SEMANA" E DE "A CENA": — "ESTOU PRONTA PARA OUTRA. NUNCA PENSEI QUE ALGUNS MESES NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO FIZESSEM O MILAGRE DA MINHA CURA TÃO FÀCILMENTE. AGORA EU VOU — MAS VOLTO."





— É uma infâmia dizer que o Rio deixou de ser a Cidade Maravilhosa de outros tempos! Ausentem-se do Rio por alguns anos, tal como fiz, e voltem com os nervos em pandarecos. Então é que vocês vão conhecer as curas milagrosas desta terra abençoada...

Carmem regressava de alguns dias de repouso, em Quitandinha, e começava a preparar a bagagem:

— Nunca pensei que minha saúde me permitisse brincar no Carnaval. Vocês se lembram do que disse, quando cheguei... «Preciso repouso, muito repouso...» Pois sim! O repouso acabou na primeira hora em que escutei o gemido de uma cuíca... E os culpados foram êsses bons amigos que me levaram para as «boites», a assistir os «shows» carnavalescos. Aquilo começou a tomar conta de mim, e de tal jeito, que em dado momento, o médico surpreendeu-se, deu-me «alta» de um dia para outro... e foi a conta! Menino, perdi o contrôle! Aceitei todos os convites que me chegaram e foi aquela água! Sábado gordo, tive de dar um basta, porque, do contrário, quarta-feira vocês iam procurar a Carmam — e cadê Carmem? Não vê que eu vim aqui para acabar com a caveira? E depois, que é que «êle» ia dizer lá em casa?

(Êle — David Sebastian, marido de Carmem...)

★

Pois não fôsse os compromissos que a «estrêla» tem na América do Norte, e o maior dêles é o seu lar em Beverly Hills, onde «êle» a espera, talvez seu regresso ficasse para mais tarde.

— Agora, uma coisa lhe digo: Volto para casa, deixando um mundo de saudades por aqui mesmo. Êsse negócio de viajar e dividir o coração — família no Rio, família em Hollywood, não dá certo. Imagine que nas vésperas da data marcada para o regresso, minha mãe sofreu um acidente e fraturou um braço. Estás a ver que eu não podia viajar deixando mamãe com um braço engessado... Pronto, nova prorrogação, e novas telefonemas de longa-distância, com o marido a reclamar, lá de longe... Depois, você sabe, eu preciso chegar em grande forma, muito repousada, sem rosto cansado nem vestígios dos nervos abalados... Por isso, espero mais um pouco, até conseguir avião com leito, para meu repouso melhor. Não devo esquecer que tão recentemente andei «mais p'ra lá que p'ra cá...»

As últimas palavras de Carmem foram mais dirigidas aos leitores que a nós próprios:

— «Diga ao povo de todo o Brasil que vou triste de não o ter podido visitar, de uma ponta a outra. Por minha vontade ia ver o petróleo de Nova Olinda e na volta dava um pulinho na Bahia, outro a São Paulo e aos pampas. Não faz mal: agora eu vou p'ra voltar breve. Quero trazer meu marido, que já aprendeu um bom bocado de português (para uso mais ou menos racionado, compreendes...) Até lá, queridos, deixa as águas rolar.»

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

RESPOSTAS: 1 — uma árvore; 2 — Rio da Itália; 3 — Fundador da psicologia individual; 4 — Geógrafo; 5 — O adorado; 6 — 1802; 7 — Vasco da Gama; 8 — Henrique VIII; 9 — Racine; 10 — Rio de Janeiro; 11 — Atenienses; 12 — Assassinado; 13 — Em 1880; — 14 — Fourrier — 15 — Inglês

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......

NOME.........................

RUA.................... Nº.......

CIDADE.........................

ESTADO.........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

WINDSOR HOTEL

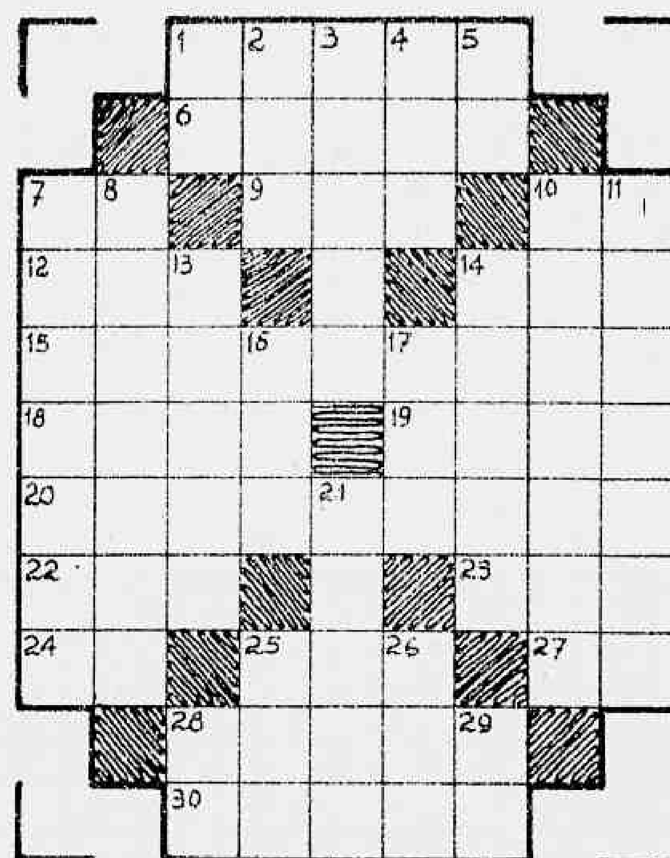


RUA GUAIANAZES 10
Telefone: 35-41-95
Enderêço telegráfico:
Windsorhotel
SÃO PAULO

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 62

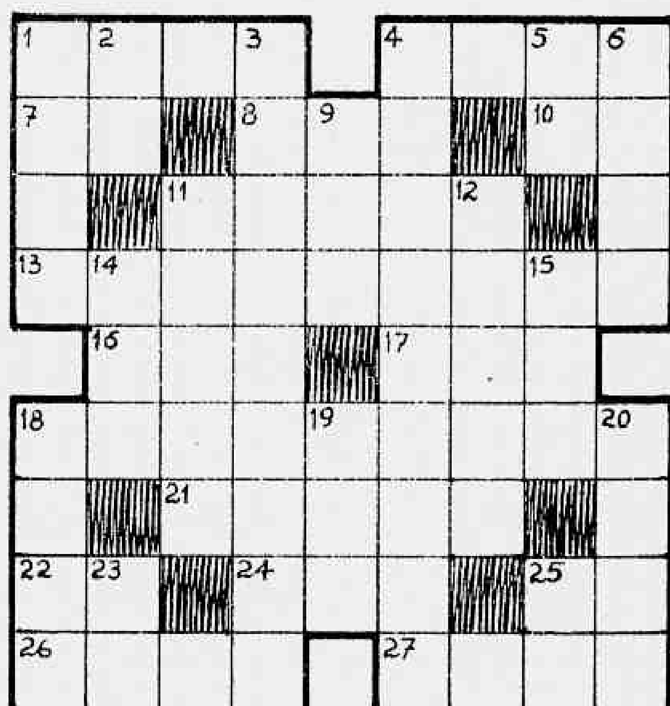
PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Grande rêde de pescar — 6. Imaginário — 7. Modo de falar — 9. Rio da Ásia Central — 10. Em partes iguais — 12. Peixe marítimo do Brasil — 14. Povoação da Bélgica — 15. Impedidores — 18. (Ernst). Filósofo alemão — 19. Designação geral de aves — 20. Provocaram — 22. Costa que limita um pôrto — 23. Língua africana falada no golfo de Guiné — 24. Deusa cultuada na Capadócia — 25. Antiga medida holandesa de capacidade para líquidos — 27. Cêrco para matar lôbos — 28. Celebrar com exaltação — 30. Padre.

VERTICAIS: — 1. Uma das 4 sílabas de que se serviam os gregos para solfejar — 2. Indivíduo mais notável entre outros — 3. Tecido leve de lã — 4. Rio da Rússia meridional — 5. Contração — 7. Suprimiam — 8. Aresta — 10. Indígena americano — 11. Dialeto hindu oriental — 13. Vestira — 14. Alude — 16. Cidade da China, na província de Ho-Nan — 17. Sem vegetação — 21. Aquilo que destrói pouco a pouco — 25. Rio afluente do Reno — 26. Abundância — 28. Rio da França — 29. Culpada.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Sara — 4. Querer bem — 7. Sorri — 8. Moléstia — 10. Gemido — 11. Lugar profundo na água do rio ou do lago — 13. Naturais do Ceará — 16. Acreditei — 17. Do verbo haver — 18. Deram coices — 21. Lugar por onde se sai — 22. Batráquio — 24. Negação — 25. Desinência verbal — 26. De estatura elevada — 27. Instrumento de madeira com que se rema.

VERTICAIS: — 1. Jogador de futebol que adquire fama — 2. Interjeição de espanto, dor — 3. Da América — 4. O que alanha — 5. Em partes iguais — 6. Esteiro de rio (pl.) — 9. Unidade das medidas agrárias — 11. Capital da França — 12. Fizera uso — 14. Reflexão do som — 15. Sufixo feminino designativo de naturalidade, habitante — 18. Rosto — 19. Espécie de macaquinho do Amazonas — 20. Resido — 23. Outra coisa — 25. Preposição.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 61

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: cal — alabama — limitar — oc — atinga — sal — antes — rim — Oen — armim — Rta — cairia — ol — datro — ararama — ras.

VERTICAIS: cama — abita — latino — alcarrada — li — manter — argento — os — as — limiar — mirrar — ac — mitra — al — aras — om.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: mar — ler — ter — mas — al — côr — Sá — airar — alto — movi — esmar — cá — oil — em — ala — iró — ôco — ira.

VERTICAIS: mel — ar — em — ras — tamanca — dôr — sadismo — cioso — ramal — ate — ror — mil — aló — era — A.C. — ir.

CRÔNICA

CLAUDEL

● Com Paul Claudel desaparece uma espécie muito rara e que não deixa mais neste mundo nenhuma sobrevivência — a do escritor tipo grande formato, para empregar uma expressão já conhecida, herança talvez do século XIX e que, com o criador de «L'annonce faite a Marie», havia nos legado êsse outro monstro de individualismo e de celebridade — André Gide.

Com a morte de Claudel estanca-se qualquer coisa, e é como se penetrássemos realmente numa existência nova, onde os autores nunca mais dividissem as gerações, e nem situassem os combates e as idéias em terrenos de agressiva fôrça pessoal. O papa Claudel morre suntuosamente como o último representante de sua raça.

Nem mesmo Sartre, que logo após a guerra viu elevar-se aos céus da popularidade sua estranha e rápida estrêla, nem Malraux, nem Montherlant, nenhum dos nomes em foco obterá mais êsse privilégio insigne de encarnar um dos ponteiros no mundo no que se refere ao terreno da poesia ou das belas letras. Faulkner, que quase chegou a atingir o limiar dêsse mundo onde tão insistentemente Claudel pontificou, foi um dos denunciadores dêsse horizonte sem astros em que vamos mergulhar.

Li muita coisa sôbre Claudel, e admirei-me de que quase tôdas as notas e artigos sôbre êsse morto ilustre o situassem com antipatia, lembrando suas atitudes ríspidas e camponesas. Ah, como somos atrazados, como nada sabemos senão atrelar o carro da inteligência às rodas lépidas dos veículos europeus. Tudo isto nada mais é senão um reflexo, uma herança dessa longa querela Gide-Claudel, que alimentou por assim dizer o espírito de várias gerações. Que queriam que Claudel fôsse? Um outro Gide? Neste caso seria impossível esperar dêle as belezas surdas e viris a que estamos habituados a encontrar na sua obra. Gide não escreveria «Tete d'or». Ninguém mais coerente com sua obra ciclópica do que Claudel, áspero e bruto em sua extraordinária natureza de poeta. Quando o li pela primeira vez, senti um choque, passei dias e dias sob o influxo daquelas tremendas frases ondulantes, daqueles «ohs», daqueles «ahs» ditos com alma tão nova e inesperada para mim.

E' verdade que mais tarde não pude escapar também à sedução e ao prestígio de Gide. Sem o conhecer, sabia no entanto, como todo mundo, que havia uma correspondência secreta entre os dois. Apaixonei-me pelo fato, como por um acontecimento de capital importância. As cartas vieram, mas numa época em que nem Gide e nem Claudel tinham para mim a mesma importância que haviam tido. Resta-me a satisfação de nunca tê-los misturado, de ter sempre admirado um e outro como mundos estanques, plenos e poderosos, mas fechados em si, sem nenhuma possibilidade de comunicação. A sensação que me fica é que sempre pensei nêles como os últimos monstros sagrados do nosso tempo.

LÚCIO CARDOSO

Poema

Gritarei ao mar
Todo o segrêdo
E, deixarei que o vento
Comigo goze, a realidade do amor.

Seria bom
Gritar ao povo.
Seria, até,
Mais honesto,
Gritar ao povo.

Mas, o povo
Não entenderia...
— e eu quero que todos entendam.

Perguntem ao mar
Perguntem ao vento
Perguntem ao mar
Perguntem ao mar

O meu segrêdo.

AUREO NONATO

NOTICIÁRIO



Magalhães Júnior

MACHADO DE ASSIS DESCONHECIDO — Figura respeitada pelo seu grande saber, como pela seriedade de seus pronunciamentos, o ilustre historiador paulista, Afonso de E. Taunay, continuador das glórias de seu pai, o Visconde de Taunay, é membro, como êste, da Academia Brasileira de Letras, dirigiu uma carta honrosíssima a R. Magalhães Júnior, que acaba de publicar o livro «Machado de Assis, Desconhecido». O eminente autor da «História Geral das Bandeiras Paulistas» assim se manifesta, com espontaneidade e entusiasmo: «Como não consegui descobrir o seu endereço, remeto-lhe estas linhas aos cuidados de seu editor. Muito obrigado pelo valiosíssimo presente que me fêz. Li o seu volume com todo o prazer e proveito e venho dar-lhe muitos parabéns pela obra que realizou. A sua exegese machadiana está formidável, sobretudo pelo fato de que apanhou imensa documentação inédita, sutil e tão interessantemente aproveitada em comentários de quem se assenhoreou do assunto de maneira a mais completa, em verdadeira ocupação militar». Diz, ainda, que essa ocupação revela o mais flagrante dos domínios. E acrescenta: «Vê-se que o senhor conhece as coisas da intimidade machadiana como mestre Capistrano de Abreu ao redigir os seus comentários aos livros de Frei Vicente do Salvador».

★

O romancista Adônias Filho, que já nos deu dois magníficos romances, prepara uma nova obra a que deu o sugestivo título de «Corpo Vivo».

★

O romance de Mário Donato «Madrugada sem Deus», estará dentro em pouco em segunda edição.

★

Dinah Silveira de Queiroz pretende editar muito breve sua peça «O oitavo dia», escrita em colaboração com Adalgisa Nery.

★

O dr. Boris Sokoloff acaba de publicar um alentado estudo sôbre «O ciúme».

★

«Baixo-Relêvo» é o livro de notas críticas em que Herberto Salles revela magníficas qualidades de cultura e bom gôsto.

★

Acha-se completamente esgotada a «Antologia Poética» de Vinicius de Morais, obra lançada não há muito no mercado.

★

Em edição francesa da coleção «La Roman», acaba de aparecer uma tradução do famoso romance de Clarice Lispector, «Perto do coração selvagem».

Fernando Sabino concluiu seu novo romance, ainda sem título. Trata-se de um painel de tôda uma geração.

★

Um poeta que reaparece: Octavio de Mello Alvarenga, com um volume muito bem editado em Minas Gerais, sob o título «Fábula do Encontro».

★

Chama-se «O escorpião», o novo romance do laureado romancista Cornélio Penna, a ser editado dentro de muito breve.

★

«VULTOS DA PARAÍBA»

O sr. Oscar Oliveira Castro, presidente da Academia de Letras da Paraíba, acaba de publicar, com prefácio de José Lins do Rêgo, um livro realmente interessante: uma síntese biográfica de todos os patronos da casa, (trabalho em que o autor confirma suas qualidades de escritor) acompanhado da fotografia de cada um. Obter êsses retratos constituiu, algumas vêzes, afanoso trabalho de pesquisa. Do texto, realmente muito bem escrito, não se recolhe apenas notícia muito curiosa a respeito das trinta figuras, que são os patronos da Academia Paraibana, mas também a convicção de que um alto critério seletivo presidiu à escolha dos eleitos da posteridade: ali estão nomes de projeção nacional, bastando que citemos dois: Pedro Américo e Augusto dos Anjos. E a ótima feição gráfica de «Vultos da Paraíba» corresponde ao valor intrínseco da obra.



Dinah Silveira de Queiroz

O QUE ÊLES DIZEM:

★ *Rubem Braga — "Os chilenos nos perguntam, entusiasmados, se vão aparecer muitos filmes brasileiros assim. (O Cangaceiro). Nós respondemos que é capaz, desconversamos, perguntamos onde está cantando Malu Gática, mudamos de assunto..."*

★ *Pedro Calmon, escrevendo a Magalhães Júnior sôbre seu novo livro: "Está você plenamente machadiano, doença benévola de que nunca fui imune, e a cuja virulência agora devemos (deve a cultura nacional) essa obra de fôlego, de sete fôlegos da pesquisa, da curiosidade bem satisfeita, do gôsto literário, de tudo que a explica e valoriza."*

★ *Fayga Ostrowa, escrevendo de Nova Iorque: "Ai que saudades do Rio calmo..."*



Para ganharem alguns centavos êles ajudam a manobra do automóvel de luxo de qualquer «tubarão», que não está disposto a ligar o motor.

ÊLES NÃO ESTÃO SÓS

No Patronato «Saboia Lima», em Rio das Flôres, reacende-se no coração de centenas de menores, a chama da esperança ★ A grande solução: encaminhar para o campo os menores abandonados ★ Regime de vida no Patronato ★ O problema de despertar, na criança, o interêsse pela sua própria produção ★ Onde o trato diário com a terra favorece o desenvolvimento físico e moral do menor ★ Lição e testemunho eloquente para os incrédulos e derrotistas

Reportagem de RAULINO GOULART

TÔDA vez que se pretende realizar alguma coisa pelo futuro do Brasil, fala-se no amparo e proteção da infância desamparada, prêsa a um destino cruel. Uma iniciativa é anunciada. Organiza-se uma comissão composta de pessoas da mais alta expressão social e administrativa. Inúmeras e cansativas são as reuniões. Discute-se, as reuniões se sucedem e as soluções para o problema continuam sempre em estudos.

A imprensa abre espaço em suas colunas, divulgando as resoluções, as iniciativas em discussão e os discursos lidos, os quais dizem sempre aquilo já por demais sabido:

— «O problema do amparo à infância é uma das questões de maior relevância... » E' muito sério o problema dos menores abandonados...» O problema da criança abandonada está sendo encarado e solucionado com energia precisa pelo govêrno... «Precisamos cuidar com maior carinho das novas gerações que estão se formando... »

«A CULPA É DOS PAIS...»

Outros — mais corajosos — atiram a culpa sôbre os pais, dizendo

— Se os pais não têm os meios econômicos para sustentar a prole, o que é em geral a causa dos desajustamentos, é o caso de se auxiliar o sustento do menor, direta ou indiretamente... Outros há que condenam a grande dispersão de

fôrças devido à existência de inúmeros órgãos que têm a mesma finalidade e se revelam impotentes...

Há, enfim, os que atacam e os que defendem o SAM.

A verdade porém é outra. Vamos deixar de criar comissões de estudos. Vamos entrar no terreno da realidade. Por exemplo: não façamos mais estabelecimentos para internação de menores nas capitais, mas no campo. Vamos criar patronatos agrícolas, única solução capaz de resolver o problema e salvar a criança abandonada, órfã ou desvalida.

UM EXEMPLO DIGNIFICANTE A SEGUIR

Aí estão os patronatos agrícolas de Araruama, Caxambu, Silvestre Ferraz, Passa Quatro, Viçosa e Rio das Flôres, onde há ambiente educativo, bom clima, práticas escolares, ensino profissional, hábitos de trabalho e disciplina, alimentação adequada, ambiente sadio e alegre, casas abertas em que o menor se sente à vontade, mas onde é despertado o sentimento de responsabilidade, de dever e de respeito à pessoa humana, com as suas associações de alunos, clubes esportivos, jornais escritos pelos próprios alunos, auditório, excursões, realizando tais estabelecimentos o seu programa de fazer da criança um homem forte de corpo e alma, útil e honesto.

ÊLES NÃO CAMINHAM SÓS...

Uma visita ao Patronato Agrícola «Sabóia Lima», em Rio das Flôres, representa um confôrto e uma esperança de que nem tudo está perdido. O patronato fica a cavaleiro numa colina verdejante contrastando com os edifícios baixos e alvos. Há uma piscina, campos esportivos e grandes alamedas arborizadas. De tudo que é dado ao visitante ver o que mais o impressiona é que ali não há grades, não há prisões, os internos vivem num clima de liberdade. O regime disciplinar é o mais benevolente possível sem quebra do respeito dos menores aos seus superiores. Os inspetores — segundo depoimento colhido entre os próprios menores — são enérgicos e repreendem os faltosos, mas sem brutalidade, evitando os castigos corporais.

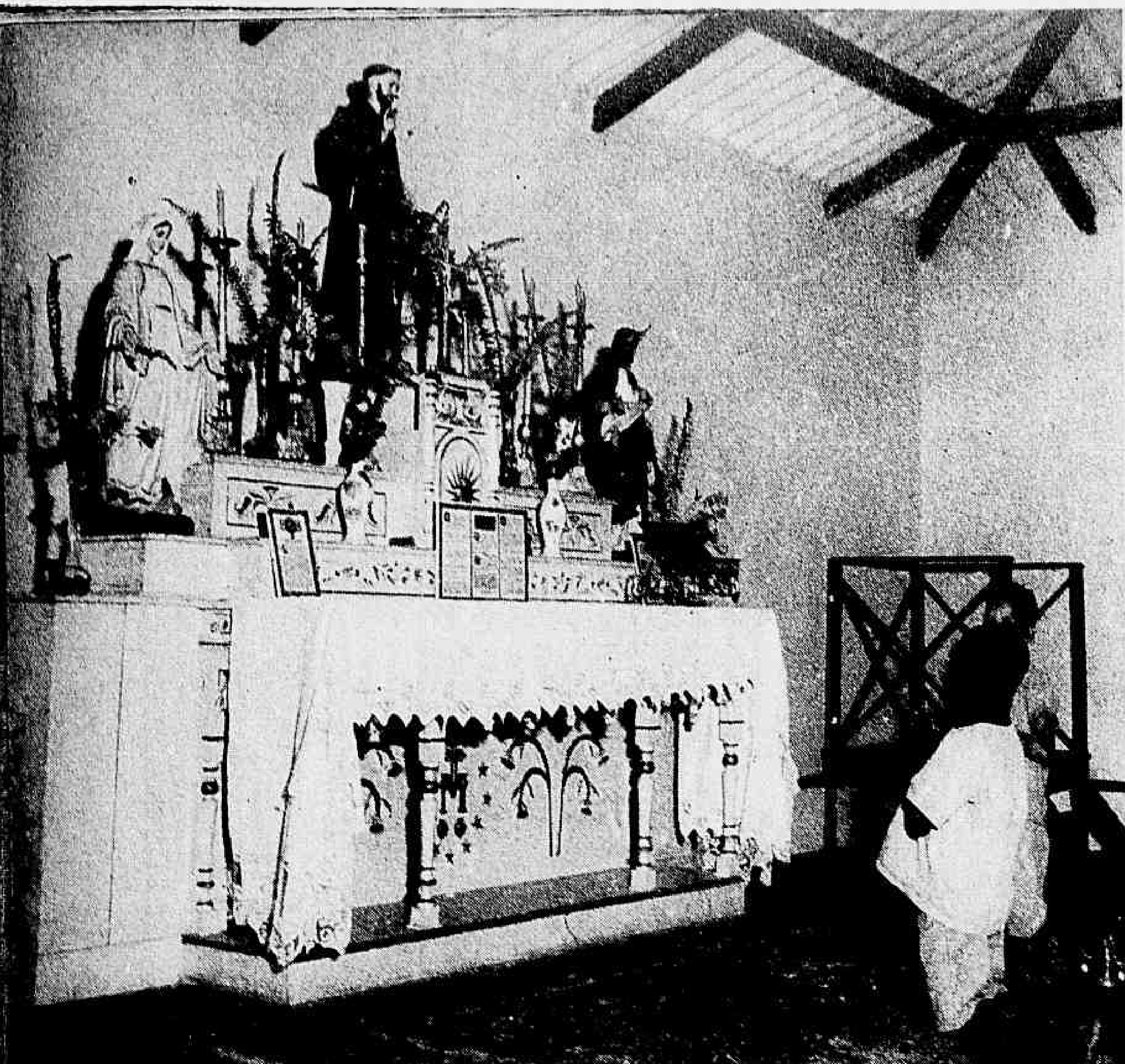
ENCAMINHANDO O MENOR PARA O CAMPO

Sentimos, por outro lado, que o problema de despertar, no menor, o interêsse pela sua própria pro-



A falta de um freguês para engraxar os sapatos, leva-os logo a procurar um joguinho para matar o tempo. Por essa modalidade de jôgo, começam a carreira do vício, chegando a todos os outros.







Meninos que vagam pelas ruas sem lar e sem religião, encontraram no Patronato Agrícola de Rio das Flôres o caminho da fé, do estudo, do trabalho. Dali sairão homens de bem, formados dentro dos mais sadios princípios.

dução, patenteiam os esforços da direção do estabelecimento em encaminhar o menor para o campo, onde êle desde cedo aprende com o esfôrço pessoal, com seu próprio braço a defender a economia do patronato e de si mesmo. O ensino agrícola é de ordem utilitária. Assim, pelo valor educativo do trabalho da lavoura, o qual desperta na criança o amor pela terra, obrigando-a a melhor conhecer e admirar a natureza. A par disso, o trato diário com a terra favorece o desenvolvimento físico e moral do educando, dando-lhe saúde e vida regular, paciente e tranqüila, habituando-o ao lado sério e grave da vida.

PERDERAM OS PAIS, MAS NÃO PERDERAM A VIDA

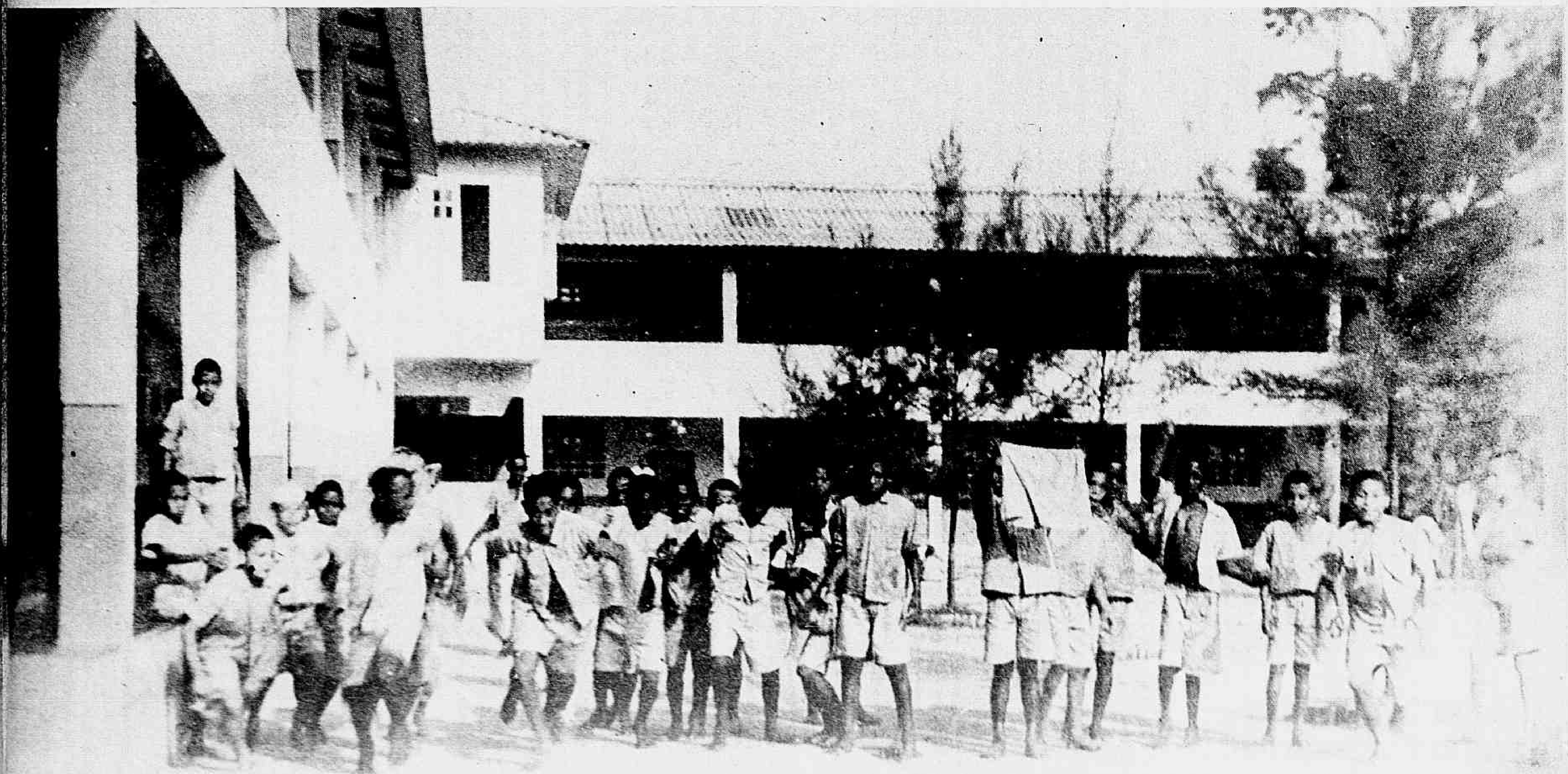
A população do patronato é atualmente de 370 menores, de 8 a 16 anos de idade, oriundos das classes mais humildes ou por ordem do Juiz de Menores. A adaptação do internato é rápida e pronta, graças ao regime disciplinar, sem necessidade de processos grosseiros, antes atraídos pelos exemplos dos que ali já se encontram felizes e risonhos. Enfrentando tôdas as dificuldades, a direção do patronato, para conseguir o índice disciplinar ali reinante, mantém sete inspetores de alunos, chefe de disciplina, instrutor de educação física, 11 professôres, diretor, secretário, além do corpo de auxiliares, constituído de menores que se encarregam de diversos outros misteres na administração. O regime de vida dos menores é o seguinte: — Nos dias úteis os menores vão para a ginástica, para a lavoura, para as salas de aulas e para a limpeza. As 10,30 almoçam. Aos domingos, depois do almôço, recebem as gratificações. Vão para o cinema, passeiam, recebem visita, brincam livremente e praticam esporte.

E' realmente confortante ao visitante constatar que não havendo no Patronato «Sabóia Lima», grades ou portas fechadas para evitar a fuga dos internados, demontre as estatísticas um reduzido número de casos de fuga.

LIÇÃO ELOQÜENTE PARA OS INCRÉDULOS E DERROTISTAS

A visita ao Patronato Agrícola de Rio das Flôres, vem demonstrar sobejamente algo de positivo e admirável em matéria de assistência à infância abandonada, ou desvalida do Brasil e representa o testemunho eloqüente, a lição incontestável, para os incrédulos e derrotistas, que ainda combatem a criação de patronatos agrícolas nos moldes dêste modelar estabelecimento de Rio das Flôres, onde sentimos renascer no coração de centenas de crianças, a chama da esperança.

No pátio interno do Patronato de Rio das Flôres, à hora do recreio, alguns internados brincam um pouco e dão expansão à sua alegria à frente da objetiva. Não são mais garotos abandonados, têm uma escola que é um verdadeiro lar.



O maior cantor do Brasil

Silvio Caldas

na

Rádio Mayrink Veiga



TODOS OS DOMINGOS
'AS 20 HORAS

no

BIG BROADCAST d'A EXPOSIÇÃO

DIV. PRA9

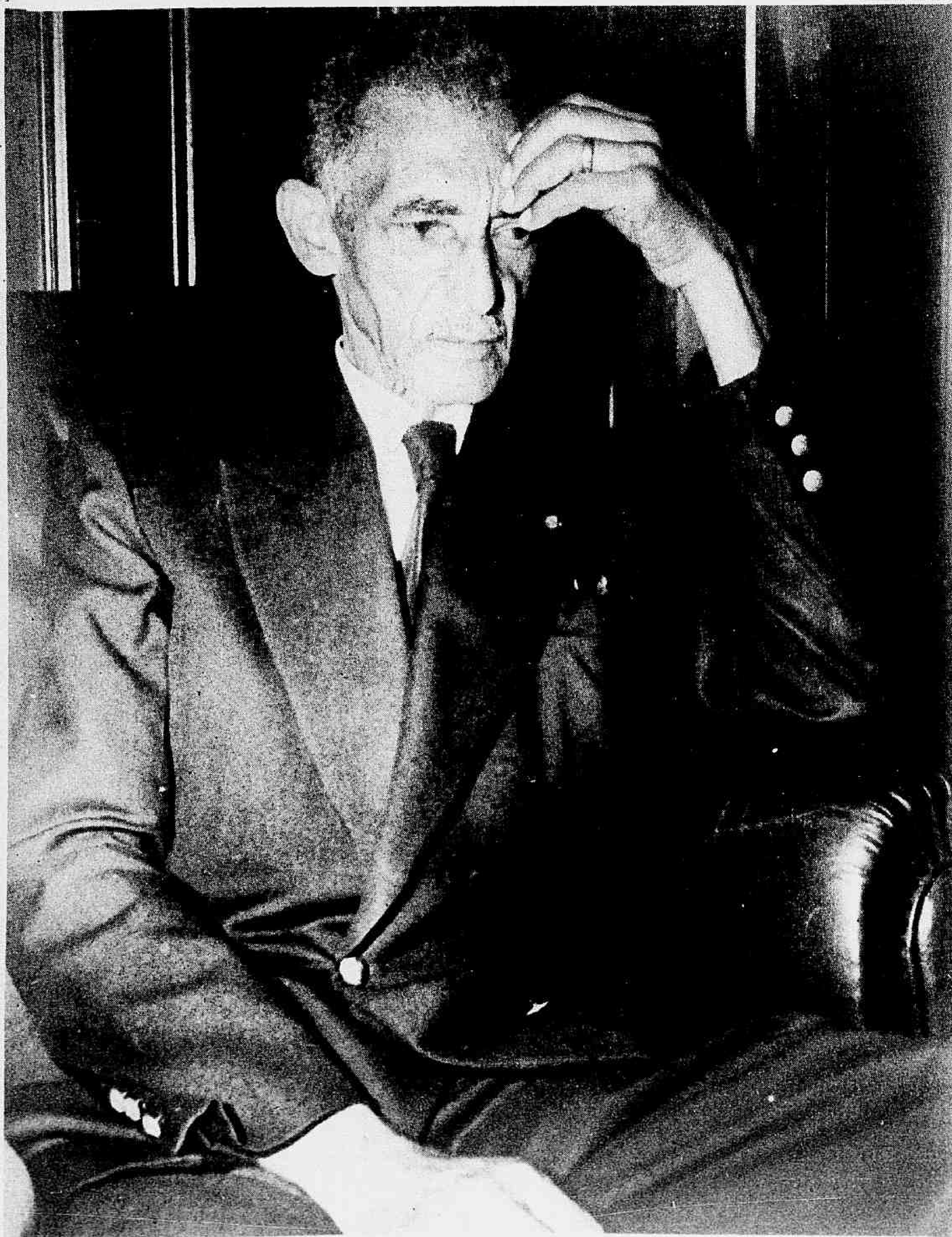
OS HUMILDES DO CATETE

HOMENS QUE VIRAM NASCER E MORRER PRESIDENTES — MUITOS ANOS DE SERVIÇOS E SALÁRIOS BAIXOS — FALTA DE REGULAMENTAÇÃO NO QUADRO DE FUNCIONÁRIOS DO PALÁCIO — UMA USINA QUE QUASE NÃO TRABALHA.

Reportagem de SAMUEL AVERBACH

Fotos de ARNALDO VIEIRA

● *Há vários lustros existe o Palácio do Catete, o mais famoso e o mais imponente dentre todos os palácios do Poder Executivo, no Rio de Janeiro. E no seu interior, desde os primeiros períodos presidenciais, trabalham homens e mulheres, servindo aos diversos chefes de Estado que têm governado o Brasil, e assistindo aos principais acontecimentos políticos que abalaram a Nação, durante todo êsse tempo. Infelizmente, não pudemos entrar em contato com todos os servidores mais antigos, que muita coisa interessante teriam para contar, isto porque alguns estão de licença, de férias, e outros ainda encontram-se doentes, faltando ao trabalho. Mesmo assim, cinco dos mais velhos empregados do palácio nos contaram algo de suas vidas e do que viram ao correr de todos êsses anos. Cada um tem sua história, repleta de fatos curiosos.*



ALBINO JOSÉ FERNANDES

● Zelador do palácio. Velho, com 72 anos, caminhando com certa dificuldade, o funcionário mais antigo do Catete vai desfilando aquilo que lhe vem à memória:

— Sou de Minas Gerais e sirvo à Presidência da República desde 1908. Estive sob as ordens dos Presidentes Afonso Pena, Marechal Hermes da Fonseca, Delfim Moreira, Epitácio Pessoa, Artur Bernardes, Wenceslau Braz, Washington Luís, Getúlio Vargas, José Linhares, Eurico Dutra e, agora, o Sr. Café Filho. De todos êles, o que mais me deixou saudade foi Epitácio Pessoa, que me tratava como se eu fôsse seu irmão. Éramos grandes amigos, e sempre que o Presidente viajava, fazia questão de levar-me na sua companhia. Meu primeiro salário foi de cento e cinqüenta mil réis. Trabalhei, durante todo êsse tempo, no Catete e no Guanabara. A partir de 1915, tornei-me zelador do Catete.

Os fatos que mais emoção me causaram durante meus 47 anos de serviço foram: a medalha Barão do Rio Branco, que ganhei no govêrno do Marechal Dutra, em reconhecimento aos meus serviços, e a faixa de Presidente que o Sr. Washington Luís me deu para guardar, na ocasião em que foi deposto. Esta faixa passara de mão em mão, de Presidente para Presidente.

Naturalmente, o fato que mais me chocou, nos últimos anos, foi o suicídio do Presidente Getúlio Vargas; ninguém esperava que êle agisse dessa forma. Passou por mim, poucos minutos antes de pôr têrmo à vida. Outro suicídio que muito me impressionou foi o de Dona Orsina (pelo menos dizem que foi suicídio), espôsa do Presidente Hermes da Fonseca. O fato ocorreu em sua casa, na Rua Pinheiro Machado, 60. Naquela época eu trabalhava no Palácio Guanabara. Dona Orsina tinha o costume de tomar banho



deria no palácio, mas a velha lavadeira continuou no seu trabalho de sempre, agora ligeiramente facilitado.

Ganha atualmente Cr$ 2.500,00 e acha que é muito pouco, para quem deu os melhores anos de sua vida a fim de vestir os presidentes com roupas limpas. Não quis falar de política (instrução muito parca) e poucas recordações tem, afinal de contas, pois que sempre trabalhou lá nos fundos, no seu barracão de madeira.

ÂNGELO ESCARLATO

● É carioca, filho de italianos, está com 65 anos de idade. Entrou para o serviço do palácio em setembro de 1928. Foi para o Palácio Guanabara como jardineiro (no govêrno de Washington Luís), mas nunca trabalhou no jardim. Em 1933 passou para servente. Seu primeiro salário foi de duzentos e trinta e cinco mil réis. Atualmente, ocupa oficialmente o cargo de auxiliar de portaria do Ministério da Fazenda, com o salário de Cr$ 2.170,00. O abono que se acrescenta mensalmente a essa quantia é de Cr$ 2.000,00 e recebe ainda quinhentos cruzeiros de gratificação pelas suas funções no palácio. Total: 4.670 cruzeiros. No Catete, Ângelo também é auxiliar de portaria.

Suas recordações são muitas, naturalmente, mas nosso focalizado é um homem cauteloso e não gosta muito de falar. Diz que não tem qualquer queixa a fazer, nos seus muitos anos de serviço; ficou bastante sentido com a morte do Presidente Getúlio Vargas, com quem trabalhou durante vinte anos.

Um fato curioso em sua vida intra-palaciana foi a gorjeta que êle e outros funcionários receberam, por ordem do Presidente Hoover, quando estêve no Brasil: duzentos mil reis de gratificação. Aliás, frisa o velho funcionário que êsse foi o único estadista estrangeiro a gratificar os servidores do palácio, desde que ali trabalha. Sua maior emoção, em tôda a vida, durante a revolução de 1930, ocasião em que estava a serviço do Palácio Guanabara; durante dois dias e duas noites todos ficaram sitiados lá dentro, com as balas zunindo ao redor. Ângelo julgou que tinha chegado a sua hora. Mas ao fim de tudo, as coisas voltaram ao normal e êle aqui está, vivo, para nos relatar sua história.

à tarde, logo após o lanche. Naquele dia, depois do chá, entrou no banheiro e morreu asfixiada pelo gás. Na minha opinião, não foi suicídio, mas acidente, apesar dos boatos e dos mexericos que correram na ocasião.

Tive no meu colo muitos homens que se tornaram figuras proeminentes na política do Brasil. Criei Hermes da Fonseca Filho, Euclides Hermes da Fonseca (um dos 18 do Forte de Copacabana), Delfim Moreira Filho. (NOTA: Aqui, anotamos exatamente as palavras do ancião, nos têrmos em que êle se refere a êsses cidadãos).

Não tenho queixas de ninguém, durante o tempo que estou no palácio. Os Presidentes sempre me trataram bem, sem ostentação. De todos, como já disse, Epitácio foi o meu maior amigo. Entregou-me todos os seus pertences, três dias depois de eu ter vindo para cá. Considerava-me como se diz, o seu homem de confiança. Minha única reclamação, pode dizer, é o salário que ganho, depois de tantos anos de serviços. Percebo Cr$ 4.310,00 mensais, que pouco dão para o meu sustento e o da minha mulher, a lavadeira Pulquéria. Não sou funcionário do palácio, assim como nenhum outro dos que aqui trabalham. Somos todos empregados em comissão, sem qualquer estabilidade, no Catete.

PULQUÉRIA COSTA

● Também é mineira e conta 73 anos de idade. Extremamente arredia à reportagem, não quis conversar nem se deixar fotografar. A muito custo conseguimos as informações que se seguem: Pulquéria trabalha no palácio desde 1914, como lavadeira. Tem um filho da união com Albino, além de nove netos e 6 bisnetos. Até o ano de 1927, lavava roupa sòzinha, desde as cinco da manhã. Começou ganhando noventa mil réis por mês, pelo seu trabalho no Catete. A partir de 1927, instalaram o serviço de lavan-



A LEGALIDADE DE UM SINDICATO

COMOVIDO O TRABALHADOR ANTE A CAPACIDADE PROFISSIONAL DO MÉDICO DO IAPETC ★ NÃO AMPUTOU A PERNA ★ A ASSISTÊNCIA DO ÓRGÃO DE CLASSE

QUANDO uma organização de classe defende com intransigência os direitos dos seus associados, essa organização pode ser tomada com exemplo por quantas obliteram os princípios sôbre os quais foram criadas.

Com essa proposição incontestável iniciaremos esta reportagem que focaliza, dentre outras coisas, a eficiente assistência que de há muito vem prestando aos seus associados o Sindicato dos Estivadores do Rio de Janeiro.

Para melhor compreensão do leitor, começaremos dizendo que: João Ribeiro de Campos, homem idôso, trabalhador, viu-se certo dia tolhido dos seus afazeres costumeiros, por haver sido vítima de grave acidente. A perna ferida inspirava os maiores cuidados. João Ribeiro lamentava a sua desgraça, pois segundo calculava, o membro ferido seria amputado. E, como homem inválido, seria inútil à sua família, ficando naturalmente impossibilitado de exercer suas funções.

O Sindicato a que pertence, porém, socorreu-o a tempo de entregá-lo aos cuidados eficientes de um médico. Assim sendo, João Ribeiro foi internado em uma das enfermarias do Hospital do IAPETEC, onde teve como assistente incansável o Dr. Jamil Hadd. Graças à atenção dispensada pelo ilustre cirurgião, o velho homem pôde se restabelecer, sem que houvesse a necessidade extrema da amputação.

● O ACIDENTE

O acidente ocorrido com João Ribeiro de Campos, verificou-se no dia 3 do mês passado, à bordo do navio Lóide Venezuela, em virtude de êste haver caído de altura considerável, indo mergulhar na superfície líquida das águas, após bater pesadamente em algumas chapas de ferro. João Ribeiro conta 59 anos de idade e faz parte do SINDICATO DOS ESTIVADORES DO RIO DE JANEIRO, há cêrca de 36 anos.



O diagnóstico do operado pelo Dr. Jamil Hadd foi o seguinte: fratura com luxação exposta, articulação tíbio-tárcica esquerda, fratura cominutiva de apófise radical inferior direita, escoriações.

Agora, porém, pleno de felicidade por se encontrar completamente restabelecido, João Ribeiro de Campos agradece comovido ao Dr. Jamil Hadd o grande benefício que lhe foi prestado, inclusive também ao Sr. Aureliano Augusto Braz, Presidente do seu órgão de classe, o qual, cumprindo honestamente o seu dever de cidadão, fez-se ponto de referência no que concerne à dignidade com que agiu.

OS HUMILDES DO CATETE



ANTÔNIO FERREIRA DA SILVA

● Paraibano, é o chefe da usina do palácio. Com 64 anos de idade, ocasião em que foi requisitado pelo Presidente Artur Bernardes. Antes disso fôra servente do Fôro, na Rua dos Inválidos (ganhava cem mil réis por mês). Em 1911 pediu demissão, passando a ser motorista de táxi. Em 1918 fêz concurso para mecânico naval e foi nomeado. Em 1922 pediu demissão, mais uma vez, e passou a integrar o quadro de funcionários da Inspetoria de Iluminação.

Como tal, veio auxiliar na montagem da Usina, com os engenheiros Dulcídio Pereira e Francisco de Sá Lessa. Acabou ficando como chefe da mesma. Seu primeiro salário (recebia lá na Inspetoria) foi de oitocentos mil réis. Atualmente, ocupa o cargo de tesoureiro auxiliar do Ministério da Fazenda, destacado para o Catete e percebe oito mil e trezentos cruzeiros, além de mil cruzeiros de gratificação. Acaba de completar 30 anos de serviços, em janeiro de 1955.

Antônio Ferreira nos disse mais o seguinte:

— Não cuido de política e estou sempre distante dos acontecimentos nos bastidores do palácio. Eu e meus auxiliares mantemos a usina em perfeito estado de conservação. O palácio é iluminado pela Light e a usina só entra em funcionamento quando falta luz (o palácio não pode ficar às escuras nem por um minuto). Há sempre três homens de prontidão, nas dependências da mesma.

Como fatos curiosos de minha vida registro o ocorrido por ocasião da revolução de 1930. Os revoltosos tomaram o Catete e, três dias depois da radical modificação, fui procurar o então coronel Almério de Moura, perguntando-lhe o que seria feito da usina, uma vez que ninguém entrara lá, apesar do movimento e das arruaças que se haviam verificado próximo à mesma. O coronel, algo surprêso por saber da existência da usina, ordenou que eu procedesse como sempre o fizera. Posso dizer ainda que o cargo de tesoureiro auxiliar me foi dado pelo Presidente Vargas, em 24 de dezembro de 1952, como reconhecimento aos meus serviços.

AMÂNCIO JOSÉ DOS SANTOS

● É carioca, bonachão, está com 68 anos de idade. Veio para o palácio em 1914. Começou como ciclista, passou a motociclista, contínuo, e foi galgando novos postos, até tornar-se o chefe da portaria, cargo que ocupou desde 1926 até 1951. O primeiro Presidente a quem serviu foi Wenceslau Braz. Durante muitos anos, estêve satisfeito nas suas funções, até acontecer um fato que muito o entristeceu: a sua destituição, em 4 de fevereiro de 1951. Vejamos o que êle diz:

— Até então, eu trabalhava com denodo, tendo transformado a portaria do palácio no serviço organizado que ainda hoje é. Não sei dizer por que fui demitido, mas o fato é que, desde então, não voltei a pôr os pés no palácio, pois aquilo fôra uma autêntica injustiça para com os muitos anos de dedicação que eu dera à Presidência da República. O fato é que, com a mudança do Presidente, fui novamente chamado para trabalhar no anexo do palácio, em 14 de outubro de 1954. Tenho as datas bem gravadas, pois que o Catete, posso afirmar, faz parte integrante de minha vida. Daqui só pretendo sair quando, bem velhinho, não mais puder trabalhar. Vou esclarecer algo, a respeito dos empregados do palácio. Não existe um quadro organizado. Todos trabalham em comissão e a maioria está registrada como funcionário do Ministério da Fazenda. Eu, por exemplo, sou tesoureiro auxiliar do referido Ministério. Fui admitido como tal no govêrno Linhares. Ganho dez mil cruzeiros. Como chefe da portaria, percebia seis mil e mais a gratificação de seiscentos cruzeiros. Um fato curioso em minha vida no palácio é o seguinte: Meu salário (gratificação) inicial, como ciclista era de dez mil réis. Depois, foi aumentado para vinte, e assim sucessivamente.

As maiores satisfações que guardo foram o dia da minha volta ao Catete e a condecoração, no govêrno Dutra, pelos serviços prestados: foi-me dada a medalha Barão do Rio Branco.

Sinceramente, não sei quem me botou na rua, em 1951. Eu tinha mesmo vergonha de sair de casa, pois sendo um funcionário dedicado e honesto, cumpridor dos meus deveres, não podia atinar com o motivo por que fôra despedido. Felizmente, tudo acabou bem, e vamos deixar os anos passarem.

Flash Paulista

HÉLIO ABREU

CAÇAPAVA Numa das mais férteis regiões do fabuloso vale do Paraíba, sob o colorido do rio lendário, acha-se situada a cidade de Caçapava. Sua história é breve e rica, pois data de apenas um centenário, comemorando no dia 14 de abril. De fato, foi por fôrça da lei provincial Nº 20, de 14 de abril de 1855 que o município recebeu a categoria de vila, em virtude de desmembramento de territórios então pertencentes ao distrito de Taubaté.

Nos primórdios de sua infância, Caçapava teve no café e na cana de açúcar os alicerces de sua economia, sendo que ainda hoje grande parte de suas rendas provém da primeira destas culturas. Elevada à cidade em 8 de abril de 1875, já naquela época apresentava um índice de progresso sem par entre as «urbes» que se formavam no dadivoso vale. Seus primeiros habitantes foram os paulistas de Sorocaba, alguns portuguêses e um reduzido grupo de famílias italianas. A área do município é de apenas 365 km 2, dos quais cêrca de 22% cultivados (café e arroz de preferência) e 45% reservados a pastagens, que servem a importantes rebanhos bovinos.

A população local, segundo o censo de 1945, ia perto dos 17 mil habitantes, que atualmente somam cêrca de 30 mil, em todo o município. Eis aí um marcante índice do progresso de Caçapava. Também a indústria floresceu, lado a lado com o desenvolvimento da lavoura e da pecuária. Nada menos de 113 estabelecimentos fabris estão em funcionamento, pintando com a fumaça de suas chaminés os céus dessa pequena Manchester paulista, o que vem de justificar o orgulho com que seus laboriosos filhos e todo o povo do Estado assistem a passagem de seu primeiro centenário. Cidades, como sabemos, tem sexo. Femininas por excelência. Umas são velhas, de boa e tradicional família, como por exemplo Ouro Prêto e Olinda. Outras, como Caçapava (que já vimos em manhã ensolarada) apresentam aquêle viço de moça casadoira, terrìvelmente linda. Mas, é interessante dizer que Caçapava detém no Estado de São Paulo o galardão de ter sido a primeira cidade de Piratininga a ter uma mulher como prefeito, como aconteceu com d. Luiza Olimpia Marcondes Pereira.

No início dessa crônica dissemos ser rica a história da cidade. Não exageramos. É mais que rica: é milionária. Foi de Caçapava que saiu o heróico 6º Regimento da Infantaria, que foi a primeira tropa brasileira a desembarcar na Itália. Não foi, como muitos pensam, o glorioso 1º R. I. Em Camaiore os rapazes paulistas levaram de roldão os «boches» e entraram a ferro e a sangue cidade a dentro, consignando assim a primeira vitória auri-verde em terras italianas. E como lutaram bem! Cruzaram os Apeninos no rigor do inverno, num ponto onde o barômetro acusava 16 graus abaixo de zero. E não pararam aí. Atravessaram o Rio Pó, ajudaram a conquistar Monte Castelo e Montese e foram cercar a 114ª Divisão Alemã em Fornovo di Taro. Nem todos voltaram da aventura italiana. Muitos estão dormindo no cemitério de Pistóia o eterno sono. Glória imorredoura aos «meninos» de Caçapava, que, como ninguém, souberam lutar e morrer!



● CAFÉ. O deputado João Pacheco Chaves, ex-Secretário de Agricultura do Estado de São Paulo, declarou à imprensa paulista: «Considero a orientação dos Estados Unidos, no que toca ao café, da mais absoluta e total cegueira.» Com relação ao govêrno federal, disse: «O govêrno está primando pela sua ausência. É omisso. Ninguém sente a sua presença na Câmara.»

● MONUMENTO. Desde 1932 que uma comissão tenta fazer erigir em São Paulo um monumento aos soldados paulistas tombados na revolução de 32. O escultor Galileu Emandabile, em companhia do Sr. Benedito Montenegro, presidente da referida comissão, pretende fazer um apêlo ao governador do Estado no sentido de obter os 23 milhões de cruzeiros necessários à execução da obra.

● INQUÉRITO. O Procurador Geral da Justiça vem de requerer à Secretaria de Segurança Pública a abertura de novo inquérito contra o ex-governador Adhemar de Barros. Desta vez trata-se do desvio de 10 milhões de cruzeiros em medicamentos, que teria ocorrido em 1948, com a aquiescência do chefe do PSP.

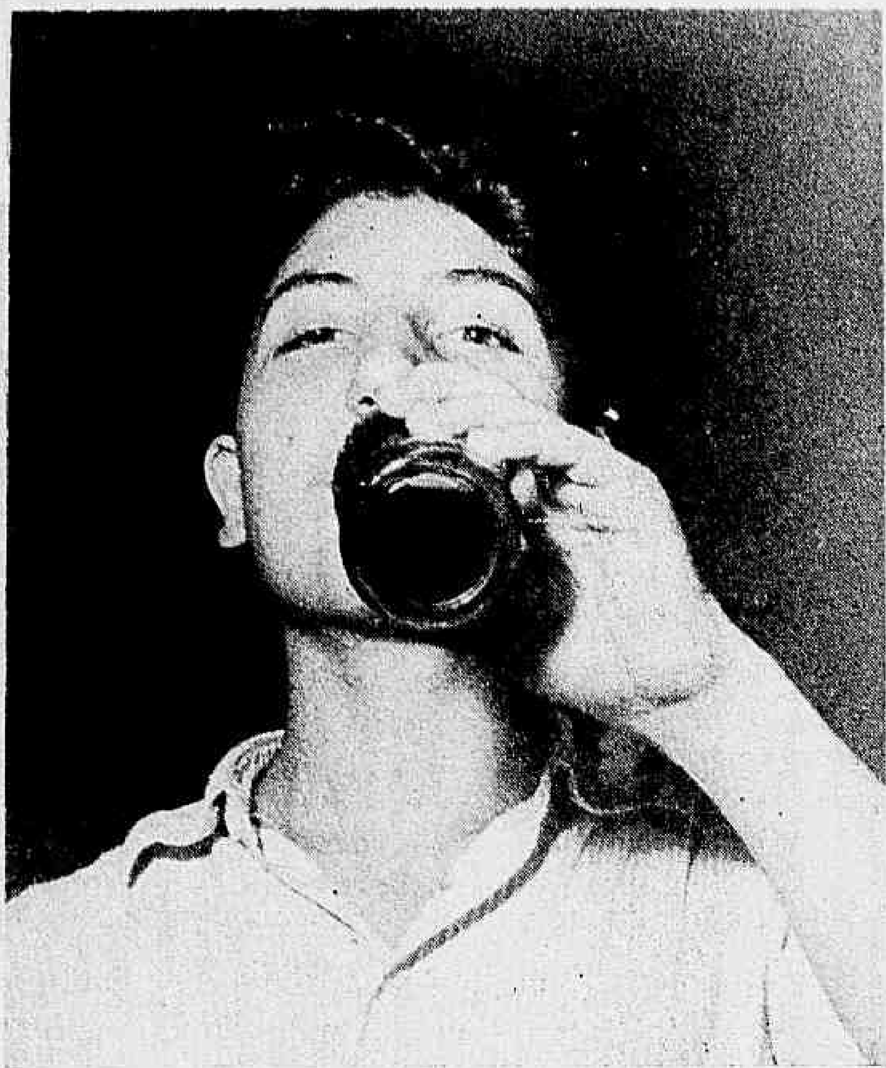
● ALGODÃO. O primeiro fardo de algodão da safra de 1955 encontra-se já classificado.

● LOURAS. Ninguém tem o direito (nem nós) de dizer ser o deputado Osni Silveira parecido com o astro Richard Widmark...

● COMENTARISTA. Viégas Netto continua sendo o número um da Paulicéia. Seus programas são excelentes. Viégas tem diversos «consultores técnicos», entre os quais destaca-se o Sr. Paulo Marzagão.

● RELATOR. O deputado Dagoberto Salles foi eleito relator da Comissão parlamentar criada com o objetivo de estudar o andamento dos assuntos petrolíferos brasileiros. Era presidente da Comissão o falecido deputado Arthur Bernardes.





O DEPUTADO FROTA AGUIAR QUER SABER:

COCA-COLA FAZ BEM OU MAL?

MINUCIOSO EXAME NO PROCESSO REFERENTE À ANÁLISE DO PRODUTO NO INSTITUTO BROMATOLÓGICO DA PREFEITURA ★ «SE POSITIVAR A DENÚNCIA — FRISA O PARLAMENTAR NÃO DESCANSAREI ENQUANTO NÃO METER NA CADEIA OS IMPLICADOS» ★ JÂNIO QUADROS E AS BEBIDAS COM GÁS CARBÔNICO

Reportagem de J. M. NEVES

O sr. Anésio Frota Aguiar, tomando conhecimento de grave denúncia formulada por um órgão de imprensa da Capital da República, louvando-se na publicação citada foi à tribuna da Câmara dos Deputados e apresentou um requerimento de informações à Mesa, solicitando fôsse ouvida a Prefeitura do Distrito Federal a respeito da posição exata em que se encontra o Instituto Bromatológico, em referência à «Coca-Cola».

Êsse assunto vem de longa data, ou mais pròpriamente, desde o momento em que aqui se estabeleceu a citada indústria. A história começou quando os técnicos do Instituto Bromatológico se manifestaram contràriamente ao registro da beberagem, alegando que a mesma não continha os ingredientes que justificavam o seu título. Isto é, completa ausência de coca e cola. Encontrando-se, já, com a sua fábrica instalada, com perspectiva de dar emprêgo a algumas centenas de operários nacionais, tudo fizeram os interessados para conseguir a aprovação do Instituto Bromatológico para o produto. Demarches foram, então, iniciadas até que se chegou a um acôrdo. Sem recuar do seu ponto de vista inicial, os técnicos da repartição da Prefeitura aquiesceram em aprovar a bebida, desde que nos recipientes fôssem gravados os dizeres «Marca de fantasia», a fim de que ficasse salvaguardada a sua responsabilidade. Isto é o que se soube, na época. Daí por diante, nada mais se falou sôbre o assunto.

PROVOCARIA O CÂNCER

Fomos ouvir o deputado Frota Aguiar a respeito do seu desassombrado requerimento. Disse-nos:

— «Fiquei deveras impressionado com a publicação da notícia. Recortei-a pois sugeria conveniência de ser proibida a venda de «Coca-Cola» e aguardei que os interessados se manifestassem. Certamente — pensei eu — os diretores da firma hão de tomar uma providência a fim de dissipar do espírito do consumidor a tremenda dúvida em que ficaram. E não era para menos, uma vez que o vespertino afirma que cientistas já se têm manifestado contra as bebidas que levam em seu conteúdo os famosos corantes, cuja origem é a mais variada, e que seriam os responsáveis pela propagação da terrível doença do câncer. Como não houvesse nenhum pronunciamento dos proprietários da fábrica «Coca-Cola», decidi apresentar um requerimento de informações».

Nessa altura pedimos ao deputado Frota Aguiar cópia do documento, que está vasado nos seguintes têrmos: «Requeiro, na forma regimental, que se oficie à Presidência da República, solicitando ao sr. Prefeito as seguintes informações: a) — O Instituto Bromatológico, subornidado à Prefeitura desta Capital, oficialmente «já considerou desaconselhável o uso e abuso da «Coca-Cola»? b) — Caso afirmativo, remeter cópia autêntica do parecer dos técnicos e bem assim de todos os despachos administrativos referentes ao assunto».

Justificando o seu requerimento, escreveu o deputado Anésio Frota Aguiar: «O popular e prestigioso órgão da nossa imprensa, o vespertino «O Mundo», sôbre o assunto que motivou o presente requerimento de informação, ofereceu a seguinte denúncia: «E' necessário um novo exame para a «Coca-Cola».

E, prossegue na leitura do artigo:

— «Está sendo despertada em todos os meios a curiosidade pública em tôrno da extraordinária difusão do câncer que se tornou o maior fator do obituário registrado em todo o Brasil. Rio de Janeiro e S. Paulo são os maiores focos de difusão do câncer e daí a preocupação de todos os médicos em perscrustar as origens do mal. O governador Jânio Quadros, um vulto incorruptível, já ordenou sindicâncias em tôrno dos efeitos das beberagens com excesso de gás carbônico, fatôres da difusão do citado flagelo. O Instituto Bromatológico da Municipalidade da Capital da República já considerou desaconselhável o uso e abuso da Coca-Cola, que não contém nenhuma das substâncias anunciadas no rótulo. Dizem à bôca pequena que esta transformação do laudo rendeu cinco milhões de cruzeiros de «jabaculê». Não conviria ao honrado prefeito atual ordenar ao Instituto um novo laudo em tôrno da Coca-Cola, ao menos para a tranqüilidade do público consumidor da duvidosa beberagem? Aí fica a sugestão, cabendo ao sr. Alim Pedro ordenar as providências que todos desejamos e que Jânio Quadros já resolveu adotar em S. Paulo.»

Depois de ler o artigo acima transcrito, disse o deputado Frota Aguiar aos seus pares, na Câmara:

— «A denúncia, como se vê, é gravíssima. E' alarmante. Exige providências imediatas. Se a notícia-denúncia não representa a verdade, neste caso, cabe ao interessado as medidas legais, pulverizando o alarme causado no meio dos consumidores; se é verídica, então é da alçada das autoridades sanitárias e administrativas tomarem medidas acauteladoras e de defesa da saúde do povo. Dessa alternativa não há que fugir. Se há assassinos públicos, como já existem ladões públicos, devemos combatê-los sem temor, mesmo que sejam poderosos e protegidos. O dr. Alim Pedro, honrado Prefeito, que não tem ligações com a nefasta administração passada, encontra-se à vontade para prestar amplos esclarecimentos exigidos pela população».

Prometeu-nos o deputado Frota Aguiar que voltará a falar sôbre êste assunto, desde que lhe cheguem às mãos as informações socilitadas. Disse, concluindo a sua entrevista à «Revista da Semana», peremptório:

— Se houver fraude, não se iluda que não descansarei enquanto não meter na cadeia os elementos que estejam ligados direta ou indiretamente ao caso. Não posso, entretanto, antecipar um julgamento. Seria fazer juízo temerário.

Vale, aqui, acentuar que nem em todos os países é permitida a venda de «Coca-Cola». Até bem pouco tempo não se encontrava o produto na Argentina. Em Portugal, o govêrno não permite a entrada dêsse refrigerante. O mais curioso, entretanto, é que em cada uma das partes onde o produto é vendido, tem êle um sabor diferente.



«Se se confirmar a denúncia contra os fabricantes de Coca-Cola, não descansarei um só instante enquanto não ver metidos na cadeia os responsáveis pela falcatrua. Aguardo resposta ao meu pedido».

REVISTA HÁ 50 ANOS

Nº 257, Domingo, 16 de Abril de 1905

CHRÔNICA ELEGANTE

● Nunca as mulheres tiveram tanto gosto, mais artisticas invenções, um tacto mais delicado na composição das toillettes. Quanta distincção!

As mulheres distinctas, de gosto requintado, têm horror às formas complicadas e às côres espantadas. Procuram dar mais delicada sensibilidade às linhas e aos coloridos. A simplicidade é uma grande arte em matéria de moda.

Nada que deslumbre em demasia, que chame attenção, mas sim as verdadeiras distincções que são de facto o caracteristico da elegancia.

Entretanto, a moda nunca foi tão prodiga em atavios de todo genero, de formas tão originais e pesquisadas como agora. Deve-se obedecer a esta corrente porque nada nos parece mais bello que aquillo que ella nos impõe; mas é necessário saber-se empregar estes ornamentos, estas formas, reunindo-os de maneira feliz e encantadora.

Os bordados e as rendas são os dous successos da occasião. Nos bordados estão comprehendidos desde as aplicações de todo genero até os galões mais variados. Estes atavios em couro pyrogravados são a última palavra da moda.

O caracter dos novos bordados é ser de cores vivas, combinando com o vestido ou vestuário.

Assim os costumes tailleur, de pano leve, de lã escura, são elevados por uma nota vibrante de bordaduras bulgaras, sublinhando um voante, o collo, a cintura, etc.

A moda tende presentemente aos coloridos violentos e aos tons heurtés. Assim fazem-se vestidos de panno vermelho, guarnecidos de taffets preto salpicado de seda amarela.

A um vestido de cachemire ou de panno cinzento claro, colloca-se muito naturalmente ornamentos de taffets ou de velludo cereja, framboesa e geranio; ao panno azul associa-se ainda o grenat, laranja, etc.

Parece que, apesar de toda esta tendência para as cores muito brilhantes, o mundo feminino não aprovou ainda, felizmente taes extravagâncias. Assim, nas grandes reuniões da capital franceza, são os costumes de seda, de panno ou lonaige de fantasia, mastique, turqueza, beige claro, gris argent que primam em taes occasiões.

Harmonizam-se muito bem com estes, seductores bellas rendas de Veneza, ou de Clugny, verdadeiras ou imitações.

O vestido princeza e a robecorselet fornecem os mais bellos modelos e os mais novos no genero habillée.

A jupe à godets, extremamente amplas, tomou a aparecer mais longa e leve, devendo ser sempre guarnecida.

As saias plisses estão muito longe de desaparecer. Os corpinhos, cada vez mais justos, accentuam a linha ligeira de talhe e sua finura.

As mangas, à gigot, muito chatas no ante-braço, continuam a fazer grande successo. Os paletos direitos, apenas cintrèes do genero carrick, estão fazendo grande furor.

Preparam-se também muitas encantadoras confecções do genero mantelei, que substituem perfeitamente os echarpes de fourrures. — ACRISIO.

SUPLEMENTO SPORTIVO

● **JOCKEY CLUB**

O Jockey Club Brasileiro iniciou com bastante felicidade, no domingo último, a sua nova estação de corridas, dispondo para isso de um lindo dia, de temperatura ideal. A concorrência foi numerosa, o que contribuiu para que o movimento geral das apostas se elevasse a 36:411$000.

Um acidente, que a todos contristou, empanou, no entanto, o incontestavel brilhantismo com que corria aquella festa. Referimo-nos a desastrosa queda da egua Thétis no 6º páreo, do que resultou sérias contusões e a fratura de uma das claviculas do jockey Aurelio Olmos e a completa inutilização da esplendida eguinha ingleza, que tão fundadas esperanças dava ao seu proprietario, sr. Adolpho Batista Gonçalves. Para syndicar das causas do acidente que acima nos referimos, a directoria do Jockey Club nomeou uma comissão, que examinou o local em que se deu a queda e inquiriu todos os jockeys que tomaram parte na carreira.



Figurino Carioca — Vestuários para verão... com inundações.

● **NOTICIARIO**

Foi comprado em Buenos Aires para o nosso turf onde será entregue ao tratador Eduardo Ferreira, o cavallo alazão de 4 annos, Bleu Eye, filho de Ojo de Agua e Orphan.

— O cavallo Oseas, ex-Omega, recebeu aplicações de pontas de fogo no casco affectado.

● **CYCLISMO**

O Vello Club anuncia para hoje a sua segunda corrida oficial que obedece a um bello programa. O soberbo vellodromo da rua Hadock Lobo abre suas portas para o festival sportivo que é sempre esperado com verdadeira satisfação pela selecta concurrencia de convidados.



Estado de Minas Gerais — Phenomeno — Um carneiro com duas cabeças perfeitamente desenvolvidas. Este animal, que foi morto após dois dias de seu nascimento, por escrúpulos do administrador da Fazenda do Sr. Joaquim Pião, em Barra Longa, tinha dois estômagos, dois corações e uma só via.

● **SPORT CLUB**

Foi uma festa de excepcional brilhantismo a que o Sport Club dedicou domingo último às famílias de seus associados.

Constituiu o motivo da bella reunião a distribuição dos prêmios aos vencedores da grande corrida de 12 de fevereiro e dos concursos de tiro passados.

FÁTIMA...

(Cont. na pjgina 31)

— No colégio nunca revelará a sua verdadeira identidade.

Lúcia com apenas 14 anos, respondeu afirmativamente às três ordens e no íntimo sentia-se feliz por permanecer no anonimato e assim livrar-se de todos aquêles que constantemente a perseguiam desejando saber maiores detalhes sôbre as Aparições.

● **O ADEUS A FÁTIMA**

Embora sentindo-se interiormente feliz, a pobre pastôra não podia deixar de lamentar-se por ter de abandonar a sua casa, sua família e aquêle local em que fôra feliz, principalmente durante as ocasiões em que se davam as aparições.

Anos mais tarde, assim falou ela sôbre o último dia que passou em Fátima:

« — Fui pelos campos além. Era em junho. Já havia milhos crescidos. Andei pela serra, entre carrasqueiras e oliveiras. Nos cabeços, olhava para os horizontes. Aquela luz, aquela luz! Nunca mais!

— Andei pelas propriedades de meu pai e sentei-me um bocadinho aqui e ali; e tocando o chão com as mãos, dizia para mim: Nunca mais cá voltè!»

Instintivamente seus passos dirigiram-se para a Cova da Iria. Ali ainda foi maior a sua tristeza porque recordou minuciosamente as cinco aparições e tão minuciosamente o fêz que teve a nítida impressão de que a Senhora novamente ali se achava. Relembrou com saudades as suas brincadeiras com Jacinta e Francisca, enquanto vigiavam o rebanho.

Partiu depois em direção à igrejinha onde havia sido batizada. Pelo caminho várias pessoas da aldeia cruzavam com ela dizendo:

— Adaus, Lúcia!

— Adeus! respondia tristemente a pastôra.

Ajoelhou-se frente ao altar, quando chegou à igreja e ali permaneceu por longo tempo. Depois visitou a campa de Francisco, no cemitério próximo à igreja e ali também orou, pedindo que êle do céu, olhasse por ela.

(Continua no próximo número)

SUÍÇO
e famoso no
mundo inteiro

RADO
o relógio de
confiança.
17 RUBIS
e fundo de aço
inoxidável.

TRISTES VERDADES SÔBRE



O FLUMINENSE teve a primasia de ser o clube que maior contingente de atletas apresentou nos Jogos Pan-americanos. No flagrante alguns dirigentes tricolores.

OS JOGOS PAN-AMERICANOS

O QUE NÃO FOI CONTADO SÔBRE A NOSSA PARTICIPAÇÃO NA OLIMPÍADA DO MÉXICO ★ TÍNHAMOS UM BELO REGULAMENTO, OUTRA VEZ GANHAMOS EXPERIÊNCIA, MAS CONTINUAMOS DESORGANIZADOS ★ ATLETAS QUE PAGARAM PARA COMPETIR, ATÉ O UNIFORME, PARA DESFILAR ★ TURISMO ORGANIZADO OU EXPLORAÇÃO AMADORISTA? ★ A FIBRA DOS ATLETAS AINDA HONROU AS TRADIÇÕES

De **JAYME MORAES** (Especial para a REVISTA DA SEMANA)

— MÉXICO

MAGNÍFICO êste povo mexicano. Nacionalista cem-por-cento, amável, hospitaleiro, dedicou atenções especiais aos brasileiros. Brindou-nos com uma fenomenal cerimônia de abertura dos II Jogos Pan-americanos e, encerrando as festividades, o fêz com um colorido tal que nos deixou com lágrimas nos olhos e muitas saudades.

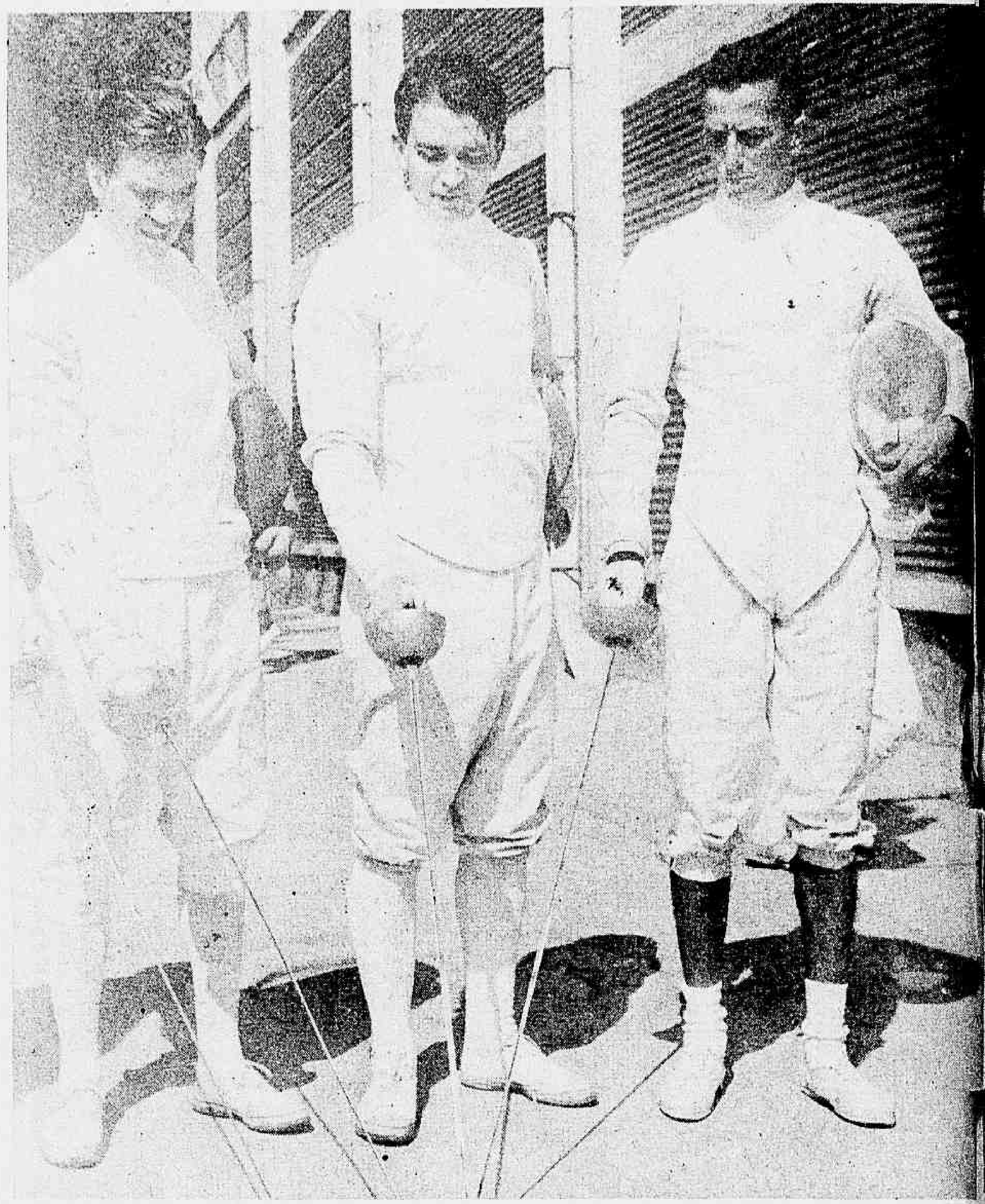
Parte sentimental inesquecível vivemos no Estádio Olímpico da Cidade Universitária. Após a prova hípica, em que os valorosos cavaleiros mexicanos sagraram-se vencedores, onde, inegàvelmente os nossos ginetes fizeram muitíssima falta. Verificou-se, dentre outras solenidades, a condecoração das bandeiras dos países participantes, e pouco depois, tudo dentro de um horário cronométrico, que aliás sempre orientou a programação do Comité Organizador Mexicano, a banda de música da marinha executava «Las Golondrinas», a melodia com que o povo mexicano se despede daqueles a que tem afeto. O povo canta, milhares de lenços estão no ar, numa despedida comovente, ao mesmo tempo que o estádio ilumina-se pelos archotes de jornais empunhados pelos sentimentais mexicanos. Desce o crepúsculo sôbre a majestosa praça de esportes e o espetáculo torna-se mais empolgante quando os sinos começam a repicar no último adeus. Momentos antes um jovem da Escola Militar dera o toque de silêncio no meio do gramado. Milhares de balões multicores subiram aos céus e, nós, com os olhos marejados de lágrimas assistimos, ouvimos e sentimos o povo mexicano cantar a mais de 150 mil vozes, o hino de sua pátria. E como êles o entoam, com alma, vibração, sentimento e um mito de fanatismo nacionalista.

A GRANDE DECEPÇÃO

Tanto na cerimônia de abertura como no encerramento dos Jogos, sentíamo-nos como pigmeus. Poderíamos deixar apenas as magníficas

NO DESFILE DE ABERTURA, TÍNHAMOS A IMPRESSÃO DE ESTAR PARTICIPANDO





MAIS DE 15 MIL CRUZEIROS, custou à jovem Carlota Rodrigues (4º lugar), alguns saltos da plataforma da piscina da Cidade Universitária

PARA ALGUNS ESGRIMISTAS valeu cêrca de dois mil cruzeiros cada toque dado no adversário. Heitor Soares (à direita) foi o melhor da equipe.

impressões que nos causaram os espetáculos promovidos pelos mexicanos, tudo muito bem organizado, ou melhor, precisamente executado pelos comandados do Presidente do Comité, senador Manuel Willis Guzman.

Mas, faz-se necessário focalizar «mais esta experiência», como sempre classificam nossos dirigentes, os fracassos e decepções que sempre atingem as nossas delegações quando em competições de envergadura no exterior.

Poderíamos quedar nos resultados ilusórios, e colorir as poucas vitórias com tintas fortes. Ficaríamos numa posição cômoda, não provocaríamos a ira daqueles que, julgando-se os mais honestos do mundo, esquecem as necessárias condições de um bom administrador.

O Brasil, esta é a verdade, que durante algum tempo vinha mantendo a primazia pelos «vices» baixou de categoria, e, desta vez também não fugiu à regra de fazer as coisas às pressas.





IOLANDA COUTINHO quase pagou com a vida o seu amor pelo esporte, sendo a mais afetada pela altitude. Sua irmã Ieda (à direita) chegou à final na Esgrima, mas faltou-lhe aclimatação.

Extra-oficialmente ocupamos o 4º lugar no cômputo geral das nações participantes aos Jogos Pan-americanos. À nossa frente, além dos Estados Unidos, o que já era previsto, colocou-se a Argentina, com uma delegação bem organizada, assistência moral e financeira exemplares, e com um mês de aclimatação no hospitaleiro país onde se desenvolveram as provas. Em terceiro lugar os nossos amigos mexicanos, cuja campanha traduz um exemplo de luta e abnegação pelo desenvolvimento do esporte amadorista.

A nossa apresentação no desfile de abertura foi apagada, apesar dos calorosos aplausos com que fomos recebidos pelo generoso público asteca. Tínhamos a impressão de assistir a um cortêjo de missa de 7.º dia. Homens e rapazes com seus trajos comuns, azul-marinho e, no bôlso, apenas uma fita verde-amarela sôbre a qual se lia tìmidamente: «Brasil».

Tinha-se a impressão de que tais uniformes haviam sido escolhidos para serem aproveitados mais tarde. Os homens tiveram-no completo, inclusive camisa, gravata e sapatos. Já em relação às moças, soubemos que a coisa fôra diferente. Resultado, algumas delas apresentavam-se com sapatos sem saltos, outras de meio-salto e até algumas com salto carretel, tamanho 7 e modelos abertos...

Não sabemos quem escolheu os uniformes, entretanto, ali víamos o espelho da sua alma, soturna, portadora de algum complexo.

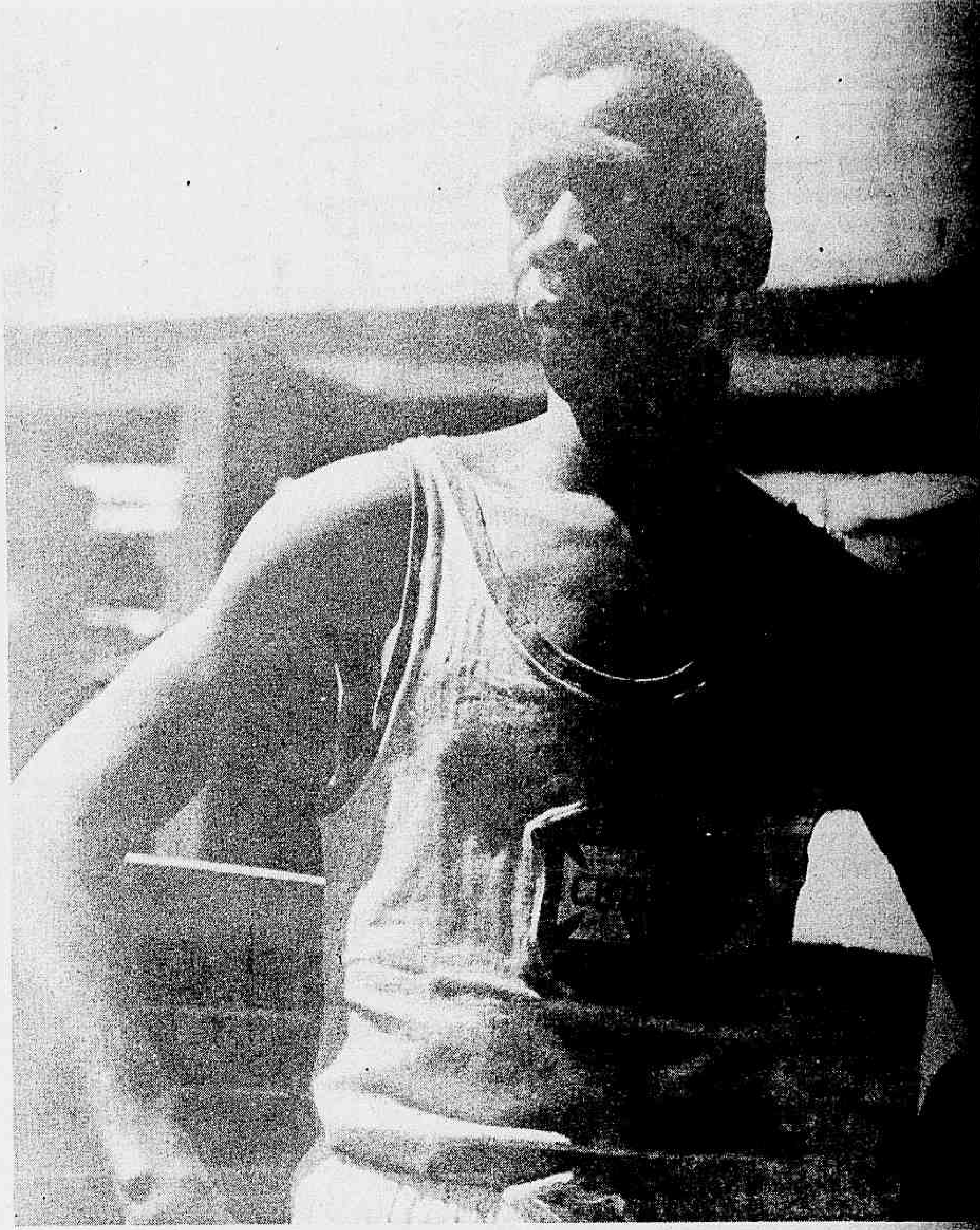
Durante os jogos recebemos várias homenagens e não tivemos com que as retribuir. A turma feminina de basquetebol do Canadá ofereceu às suas adversárias brasileiras lindas colherzinhas de prata em artístico estojo. Nossos dirigentes ficaram surpresos com tanto carinho, mas continuamos a receber sem poder retribuir.

As demais delegações colocaram palmas de flôres em monumentos dos grandes vultos mexicanos, inclusive no de Juarez, nós permanecemos na obscuridade.

DE MISSA DE 7.º DIA, TAL O ASPECTO DO UNIFORME DE NOSSA DELEGAÇÃO



MARIA EUGÊNIA e NELSON BASTO dois esgrimistas que dispenderam mais de Cr$ 50 mil, pagaram até o uniforme para desfilar no México...



SEBASTIÃO MENDES também sofreu as conseqüências da altitude. Viajou sob os auspícios do C. R. Flamengo e pagou sua estada no México.

Na Vila Feminina, distante dois quilômetros do edifício central, a ordem e vigilância eram perfeitas, bem como a assistência médica. As demais delegações, principalmente americana e canadense, mantinham senhoras como acompanhantes das atletas, nos diversos esportes. A turma feminina do Brasil movimentava-se pela intuição, obedecia ao horário estabelecido na véspera, e que lhes era transmitido durante os rápidos encontros que mantinham com os dirigentes e técnicos, durante os treinos ou na hora das refeições.

Devemos ressaltar o trabalho de algumas atletas que, pela antiguidade e confiança que nelas se depositava, atuavam como uma espécie de monitoras. Nesse ponto é digno de registro a noção de responsabilidade que sempre demonstraram, comparecendo pontualmente ao local de encontro com os dirigentes e técnicos, para um treino ou mais uma partida.

No voleibol, especialmente, sentiu-se a falta de uma acompanhante. Três moças foram acidentadas e, na enfermaria, foram acompanhadas por suas colegas. As sete em atividade, pràticamente um quadro, tiveram de enfrentar turno e returno, em melhor de cinco e não os três «sets» comumente por elas jogados no Brasil.

Já em relação ao voleibol masculino, as punições registradas em três jogadores, atestam perfeitamente o que foi a sua representação. Preferimos não comentar. Se o fizermos os dirigentes falarão em mais «uma experiência»...

AGÊNCIA DE TURISMO OU EXCESSO DE AMADORISMO?

Entretanto, a grande falha dos nossos dirigentes, que nem mesmo as duas únicas medalhas de ouro conseguirão apagar (Ademar no Salto triplo e Luiz Ignacio no box), registrou-se quando os orientadores dos desportos nacionais, fazendo proclamar a exiguidade da verba concedida pelos poderes públicos, resolveram aceitar atletas pagantes...

Não sabemos definir ainda se, com tal atitude, resolveram os nossos dirigentes fundar uma «sui-generis» Agência de Turismo Desportiva ou explorar o sentimento super-amadorista de alguns atletas **protegidos pela fortuna ou** pelos clubes que nêles tinham fundadas esperanças.

O fato é que, tendo os aviões gratuitamente, magnanimamente cedidos pelo Govêrno, foram iniciadas as distribuições das vagas nos aparelhos da FAB, cuja cooperação, diga-se de passagem, foi maravilhosa, e veio acrescentar mais um ponto à sua fôlha de benéficos serviços prestados aos desportos e ao país.

Mas, se a base **da representação brasileira** aos Jogos Pan-americanos do México **residia na** economia, esta verificou-se apenas **para inglês** ver, ou melhor, para a FAB ver. A coisa começou quando muitos atletas não tinham alcançado



A JOVEM EQUIPE de Pólo Aquático do Brasil, como as do basquetebol feminino e masculino, tiveram uma campanha meritória. As duas primeiras jogaram 2 turnos amparadas pelo oxigênio.



O BOX COMPARECEU SEM ALARDES. Teve um brilhante desempenho. Luís Inácio, Campeão Pan-americano, o técnico Jofre, Boa Morte, terceiro lugar e Waldemar Adão, vice-campeão de box.

índice técnico, surgiram as primeiras desculpas e verificou-se a escolha a dedo.

Quando se soube que a delegação poderia ser completada por amadores dispostos a pagar suas estadas e também os uniformes para o desfile, choveram os pedidos.

O transporte dos atletas que estava previsto inicialmente em seis aviões, e poderia ter sido feito em menos, alcançou a oito aparelhos. Milhares de dólares saíram do país.

Atletas da natação, esgrima, tênis e outros desportos, que não haviam sido relacionados, tiveram suas estadas estabelecidas em 15 e até 17 mil cruzeiros, com o transporte gratuito, generosamente cedido pela mãe FAB.

Um dêsses atletas, por mais incrível que pareça, teve o seu sentimento amadorista (ou turístico) vigorosamente explorado. Disseram-lhe que não mais existiam vagas nos aviões, entretanto, poderia conseguir uma, desde que pagasse a um dirigente, parte de sua passagem num avião particular. O jovem dispendeu a módica importância de 40 mil cruzeiros, teve o prazer de competir, defender as côres do Brasil, conhecer o México mas, inexperiente em provas internacionais, não passou das eliminatórias.

Bruno Baribane, de São Paulo, levantador de pesos, teve suas despesas custeadas, parte pelo Palmeiras, parte do seu bolso. Competiu sem a presença de um único dirigente, com o confôrto de apenas três brasileiros. Sagrou-se vice-campeão pan-americano na sua categoria.

Carlota Rodrigues, jovem e simpática, também de São Paulo, teve seu nome anunciado pelo microfone da piscina olímpica, quando do encerramento, ao participar de uma prova extra. Colocou-se brilhantemente em 4º lugar em saltos de plataforma.

Heitor Soares, na esgrima, foi a melhor figura masculina. Já ambientado, uma semana depois de sua primeira competição, participou da «Prova das Nações», florete elétrico e foi o segundo colocado.

As moças tiveram apenas três treinos antes de entrar em ação, ao contrário das suas adversárias que já se encontravam muito bem aclimatadas.

E no tênis, water-polo, boxe, basquetebol feminino e masculino, natação, tiro, voleibol e atletismo, sentimos, esta é a verdade, a altitude, alguns menos, outros mais. No princípio pensamos tratar-se de um mito, entretanto, dias depois, começamos a enfrentar a realidade.

Tivemos cêrca de dois milhões de cruzeiros para gastar. Cento e sessenta pessoas integraram nossa delegação, muitas das quais pagando suas despesas. Trouxemos duas medalhas de ouro, três de prata e 13 de bronze e «muita experiência»...

Como bons brasileiros, não poderíamos deixar de dar a nota final de desorganização e, esta surgiu na cerimônia de encerramento dos II Jogos Pan-americanos.

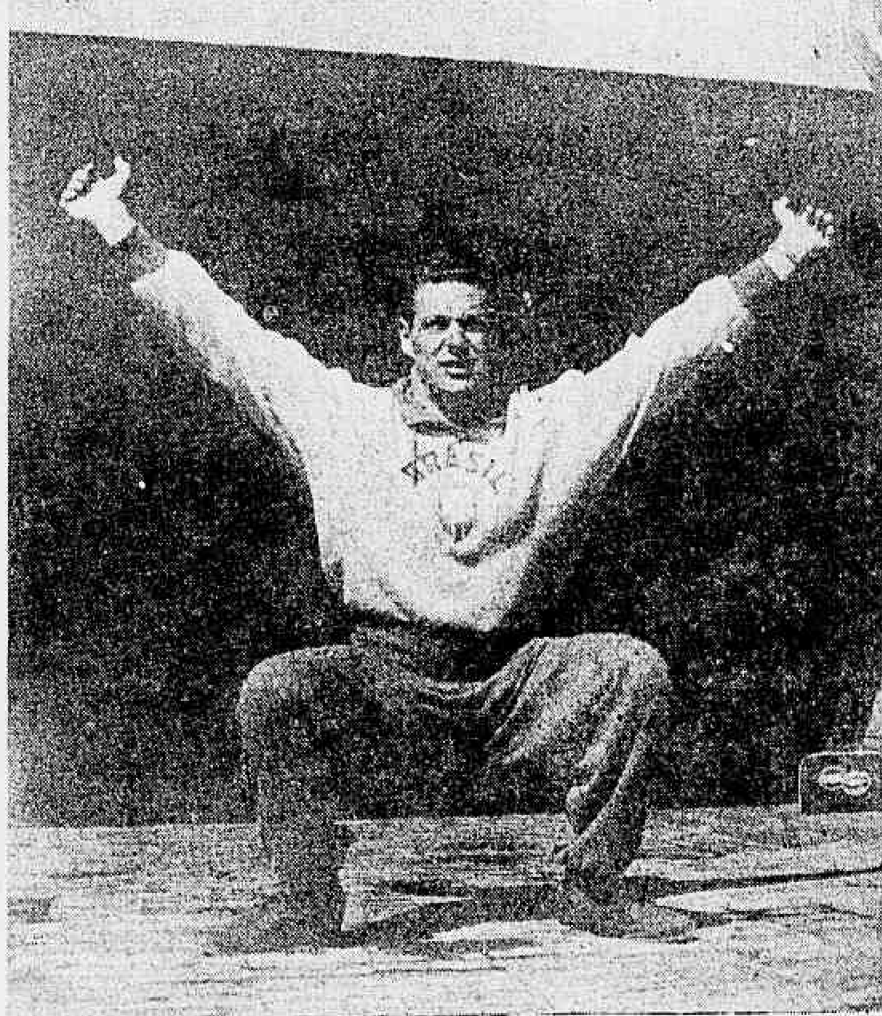
No sábado em que estava programado o término dos jogos, pela manhã, dois aviões da FAB retornaram ao Brasil, e num dêles o porta-bandeira, a guarda de honra, e também o auri-verde pendão.

O fato é que à tarde estava programada a condecoração das bandeiras dos países participantes, fato êsse do conhecimento geral, fartamente anunciado pela imprensa e distribuído em notas oficiais pelo Comitê Organizador Mexicano.

Vimos atletas ou delegados dos países participantes desfraldando as respectivas bandeiras no desfile.

Sentimo-nos pequeninos, envergonhados, ao distinguir uma bandeira que nos pareceu familiar, verde abacate desbotada, a única que era conduzida por um estrangeiro.

E, pela primeira vez, também vimo-la ser inclinada, mesmo para receber tão honrosa distinção. Deixamos o estádio atlético da Cidade Universitária saudosos ante o espetáculo, envergonhados ante o último capítulo de desorganização que nos era proporcionado em momento tão solene.



BRUNO BARIBANE, sagrou-se vice-campeão pan-americano de levantamento de pesos. Os dirigentes discutiram e não quiseram levar o consagrado halterofilista. Pagou para competir.

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

REVISTA DA SEMANA

ANO 55 — N.º 16 — Rio de Janeiro — 16-4-55

Propriedade da Companhia Editôra Americana
Diretor-Presidente .... Gratuliano Brito
Diretor-Comercial .... Ivan Guimarães
Diretor-Gerente .... Wenceslau Quintais
Redatores e corretores... S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega
ENDEREÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

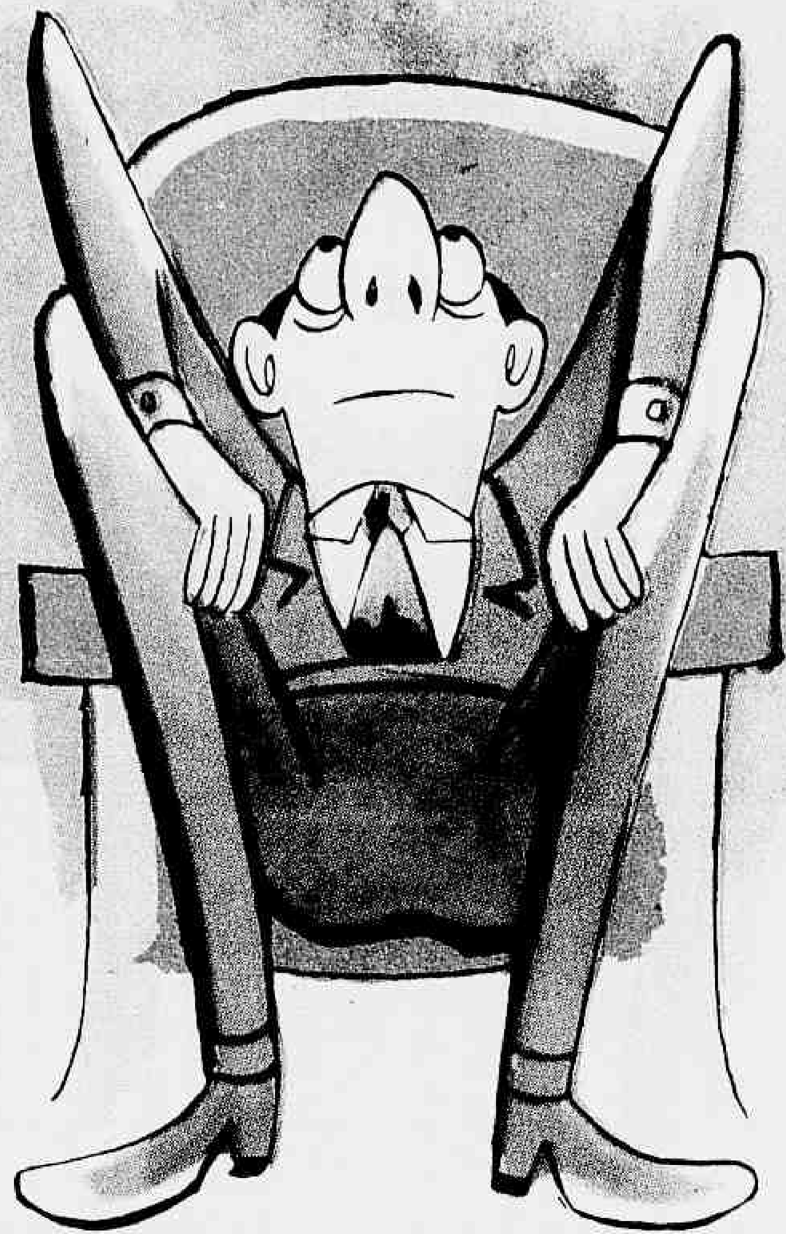


P. B.

Fêz as «Mãos» mais fabulosas
Pôs um «Cravo na lapela»
E com peças tão rendosas
Foi ver o mundo à janela.

Depois as chuvas chegaram
E «Choveu Prata» (que intriga!)
As «Xepas» nunca acabaram
E hoje tem «Mulher de Briga»...

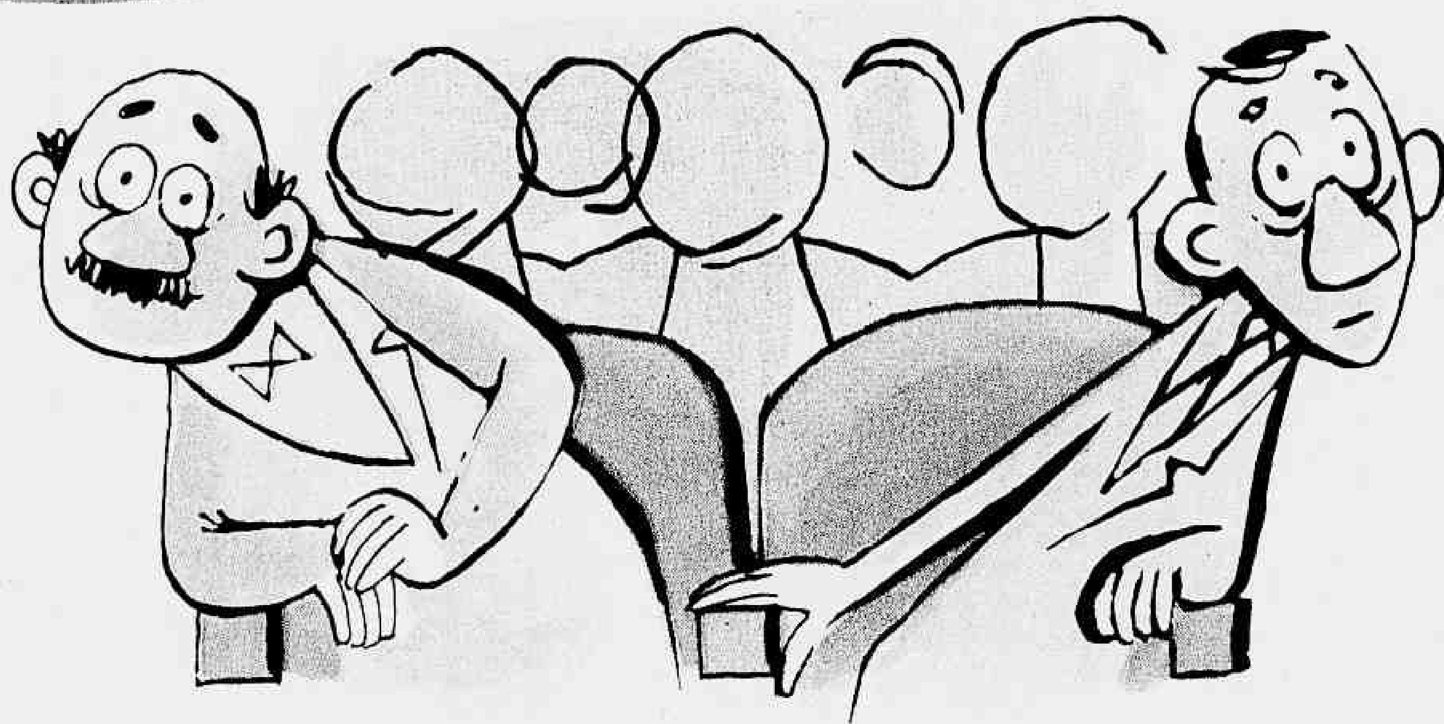
FORTUNA (sem ver a fita) APRESENTA "CROQUIS" dos



Na primeira fila



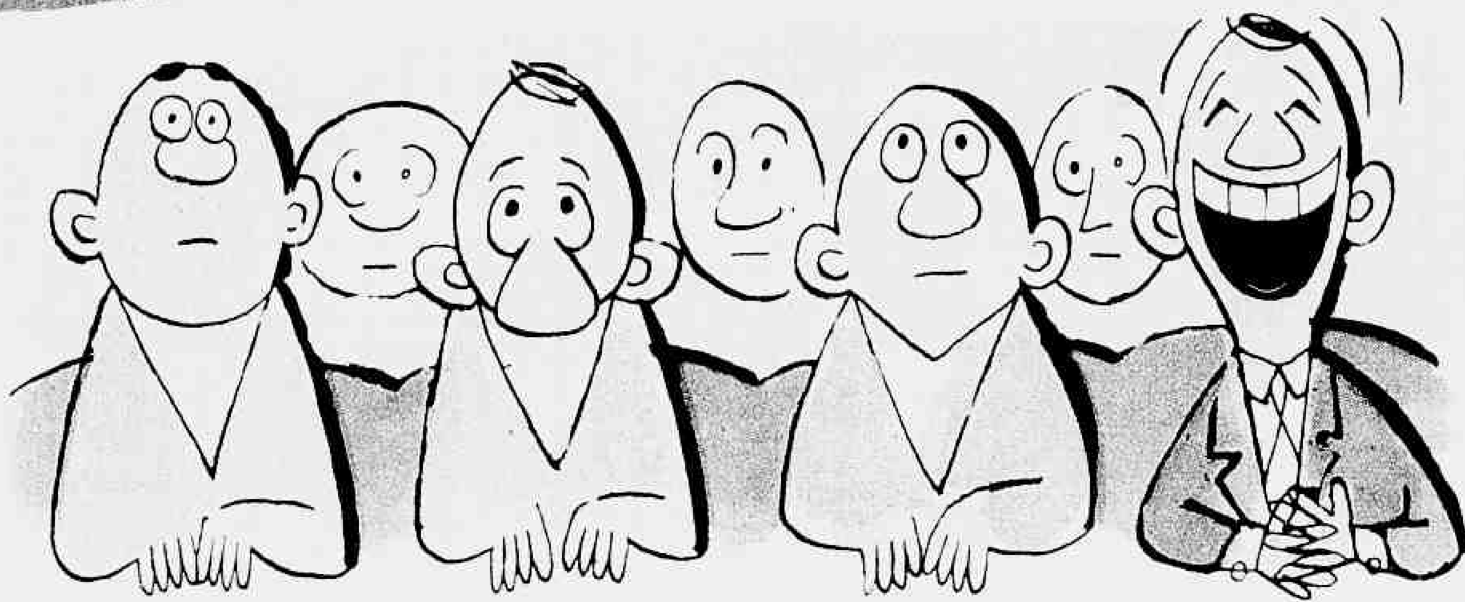
Sessão das 2



Casal de namorados na frente

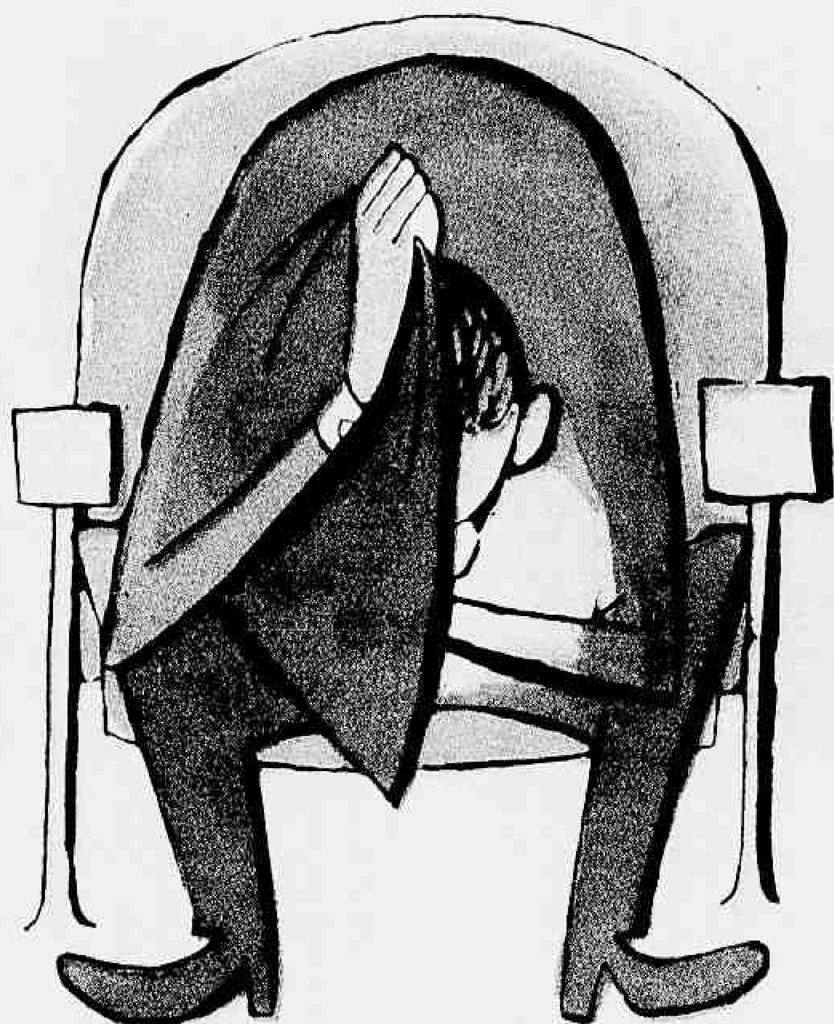


CinemaScope



Piada em inglês sem tradução

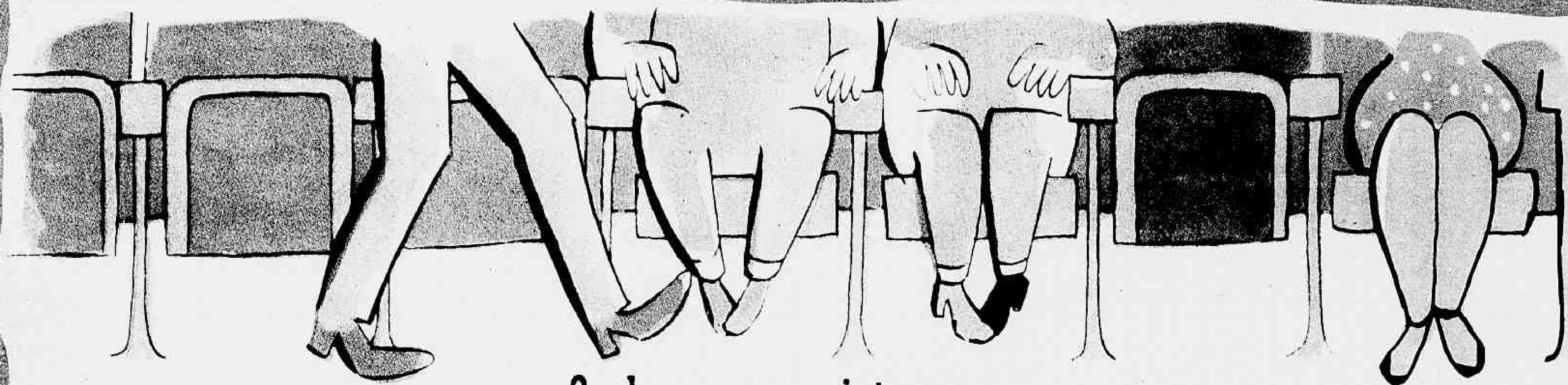
Espectadores



Cigarro



Senhora de chapeu na frente



O lugar que interessa



Complemento nacional

REVISTA DA SEMANA

AGUARDE:
"A CENA MUDA"
EDIÇÃO
CARMEM MIRANDA



NO TEXTO:

O ADEUS DE CARMEM AO BRASIL